

A Defesa Nacional

3.

JANEIRO
1948

NÚMERO
4 04

Coronel RENATO BAPTISTA NUNES Diretor Presidente
Coronel ARMANDO VILANOVA P. DE VASCONCELOS Diretor Secretário
Major BELLARMINO NEVES GALVAO Diretor Gerente
Major JOSE CODECEIRA LOPES Auxiliar
1.º Ten. DIOGENES VIEIRA SILVA Auxiliar

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIV

Brasil — Rio de Janeiro, JANEIRO, de 1940

N. 404

SUMARIO

Editorial	Pag.
	3

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

Cavalaria, Sempre Cavalaria — Ten. Cel. Descartes Cunha	9
Testes de Bateria — Ten. Cel. Heitor Borges Fortes	11
A Linha de Fogo na Guerra — 1º Ten. Germano Seidl Vidal	19
O Tiro da Metralhadora — Cap. Mou Neto	37
Meios Antiaéreos das Grandes Unidades — Maj. José Campos de Aragão	61
A Nossa Engenharia na Itália — Cap. Raul de Cruz Lima Junior	65
Também se Combate à Noite — Cap. Alberto Cardoso	61
Noções Práticas de Pedagogia — Ten. Cel. Franklin do Nascimento	65
O Concurso de Admissão à Escola de Estado Maior; uma solução para a questão de Cavalaria — Major Paulo Enéas F. da Silva	71
Reconhecimento, escolha e ocupação de Posição no Grupo Caso em que não se dispõe de tempo — Maj. Jardei Fabricio	81
Cavalaria Brasileira — Maj. Arnold Ramos de Castro	95

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

O General Marshall Compara o armamento e a munição do Eixo com os dos Aliados	101
A Propósito das atitudes internacionais da Rússia — Cel. J. B. Magalhães	109
O Exército e a alimentação — Cap. Rui Alencar Nogueira	121
O Chefe — Comt. René Andriot — trad. Ten. Rubem Mario Jobim	127
Geografia e História Militar — Gen. George C. Marshall	
Chichorro da Gama — herói da arma de Engenharia — Ten. Cel. Adalardo Fialho	129

OPINIÕES

A Lavoura e a valorização do homem no sul de Mato Grosso — Cap. — Moacyr Ribeiro Coelho	133
Colônias Militares — 1º Ten. Diógenes Vieira Silva	137

ASSUNTOS DIVERSOS

Boletim	143
Notícias Militares	145

LIVROS NOVOS

A Instrução Militar Moderna — Ten. Cel. Mario Poppe de Figueiredo	148
Publicações Recebidas	152
Noticiário & Legislação	164
Livros Novos	164

EDITORIAL

AS GRANDES MANOBRAS

O ano de 1947 marcou necessariamente um novo ciclo de atividades úteis para o Exército com a execução das grandes manobras regionais, tão salutares, como testes de rendimento e eficiência da preparação militar de que é responsável o Exército em tempo de paz.

O nosso R.P.I.Q.T. preconiza com insistência a execução desses exercícios no âmbito das Grandes Unidades para permitir frequentemente o adastramento do Cmdo., Estados Maiores e Serviços no quadro conjunto em campanha, além do emprego combinado das armas. Circunstâncias várias interromperam desde 1940 a realização desses exercícios entre nós.

Na fase atual de evolução por que estamos passando — organização, material, regulamentos, métodos e processos de instrução — reclamados pela nova concepção da Guerra e em consequência dos ensinamentos colhidos com a experiência no campo de batalha — não bastam os "laboratórios de idéias", (as escolas de oficiais), os exercícios táticos no quadro das unidades de emprego, os programas de instrução bem elaborados e, em regra geral, deficientemente executados; faz-se mistério indiscutivelmente o trabalho de equipes no

se não fosse a decisão de seu cmte., oficiais e praças impregnados de um elevado espírito profissional e de corpo, de uma disciplina e patriotismo e de alta capacidade técnica e compreensão da nobre missão do Exército.

Os cinco dias de trabalhos intensivos no campo valeram como testemunho de quanto podem a vontade e a noção exata do cumprimento do dever, vencendo tantas dificuldades.

No quadro tático de um Corpo de Exército, trabalharam o Cmdo., os Estados Maiores, os Serviços e a tropa da 1.^a D. I. e do núcleo da D. B. de forma harmônica e exemplar.

Na preparação não faltaram ao chefe os aspectos essenciais ao gênero das operações a desenvolver. Pela primeira vez, se fez executar no âmbito das grandes manobras a que se refere o R. P. I. Q. T., o Serviço Geral de Arbitragem, tão indispensável para que se possa imprimir o cunho de objetividade e realismo ao campo de batalha.

Sua associação à Figuração de Fogos também foi prevista e executada a contento.

Grandes ensinamentos dai resultaram e precisam ser explorados para que se possa aperfeiçoar o sistema, no próximo período de instrução.

Nossa gente não está habituada a esse gênero de trabalhos e ainda não comprehendeu toda sua utilidade. Precisa não descurar dêles desde o inicio da instrução coletiva, submetendo-se os oficiais e sargentos a uma instrução especial reclamada pela delicadeza da tarefa dos árbitros como complemento indispensável.

A "A DEFEZA NACIONAL" ao registrar esse trabalho congratula-se com o excellentíssimo senhor Ministro da Guerra, chefe do E. M. E. e especialmente com o Cmt. da Zona Leste e 1.^a R. M. pelo magnífico exercício realizado em bem do Exército e do Brasil.

Que essa iniciativa se reproduza no maior número de R. M. em 1948, são nossos melhores votos.



JOÃO GOMES RIBEIRO FILHO
General de Divisão Reformado

Nascido a 9 de Março de 1871, na então Província de Alagoas, faleceu a 27 de Dezembro último, nesta Capital. Praça de 23 de Fevereiro de 1857, passou para a reserva em 9 de Março de 1937, após haver prestado relevantes serviços ao Exército durante quase meio século de atividade militar. Pertenceu à Arma de Artilharia e possuía os cursos de Engenharia e Estado-Maior e de Informações da Escola de Estado-Maior. Era, também, Bacharel em Ciências. Suas promoções a Major, Tenente-Coronel e Coronel obedeceram ao princípio de merecimento. Dentro dos inúmeros cargos que exerceu, destacam-se, em tempo de paz, o de Encarregado das Fortificações do Estado de Alagoas, o de Comandante das 1.^a, 3.^a e 5.^a Regiões Militares e o de Ministro da Guerra, este último no período compreendido entre 7 de Maio de 1935 a 5 de Dezembro de 1936; em campanha, o de comandante de um destacamento que deu combate ao Cruzador "Acuadaban" e fortificações rebeldes (1894), o de comandante de uma Brigada em operações (1924) e o de comandante de forças das 6.^a e 7.^a Regiões Militares (1925-1926). Como Ministro da Guerra, superintendeu a reação contra o movimento comunista irrompido em Natal, Recife e neste Capital, em 1935. Possuidor da medalha brasileira de ouro com passadeira de platina, Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar e Comendador da Legião de Honra, este eminentíssimo brasileiro foi, sem dúvida, uma ilustre figura de soldado, cujo passamento esta Revista consigna com profundo pesar. Prestando-lhe esta última homenagem, apresentamos sinceros pesames à sua Exma. Família.

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrá-los o caminho do dever."

Gen. Osório

- "As satisfações que a profissão militar dá compensam largamente os inconvenientes que a acompanham. Poucas carreiras as proporcionam tão puras, nobres e elevadas."

Cel. Lebaud

Cavalaria, sempre Cavalaria

Aos jovens tenentes

Ten. Cel Descartes Cunha

A guerra é realidade e não teoria — realidade das mais graves na vida de um povo.

Ludendorff.

— A despeito da fantasia de alguns que se deixam seduzir pela aparência das coisas e procuram concluir de casos particulares, a cavalaria continuará, ainda e sempre, representando um papel importante nas operações de guerra terrestre, particularmente, num país como o nosso de indústria incipiente, deficiente em rodovias e cujas extensas zonas fronteiriças do Sul se caracterizam por seus largos horizontes e inúmeros obstáculos representados por seus rios, ribeiros e córregos que, na estação das chuvas, aumentam consideravelmente de volume.

— *A cavalaria é eterna. Porque?*

Enquanto os exércitos do ar e mar, não forem capazes de resolver as lutas armadas, sem a cooperação dos de terra, e a êstes for indispesável, para uma atuação eficaz, a permanência dos informes, o tempo e o espaço para a liberdade de ação do comando, em seus diversos escalões, subsistirá a cavalaria, arma que se distingue pela possibilidade de transportar, em qualquer terreno, rapidamente, meios de fogo poderosos aliados a uma grande capacidade manobreira.

— *Cavalaria, sempre cavalaria,* uma arma se caracteriza não pelos processos que emprega e pelos meios de que dispõe momentaneamente, mas sim, pelas suas missões; permanecendo estas, a arma subsistirá e o seu evolucionar no que diz respeito a sua organização e meios é o resultado natural, dado o incessante aperfeiçoamento técnico do material, para a preservação de propriedades que lhe facultem o cumprimento de suas missões.

Meus camaradas, de vós muito espera a Cavalaria, a cavalo ou a motor, conservai imutável o seu *espírito*, sintetizado na *Audácia* e caracterizado por uma :

- *Concepção simples* — "A arte da guerra é uma arte simples e toda de execução" Napoleão.
- *Decisão rápida* — "Tem o fator tempo uma importância toda particular na guerra. Vale mais — muitas vezes — tomar-se com oportunidade, uma decisão bastarda do que uma solução mais lógica mas que intervenha tarde de mais" Gen. Gamelin.
- *Execução imediata* — Na quase generalidade das situações, a rapidez de execução permite, só por si, superar uma inferioridade momentânea.

A fórmula da cavalaria, segundo Ardant du Picq é *R* — Resolução — sendo *R* maior que todos os *MV²* do mundo. Convém esclarecer aos que julgam que o cavaleriano — *Decide sem pensar* —, que, ousar em cavalaria não implica no desprezo absoluto da prudência.

BAR TIRADENTES

CASA ESPECIAL EM FRUTAS
LATICÍNIOS E MOLHADOS FINOS

GAIA, CRUZ & CIA. LTD A.

PRAÇA TIRADENTES, 14

Telefone 43-4248

RIO DE JANEIRO

Provem as Deliciosas Rosquinhas de Manteiga e Bolachinhas de água e Sal.

Padaria e Confeitaria SÃO SALVADOR

M. MONTEIRO & CIA. LTD A.

Rua São Salvador, 87 — Telefone 25-6786

FLAMENGO

RIO DE JANEIRO

FILIAL: Panificação e Confeitaria Chic Mundial
R. Carolina Machado, 1024 — Tel. M. Hermes 30 — RIO

TESTES DE BATERIA

Ten. Cel. Heitor Borges Fortes

Na 1.^a D. I. foram adotados no ano de instrução que vem de terminar, programas calcados em documentos e regulamentos do Exército Norte-Americano, os quais permitiram um elevado rendimento na tarefa de instruir o excelente contingente de conscritos que a nova Lei do Serviço Militar fez chegar aos corpos de tropa.

Fazendo táboa rasa de certos tabús consagrados pela tradição, foi possível iniciar a formação de graduados e especialistas desde o primeiro dia do período de recrutas, separados estes em grupamentos, depois de provas simples e da observação de seus Chefes no período de adaptação.

Por outro lado tais programas foram despidos de muitos itens referentes a assuntos chamados de instrução geral, e de certos requintes na instrução técnica, de sorte que ao fim do período foi possível organizar definitivamente as sub-unidades de combate, de comando e de serviços, com suas Secções e Turmas completas.

Ao iniciar o 2.^º Período os corpos estavam, pois, em condições de instruir suas sub-unidades no quadro da Unidade, isto é, os Comandantes de Grupo sentiram necessidade de centralizar os trabalhos de campo de suas baterias, incutindo desde logo a noção de trabalho em equipe, formadora de um bom espírito de corpo, e ganhando tempo sobre a instrução prevista para o 3.^º Período.

A realização de escolas de fogo de instrução, no estudo e aplicação do método geral de tiro ora preconizado pelo FM 6-40, foi feita com grande entusiasmo e interesse por parte dos oficiais e tropa, de sorte que o período de bateria foi encerrado com a execução dos testes a que se referem os anexos, desenvolvidos em Gericinó pelas Baterias de Obuses 105 e 155, sob a direção dos Comandantes de Grupos e arbitrados pelo Comando da Artilharia Divisionária.

Os resultados obtidos foram bons, pondo à prova a capacidade de comando dos oficiais das Unidades e o gráu de instrução da tropa executante.

Dando publicidade aos testes de bateria queremos ressaltar que não se trata de um trabalho definitivo e sim uma adaptação de do-

cumento da mesma origem já citada, sendo nosso objetivo informar aos camaradas que servem em outras Regiões Militares, sobre as novidades no terreno da instrução.

REGIMENTO FLORIANO
(1º R. O. 105)

RELATÓRIO DE EXAME DE BATERIA

UNIDADE	DATA
BATERIA	P. Bia
CMT. DE BIA	P. O.

JULGAMENTO

GRAU.

1 — Ocupação e organização da posição	_____
2 — Rapidez	_____
3 — Tiro sobre objetivo inopinado	
Precisão dos dados iniciais	_____
Rapidez da regulação	_____
Julgamento e método seguido	_____
Efeito	_____
4 — Precisão na localização da peça diretriz e do ponto de vigilância	_____
5 — Determinação de dados da carta, corrigidos	_____
6 — Regulação	
Julgamento e método seguido	_____
Funcionamento da Bateria	_____
Melhora	_____
7 — Cálculo do coeficiente K em alcance e correção em direção	_____
8 — Aplicação de correções	_____
9 — Transporte do tiro	
Determinação de dados	_____
Efeito	_____
10 — Transmisões	_____
Gráu da Bateria para a prova	_____

OBSERVAÇÕES DOS ARBITROS :

Quartel : em Vila Militar, de Novembro de 1947

— / —

Tiro sobre objetivo inesperado (*alvo de oportunidade*).

UNIDADE _____	DATA _____
BATERIA _____	LOCAL de P. O. _____
CONDUTOR DO TIRO _____	LOCAL da P. B. _____
	ANG. OBS. _____

MUNIÇÃO CONSUMIDA _____

	Valor (1)	Crédito
1 — Precisão dos dados iniciais Atribuir 100% si no balizamento os 2 tiros enquadrem o objetivo e si o lance de direção permitir conduzir sobre o plano de tiro Si não houver balizamento a 1. ^a Salva (de centro ou Bateria) deve ser um dos limites de enquadramento.		
2 — Rapidez de regulação Para emissão de comandos dentro de 3 minutos	(1,5)	0,5
Desde a indicação dos dados relativos à localização e natureza do objetivo até que a regulação esteja terminada, atribuir ao tempo consumido para tiro nas cargas 1 a 5, inferiores a 4' 30"	1	
para tempo entre 4' 30" e 7'	0,8	
para tempo entre 7' e 10'	0,5	
3 — Julgamento e método seguido Far-se-á deduções razoáveis para lances comandados em direção ou sentido errôneo; hesitações em tirar proveito das observações ditadas pelo terreno; escolha inapropriada de método a seguir na regulação. Dar-se-á o gráu máximo quando o tiro de eficácia for comandado para o centro de um enquadramento em alcance adequadamente estabelecido e na direção correta (caso do enquadramento em alcance) ou a correspondente ao centro de um enquadramento em direção adequadamente estabelecido (caso do enquadramento em direção) e no alcance correto.	(2,5)	
4 — Efeito	5	

O julgamento será feito pela observação do árbitro no P. O..

TESTES DE...

Determina-se o gráu pela apreciação da distribuição efetiva resultante do enquadramento obtido em direção e em alcance.

Total

UNIDADE _____
 BATERIA _____
 CMT. L. F. _____

DATA _____
 LOCAL da P. B. _____
 PROCESSO _____

*DETERMINAÇÕES DAS COORDENADAS
DA PEÇA DIRETRIZ*

		<i>Coordenação da P. D.</i>
DETERMINADO		X =
PELO COMANDANTE DA LINHA DE FOGO		Y = Z =
DETERMINAÇÃO		X =
PELO		Y =
ARBITRO.		Z =
DIFERENÇA		$\Delta X =$ $\Delta Y =$ $\Delta Z =$
ERRO	$\sqrt{\Delta X^2 + \Delta Y^2}$	

O êrro será calculado pela fórmula acima indicada.
 Dar-se-á gráu máximo (20) quando o êrro for inferior a 2 metros.

Abater 1 ponto para cada 1 metro excedente de 2.
 O ΔZ deve ser inferior a 2 metros.

— / —

UNIDADE _____ LOCAL _____
 BATERIA _____
 OFICIAL _____ DATA _____

DETERMINAÇÃO DE DADOS DA CARTA, CORRIGIDOS.

	Valor	Crédito
1 — Rapidez		2
Atribuir 100% quando o cálculo dos dados da carta corrigidos fôr completado em 15 minutos.		
Abater 0,5 pontos para cada 5 minutos excedentes.		
2 — Precisão	(3)	
Em alcance	2	
Em direção	1	

O Oficial que estiver comandando o tiro entregará ao árbitro o Boletim Meteorológico recebido e uma cópia da folha de cálculo que tiver usado, na qual constem os dados iniciais para o tiro sobre o objetivo indicado por coordenadas (que não será executado).

— / —

UNIDADE _____ DATA _____
 BATERIA _____ LOCAL de P. O. _____
 OFICIAL _____ LOCAL da P. B. _____
 MUNIÇÃO _____ ANG. OBS. _____

REGULAÇÃO SOBRE ALVO AUXILIAR

<i>1 — Regulação de precisão :</i>	<i>Valor Crédito</i>
a) <i>Julgamento e método</i>	(1,5)
1 — Método	0,1
2 — Precisão dos dados iniciais (Dar grau máximo quando o balizamento enquadrar o objetivo em alcance e a modificação de direção for menor que 16 milésimos — (para a distância observada).	0,1
3 — Comandos (Fazer deduções razoáveis pelas hesitações, incertezas, cálculos demorados).	0,1
4 — Julgamento Fazer deduções razoáveis para deslocamentos em sentido errôneo, hesitação em conclusões ditadas pelo terreno — procedimento inapropriado).	0,2
5 — Rapidez O tempo consumido na regulação não deve exceder de 9 minutos (muito bem) ou 13 minutos (satisfatório), deduzindo-se 01 para cada minuto ou fração que excede ao tempo mínimo	1,0
b) <i>Funcionamento da Bateria</i>	(1,5)
1 — Funcionamento das transmissões	0,5
2 — Rapidez na execução dos comandos	0,5
3 — Perfeição na execução dos comandos (introduzir deduções razoáveis para os erros cometidos na linha de fogo).	0,5
c) <i>Melhora</i>	(4,5)
1 — Direção ajustada	1,5
2 — Alcance ajustado	3,0

Admite-se um erro em direção de 5 metros na ajustagem.
O erro em alcance deve ser menor que 1/4 do Garfo ou "C".

Total

UNIDADE _____ DATA _____
 BATERIA _____ LOCAL _____
 CONDUTOR DO
 TIRO _____ MUNIÇÃO _____

TESTE DE BATERIA DE ARTILHARIA DE CAMPANHA
 (Lista de verificação)

7 — Cálculo do coeficiente K em alcance e correção da direção — 5 pontos.

	Valor	Crédito	Total
--	-------	---------	-------

a — Rapidez

1 —

Tempo concedido para o cálculo de K :
 10 minutos.

Abater 0,5 pontos para cada 5 minutos
 excedentes dos 10 minutos

b — Precisão

4

1) K

2,5

2) Correção em direção

1,5

8 — Aplicação das correções

2,5 pontos

- 1) Aplicação da correção em alcance 1,5
 2) Aplicação da correção em direção 1.

Total

• _____ / / _____
 UNIDADE _____ DATA _____
 BATERIA _____ P. O. _____
 CONDUTOR DO
 TIRO _____ P. B. _____

MUNIÇÃO _____

Transporte de tiro sobre objetivo previsto

(A partir de P. V. ou A. A.)

- 1) Determinação dos dados

	Valor	Crédito
--	-------	---------

4

prática concluímos que dois homens, bem treinados, executam com absoluta correção as tarefas necessárias, distribuindo-as da seguinte maneira :

Telefonista da Central — recebe os comandos da C. T., coteja e regista a ficha da L. F.

Telefonista das peças — transmite os comandos para as peças.

Eventualmente, esta turma era reforçada com mais dois elementos : o Sgt. Mecânico de Artilharia como controlador do "Posto" — e um soldado registrador da L. F. (aliviando o telefonista deste encargo).

- 2) — Material : Utilizávamos a documentação abaixo, não regulamentar, porém de excelentes resultados.
 - Ficha da L. F. — registo dos comandos da C. T. e controle das derivas das peças.
 - Ficha de missão de tiro — registo dos comandos de bombardeios para execução pelo C. P.
 - Quadro de elementos da Bia. — com todas as informações relativas aos dados topográficos da posição (coordenadas da R. P. e peças, ângulo base, D. R., frente da Bia, etc.)
 - Quadro de controle da munição — registo da existência da munição nas peças e no paiol da Bia.
 - Transferidor de alças mínimas — com as curvas das alças mínimas de cada peça, calculada para todo o campo de tiro e carga mais desfavorável.

No registo destes quadros adotávamos a notação convencional, também não uniformizada, mas bem conhecida na Artilharia (variando evidentemente nas minúcias). Para interpretação das fichas que se seguem e como sugestão aos muitos companheiros que continuam inventando as suas convenções, damos abaixo a seguida na nossa L. F.:

1 — De uma letra

A Alça	M Mais
B Base, diretriz	N Menos
C Curto	P Percussão
D Deriva	Q Por (tanto) — Rajada
E Escalonamento	S Sítio
F Fogo	T Tempo
H Alto, hora	V Vigilância
I Instantânea	U Unidade que atira
L Longo	Z Vezes

2 — De duas letras

AM	Alça mínima	DU	Duração
AN	Ângulo	EF	Eficácia
BN	Bia não se acha pronta	ES	Esquerda
BP	Bia pronta	FF	Fora do feixe
BA	Bia atirou	FR	Frente
CG	Carga	FU	Fugaz
CN	Centro	GB	Goniômetro bússola
CO	Corretor	GR	Grupo (Unidade)
CR	Curto retardo (espoleta)	IV	Intervalo
CT	Central de tiro	IN	Inscrever
DC	Descançar	JD	Jardas
DO	Desencadeamento a ordem	LC	Lance
DR	Direita	LR	Longo retardo (espoleta)
MT	Metros	RP	Reposar
MU	Munição	SM	Sim, compreendido
NF	No feixe	SO	Só, sómente
NV	Não visto	SR	Sem retardo (espoleta)
PG	Pontaria ao goniômetro	TB	Toda a Bia
PP	Ponto de pontaria	ZN	Zona
QS	Por salva	VE	Verificar elementos
QP	Por peça	VN	Nova vigilância
RE	Regulação		

3 — De três letras

AEP	Atenção escuta permanente	MIN	Minutos
BIA	Bateria	SEG	Segundos
MIL	Milésimo	ESP	Espoleta

4 — Outras convenções

- φ1 Primeira peça
 Aφ23 Abrir sobre a 2.^a peça de 3 milésimos
 Fφ32 Fechar sobre a 3.^a peça de 2 milésimos

Estas convenções, evidentemente, eram do conhecimento dos registradores (do posto da L. F.) e de todos os chefes de peça. A sua utilização no registo das fichas era feita de acordo com os exemplos seguintes :

A LINHA DE...

FICHA DA L. F.

DATA : —

A M : 210

CONTROLE DE DIREÇÃO

N.º	U	Munição			T	D	E	Q	A	φ 1	φ 2	φ 3	φ 4
		M	CG	ESP									
RE	So φ2	KIA I	6M2	SI I		V1DR55		1	380.0		2545		

DATA : —

φ4

FICHA DE MISSÃO DE TIRO

N.º	U	MUNIÇÃO			T	D	A	Q	A	Deriva	
		M	CG	ESP							
X	T.B	107	6M4AI	5II		V1ES73	Aφ 23	36	450	φ4	2679

HORÁRIO —

2200	—	2210	—	2225	—	2240	—	2255	—	2305	
2315	—	2325	—	2350	—	2400	—	0035	—	0045	
0105	—	0110	—	0115	—	0135	—	0137	—	0139	
0150	—	0208	—	0210	—	0220	—	0240	—	0245	
0250	—	0255	—	0315	—	0320	—	0345	—	0355	
O400	—	0402	—	0435	—	0440	—	0458	—	0500	

O transferidor de alças mínimas nasceu da necessidade de se ter, rapidamente, informações seguras sobre a possibilidade de tiro da Bia, em todo o campo de tiro — o que, muitas e muitas vezes, era solicitado pela C. T., para melhor cumprimento das missões de tiro do Grupo. No inicio adotamos um gráfico com eixos retangulares, o qual, aos poucos, transformou-se no modelo apresentado a seguir,

cujo único valor é a simplicidade — condição essencial para o seu manuseio por cabos ou soldados.

Consta, em suma, de uma placa de metal onde se acham gravadas as graduações de acordo com a figura 1; sobreposto a ela é colocada uma folha de "celofane".

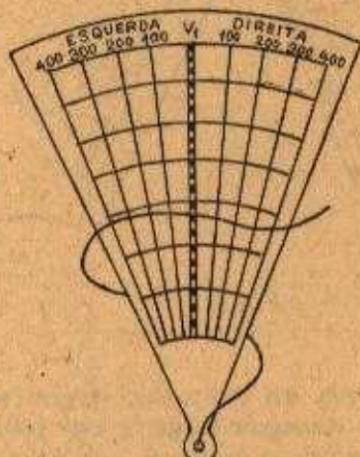


Fig. 1

Ocupada uma posição de Bia é determinada a alça mínima de cada peça e para direções diferentes de 50 milésimos, em todo o campo de tiro horizontal (se houver pontos mais elevados, na massa cobridora, fora destas direções, estes, também, devem ser anotados). Com estes elementos constroem-se as curvas de alças mínimas conforme apresenta a figura 2, arbitrando-se, então, um valor adequado para a elevação correspondente ao primeiro arco de circunferência (escala das alças).

É interessante desenhar as curvas em cores, para destacar melhor as peças e, também, iluminar o trecho da zona de ação que pode ser batido pelas quatro peças — colorindo suavemente a parte correspondente no gráfico.

c) *Comando da L. F.*

Com a organização do posto de comando da L. F. e seu perfeito funcionamento, o Cmt. L. F. fica com absoluta liberdade de ação para comandar, agindo com sua presença no local e ocasião em que fôr necessário.

Creio que uma das mais interessantes conclusões a que chegámos é a de que o tenente deve preparar o seu pessoal para se tornar auto-suficiente, não necessitando de sua intervenção para resolver

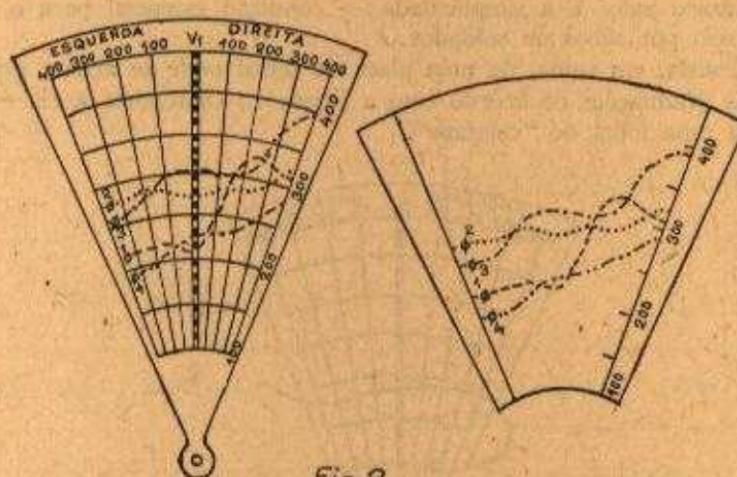


Fig. 2

as questões rotineiras que, em campanha, surgem todos os dias e a todas as horas. Se ele conseguir chegar a este ponto não precisa se preocupar em ter se tornado dispensável, por ter dividido suas tarefas pelos subordinados. Entretanto, isto jamais sucederá porque sempre restará muita coisa para ele realizar; a questão é procurá-la... Citamos aqui como sugestão: Melhoria da organização do trabalho e do pessoal, instrução, manutenção, inspeção, fiscalização, higiene, assistência moral, disciplina, etc.

Para julgamento dos senhores leitores damos a seguir outras notícias sobre o assunto e que julgamos interessantes.

— O processo usual de apontar a Bia era o do goniômetro orientado numa RP., fornecida pelo assistente do S2 do Grupo (Utilizou-se em muitas ocasiões a luneta tesoura, cujo modelo era excelente para este mister, principalmente porque proporcionava melhor visibilidade através das rês de disfarce).

— As peças depois de apontadas referiam sempre sobre dupla balisa e com a deriva fixa: Esquerda 2600''. As razões que justificam este fato são:

1) Necessidade de ponto de pontaria que satisfizesse de dia e de noite, evitando confusões e enganos grosseiros.

2) Vantagem da deriva única para toda a Bia, facilitando sobremaneira o controle das alterações comandadas.

3) Colocação das balisas à frente das peças, impedindo possível indiscreção das luzes dos aparelhos de iluminação (observação terrestre inimiga).

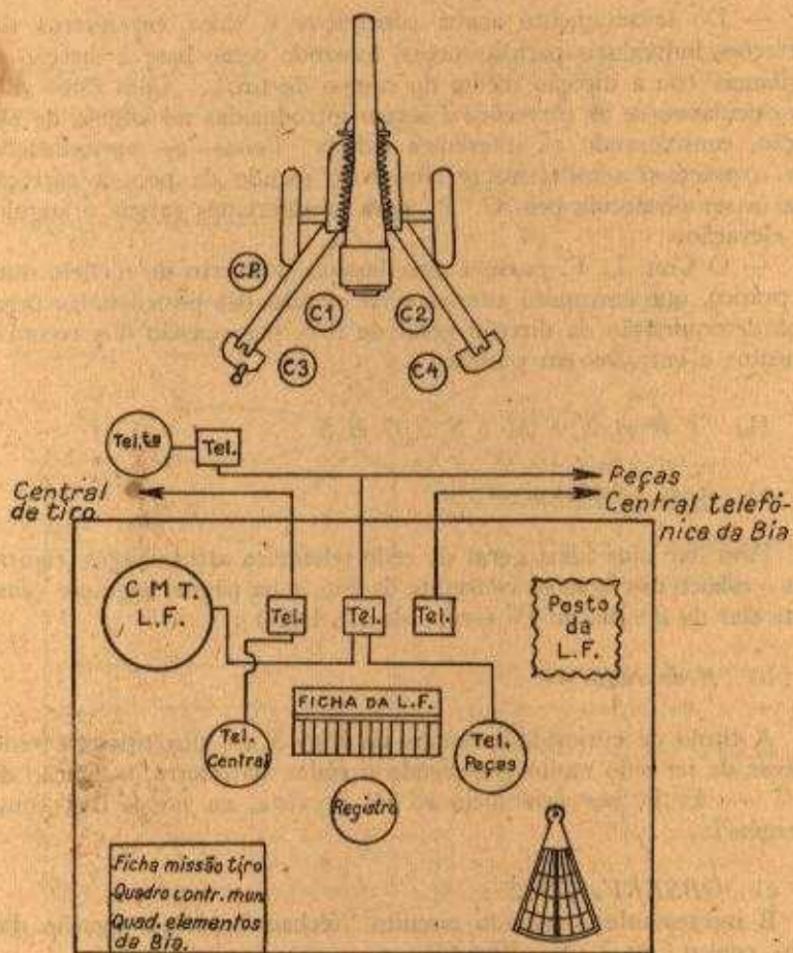


Fig. 3
Esquema do funcionamento da L.F.

4) Dupla balisa facilitando : correção da pontaria em caso de des ancoragem durante tiros, determinação precisa da direção de referência por intermédio de duplo ponto de pontaria e meios dobrados assegurando a realização da pontaria das peças (úteis nos casos de falhas no sistema de iluminação e quedas das balisas).

5) Solução única satisfazendo todos os casos possíveis.

— Quando as peças se encontravam em situação muito irregular o Oficial de Reconhecimento (da Bia) procedia ao levantamento topográfico das mesmas.

— Do levantamento acima conclui-se o valor em metros das correções individuais para as peças, tomando como base a direção de vigilância (ou a direção média do campo de tiro). Com êstes valores calculavam-se as correções a serem introduzidas no ângulo de elevação, considerando as diferentes cargas feitas as aproximações que o processo admite, inscreviam-se no escudo da peça a correção final a ser obedecida pelo C. P. para as diferentes cargas e ângulos de elevação.

— O Cmt. L. F. possuía uma bússola-sítômetro de modelo muito prático, que em muito auxiliava na escolha das posições das peças e na determinação da direção geral de tiro, por ocasião dos reconhecimentos e entradas em posição.

II) TRANSMISSOES

a) Rêde telefônica —

Para dar uma idéia geral da rede telefônica até as peças, figuramos o esboço das ligações constante da Fig. 4 na página seguinte (caso particular da 2.^a Bia do IV Grupo da 1.^a, DIE) :

b) Rêde rádio —

A título de curiosidade damos na Fig. 5 um dos tipos de rede. Apesar de ter sido muito empregado o rádio, na guerra, a ligação da C. T. — L. F. por este meio só foi prevista, na nossa Bia, como emergência.

c) OBSERVAÇÕES :

É interessante o uso do circuito "fechado" para a ligação das peças, com o Cmt. L. F. (Fig. 6).

O artigo diz que uma Bia usou o circuito "fechado", porém com dois telefones no posto da L. F., um em cada extremidade do circuito.

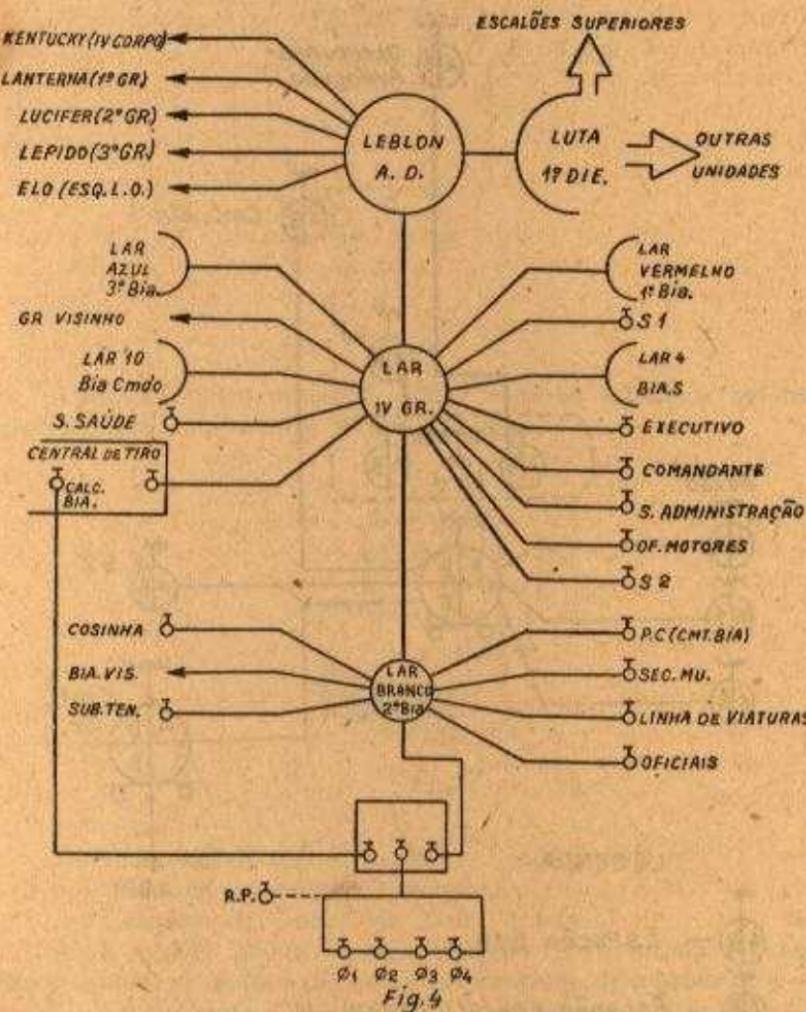
A vantagem deste processo é que a linha pode se partir em um ponto qualquer sem prejuízo para o funcionamento da ligação.

— Na construção desta linha telefônica notamos o seguinte :

— Deve ser feita antes da entrada em posição das peças.

— Passar pelo local da R. P. da Bia ou ponto onde o Cmt. L. F. vai estacionar o seu instrumento topográfico.

Estas observações facilitam extremamente o trabalho de apontar a Bia, principalmente se tratando de material pesado, como o nosso 155, operando em terreno difícil — em virtude de exigir que o

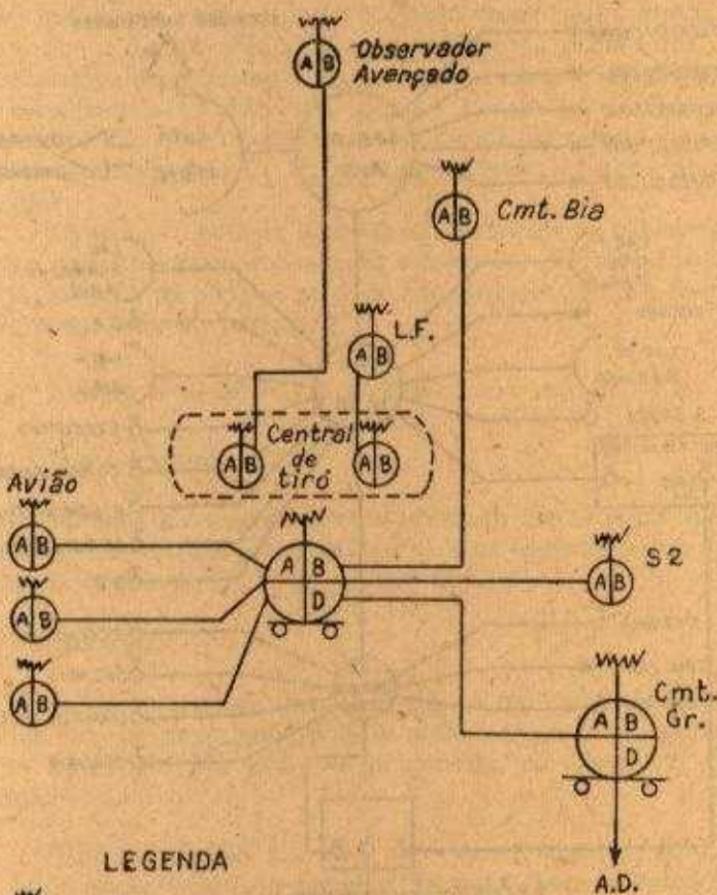


obuz seja desengatado com tubo o mais próximo possível da direção de tiro. Evitam, também, durante a ocupação de posição, os comando à voz, sempre prejudicados pela distância.

— Em todas as posições da Bia, que ocupámos e em todas que visitámos o Cmt. L. F. se ligava às peças por telefone.

— Para a manutenção do telefone em boas condições de funcionamento é conveniente protegê-lo por uma caixa a fim de mantê-lo limpo e seco.

A LINHA DE...



LEGENDA

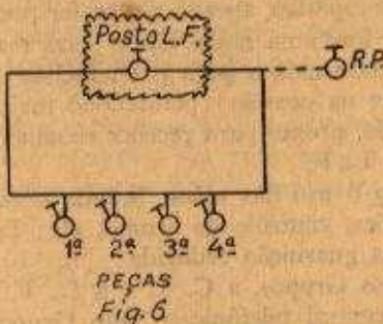
— Estação 610

— Estação 608 (s/Viatura).
A - Canal da rede de tiro.

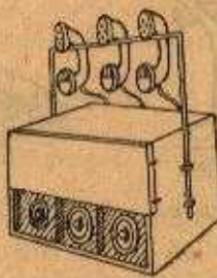
B - Canal da rede de comando

Fig. 5

Uma idéia para a proteção dos três telefones existentes no posto da L. F. é a da Figura 7, usado em nossa Bia e construído exclusivamente com o material dos cunhetes de munição.



Para facilitar a utilização destes telefones adotamos um modo convencional de chamada, muito prático :



- Chamada da central da Bia : 3 toques.
- Chamada das peças : 2 toques.
- Chamada da Central de Tiro : 1 toque.

Esta medida facilita muito o trabalho do telefonista a qualquer hora do dia e da noite e durante o cumprimento de missões de tiro.

— Os quarenta e dois Cmt. L. F. citados na revista de que tratamos, acharam mais conveniente o emprego do cabo pesado (W110), para todos os fins, ao invés do cabo leve (W130).

— Foram também unânimes em concordar que “nenhum executivo (2) necessita combinado de capacete, porque em 24 horas de operações o telefone deve estar onde qualquer um pode utilizá-lo, e, também, porque os suspensórios deste tipo de combinado são de uso muito incômodo”.

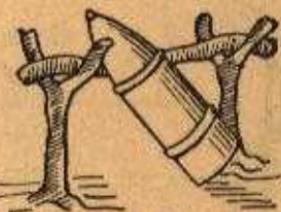
(2) — Mantivemos a palavra “executivo”, na tradução, para frisar que se trata de Cmt. L. F. norte-americano.

É razoável esta opinião apesar de preferirmos este combinado de capacete (de um fone) na nossa Bia e pelas razões seguintes :

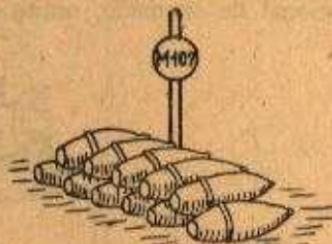
1.^a Uma vez guarnecid a peça o telefonista (qualquer servente que ocupe o telefone na ocasião) permanece, mais obrigatoriamente, com o fone no ouvido, pronto para receber comandos ou ser chamado à atenção pelo Cmt. L. F.

2.^o Não obriga o uso das mãos, ficando o telefonista desembarracado para anotações, controle de tempo, etc; fato que em muito auxilia o trabalho da guarnição reduzida.

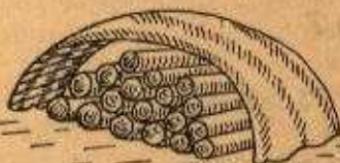
— "Em todos os Grupos, a C. T. e a L. F. podiam se comunicar por meio da central telefônica. Oito Grupos também tinham uma linha direta, entre a L. F. e a C. T., enquanto que quatro Grupos possuíam esta segunda ligação em circuito simples. Muitos dos



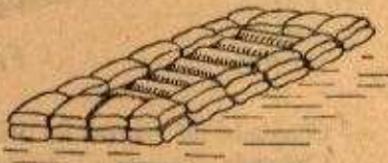
Granada de fosforo branco.



Granadas explosivas



*Gargas de projeção, proteção
sob coberta de metal.*



*Gargas de projeção, proteção
por sacos de areia.*

Fig.8

executivos fizeram objeção ao emprego deste último tipo de circuito, devido ao excessivo cruzamentos de comunicações. Todos os Grupos instalaram linhas laterais entre as Baterias".

— "Todos os executivos concordaram que um pequeno gerador é essencial na posição de Bia. Muitas sub-unidades adotaram os geradores usados no exército alemão (sómente um Grupo não adotou). Um pequeno número de Baterias iluminava o posto do executivo com luzes provenientes de suas viaturas".

Nossa Bia não possuia gerador. A iluminação do posto da L. F. foi variada : Vela, lampião e luz elétrica (alimentação por baterias de pilhas secas ou baterias de acumuladores de nossa viatura de 3/4 de tonelada).

— "Seis Baterias improvisaram um sistema de iluminação com tele-comando (remote control), em suas balisas de pontaria, para o tiro noturno. Todos os executivos requisitaram isto como equipamento padrão."

III) DESLOCAMENTOS

— "Com boas condições atmosféricas, mas sem um alarme antecipado, o tempo necessário para que uma Bateria duma posição organizada seja colocada na estrada, em "Ordem de marcha", é o seguinte :

Calibre	Dia	Noite
Obuz 105 mm	20 — 30 minutos	2 horas
Obuz 155 mm	30 — 90 minutos	3 horas

— "As seções de manutenção da Bateria sempre acompanhavam as seções de canhões".

— Há grande vantagem em se utilizar processos de balizamento para os deslocamentos da Bia. Entre as modalidades destes processos podemos incluir a utilização de placas sinalizadoras, colocadas à margem da estrada, indicando o itinerário a seguir para se atingir o ponto desejado. Estas placas designam, em código, a unidade, sub-unidade ou, eventualmente, fração desta. Isto facilita não só o deslocamento dos orgãos da Bia como, também, fornece indicações constantes aos elementos que a reabastecem ou procuram por diversos motivos.

IV) OCUPAÇÃO DE POSIÇÃO

— "Todas as Baterias seguiam estas normas. O Cmt. Bia era que escolhia, normalmente, as posições para os canhões. Ao fazer isto, ele levava consigo para a frente o assistente do executivo, os chefes de peça e outro pessoal, a fim de preparar a posição. Sempre que possível, esses estudos preliminares estavam terminados antes que o canhão chegassem ao local. Alguns Grupos enviavam sempre para a frente um de seus canhões para fins de colocação em direção. Obviamente, sempre se tentava preparar ao máximo a posição, antes da chegada dos canhões. Quando se deslocavam à noite, todas as

unidades dispunham de um guia para cada uma das peças, os quais ficavam esperando a chegada das mesmas na nova posição."

— "De um modo geral, os executivos chegaram a um acôrdo quanto às distâncias entre as peças, e que era o seguinte :

Calibre	Frente da Bateria	Distância entre as peças
Obuz 105 mm.	120 — 200 jardas	60 — 80 jardas
Obuz 155 mm.	150 — 300 jardas	50 — 100 jardas

— "Quando as frentes das Baterias eram maiores do que as mencionadas acima, os executivos encontravam dificuldades para manter o contrôle, os fios telefônicos das peças partiam-se frequentemente, a entrega de munição para os canhões causava muitas dificuldades e havia excessivo tráfego de outras peças, através da posição".

— "O movimento de viaturas na área da posição deve ser o mínimo possível".

— "Quasi todas as Baterias conservavam seu veículo-trator a 200 jardas da respectiva posição. Algumas conservavam também perto da posição as viaturas de transporte de munição. Todas as outras viaturas eram conservadas na linha de viaturas, distante mais ou menos 800 jardas".

— "Todos os executivos queixam-se de que não lhes foi fornecido, com um grau de precisão aceitável, o azimute da direção de vigilância, ao ocuparem eles uma nova posição; muito frequentemente, logo que a Bateria era posta em posição, a C. T. enviava um ângulo base que obrigava a realização de conteiramente." (3)

— "Os executivos são de opinião que, caso os quartéis-generais dispensem uma atenção mais cuidadosa para a direção de tiro inicial, isto economizará uma grande quantidade de trabalho inútil, por parte dos artilheiros".

— "A ocupação de posição, como o deslocamento no "front", devem ser bem planejado e executado com calma — as soluções apressadas, a afobiação, o nervosismo, são fatores nocivos para o estabelecimento da confiança do subordinado no Chefe e, ainda, coloca em perigo a segurança geral.

— O emprego do guincho e da talha, nos materiais pesados, deve ser muito bem comandado (ação do C. P.) para apressar a entrada em posição em terreno ingrato e evitar acidentes.

(3) — Ter em vista que a peça apontada na direção de vigilância deve ter o tubo na parte média do seu campo de tiro horizontal (escala de direção a zero, em alguns materiais.)

V) MUNIÇÃO

Tipos — Identificação e manuseio

A munição 105 é de fácil manejo porque já vem pronta para o tiro e possue número reduzido de tipos. A munição 155 era, na Itália, variadíssima : 8 tipos de granada, 5 de carga de projeção e 8 de espoleta. Dai a necessidade do reconhecimento perfeito dos diversos elementos de munição pelas suas características, em virtude do eventual desaparecimento de letras, números ou marcas identificadoras. Observe-se ainda, como fato curioso, que a confusão duma granada explosiva tipo M1 com análoga Schneider acarreta considerável variação no alcance, mesmo nas pequenas distâncias. Vejamos, como exemplo :

Granadas	Carga	Ângulo de elevação	Alcance
Tipo M1 (M 107)	5 — M4	267,4	6000 jardas
Tipo Schneider (M 102)	5 — M2	267,4	5090 jardas

Isto nos mostra perfeitamente o perigo na confusão dos tipos de granadas e cargas e, portanto, a necessidade do reconhecimento da munição por todos os serventes das peças (Há vantagem em que todos conheçam as características principais da munição e não sómente o tenente e o sargento).

Cuidados —

Resumidamente os principais itens que se levavam em conta tendo em vista os cuidados e as verificações a serem procedidas em todos os elementos de munição eram os seguintes :

Cargas de projeção : — Saquites furados; ação da chuva; umidade e Sol sobre a pólvora; separação dos diversos tipos e lotes.

Granadas : — Cintas de forçamento (partidas ou amassadas, reparo das mossas ou rebarbas e permanência da cinta protetora); separação e devolução das não recuperáveis na L. F.; loteamento por espécie e peso.

Espoletas : — Verificação individual; devolução das defeituosas; manuseio correto (de acordo com o manual técnico).

Temperatura da pólvora —

A necessidade deste dado para a separação teórica do tiro era facilmente resolvida pelo termômetro especial existente na Bia. A temperatura era tirada na pólvora já distribuída à peça diretriz e de conformidade com horário previsto.

Registros —

"Todos os executivos informavam que raramente tinham em mão uma quantidade de munição 100% precisa, especialmente porque os carregamentos vindos dos pontos de suprimento do Exér-

cito (4) raramente concordavam com a quantidade que era mencionada nas guias de remessa. Havia não sómente erros na quantidade da munição, que chegava ao total de 5 a 6 tiros (cargas e projetis) por carregamento, mas também nos tipos das granadas enviadas, causando embargos. A maioria dos executivos procedia uma contagem acurada da munição existente an posição da Bia por ocasião do seu recebimento e o sargento da Seção de Munições mantinha sempre atualizado um inventário do estoque, efetuando verificações constantes com o registrador. Sempre que possível, todas as Baterias efectuavam inventários cuidadosos do estoque."

Munição fumígena —

Eram utilizados quatro tipos de granadas fumígenas: M116, M110, M105 e M115; as duas primeiras do obuz M1 e as últimas do Schneider.

As granadas M116 e M115 são do tipo queima e carregadas com uma mistura de zinco e hexa-cloretana (dai constar da marcação as letras HC). As granadas M110 e M105 são de arrebentamento e contém fósforo branco (sendo por isto marcadas WP). Estes últimos projetis possuem tríplice ação: Fumígena, incendiária e, eventualmente, causadora de baixa. Devido ao seu carregamento químico necessitam especial cuidado: serem armazenadas na posição vertical (em pé). A razão de ser desta prescrição é que o fósforo branco possui ponto de fusão muito baixo ($44,2^{\circ}\text{C}$) vindo portanto a liquefazer-se sob ação intensa do Sol ou do meio ambiente. Neste estado o fósforo se espalhará no interior da granada solidificando-se novamente tão logo cesse a causa externa provocadora do fenômeno. Se a granada, quando isto suceder, estiver na posição horizontal (deitada) o fósforo se solidificará em posição irregular, variando as características do projétil.

Carga básica — ("Basic load")

"Os executivos informavam que não tinham dificuldades em manter sempre em mão a carga básica de munição. Vejamos alguns pormenores dos comentários emitidos pelos mesmos: As granadas de propaganda, vasais, não deveriam ser incluídas na carga básica; elas podiam ser requisitadas quando necessário. Os Grupos médios e pesados carregam consigo quantidade excessiva de espoletas de tempo. Alguns executivos das Baterias de 105 mm. desejavam mais granadas de fósforo branco e menos fumígenas HC. A única fumaça colorida necessitada pela maioria das Baterias que operavam na Europa era a fumaça vermelha".

Lotes —

"A maioria dos executivos tentava sempre utilizar, para cada missão, as granadas pertencentes a um mesmo lote, o que lhes facilita-

tava particularmente o serviço de registo. Os lotes diferentes eram usados no tiro de inquietação e interdição. Por razões óbvias, os executivos preferem que as granadas explosivas, de fósfero branco ou fumígenas tenham as mesmas características balísticas".

Paióis —

Usavam-se paióis de peça e de Bia. A sua organização, para material de munição desengastada (nossa caso), diferia de todas quantas havíamos imaginado nas instruções em Gericinó. A idéia de paiol associávamos logo a de reunião de número considerável de elementos de munição, abrigados e protegidos — se possível à prova de impactos. Entretanto quasi nada desta bisonha imaginação permaneceu firme diante da realidade da guerra.

Os paióis, na frente de combate, eram áreas mais ou menos extensas onde se reunia a munição em pequenos grupos (jamais ajuntar considerável quantidade de munição numa pequena área), protegida, se possível, ou completamente desabrigada, no caso mais geral — levando-se em conta, sómente, os cuidados de proteção da pólvora contra a ação do sol e da umidade.

Paiol de peça — munição colocada a retaguarda da peça em pilhas de 25 granadas ou 15 cargas, intervaladas no mínimo de 15 metros.

Paiol de Bia — distribuição da munição de modo semelhante ao acima, em área estensa, com acesso fácil para viatura de 2 1/2 ton. e trator de 13 ton., no caso do 155mm.

Na organização do paiol tinha-se sempre em vista :

— loteamento da munição : granadas por espécie e peso; cargas de projeção por espécie e lote (este último, geralmente na dependência mais direta do critério seguido na distribuição das cargas pelo paiol do Grupo.)

- disseminação dos elementos de munição
- proteção das espoletas
- cuidados especiais inerentes às pólvoras.

Remuniciamento :

Realizado normalmente do seguinte modo :

RETAGUARDA

Depósitos do Exército
Pontos de distribuição

FRENTE

Grupo	Bateria
← Bia Serviços	Seç. munições

O trabalho que competia à Seção de Munições era realizado com auxílio de suas viaturas e exigia exaustivo esforço do pessoal. Todas as operações de entrega e devolução eram feitas, no âmbito do Grupo,

A LINHA DE...

com absoluta inexistência de burocracia (exceção feita para a espiota V. T. — na época considerada segredo militar). O controle da quantidade de munição (e não a qualidade, é bom frisarmos) era feito conforme permitissem as condições de combate; ocasiões houve que esta conferência foi realizada "à posteriori" — ou seja, quando as granadas já estavam do outro lado do "front"...

(Continua)

TRAORES E IMPLEMENTOS AGRICOLAS
DA ALLIS CHALMERS MFG. CO.

**SOCIEDADE
TECNICA
DE MATERIAIS LTDA.**

"SOTEMA"



MATRIZ: Rua Libero Badaró, 92 FILIAL: RIO: Av. Pres. Wilson, 198
SAO PAULO CURITIBA: Av. João Pessoa, 103

O Tiro das Metralhadoras

Cap. Moura Neto

I — ESTUDO DA EFICÁCIA

159 — Quanto mais tensa fôr a trajetória e menor a dispersão, mais eficaz será o efeito do tiro, pois as balas disparadas pelas metralhadoras não sendo explosivas, sómente o impacto direto poderá deter a marcha do assaltante.

A partir da Distância de barragem as trajetórias vão se elevando, e as rasâncias teóricas só existirão na origem e no ponto de queda. Sómente com o emprêgo judicioso do armamento, poderemos adaptar as rasâncias das tabelas ao terreno.

A eficácia máxima só poderá ser obtida em terreno plano, ou paralelo à linha de sítio, com o máximo de tensão e o mínimo de dispersão, assim mesmo, colhendo o objetivo com tiro de enfiada.

O presente estudo será feito com a Mtr. Madsen 35-F, podendo ser adaptado para outra metralhadora, desde que se conheçam os desvios prováveis nos diversos alcances, todavia, os resultados obtidos e conclusões são comuns a qualquer tipo de metralhadora.

O alvo que servirá de referência é de largura indefinida e de altura igual a 1,70m, que é a altura de um homem de pé, e o tiro regulado no alcance considerado. (Caso particular do tiro regulado).

Vejamos o que pode acarretar no tiro, em detrimento da eficácia, os êrros cometidos na avaliação das distâncias.

160 — *Nos limites da Distância de barragem — (10)*

a) — A alça empregada é a correspondente a distância exata.

(10) — O Valor exato é 672m, para facilitar tomamos 600m

(* Continuação do n.º 399 do Mez de Agosto de 1947.

O alvo está situado a 600m de distância e atiramos com alça 600 m; o tiro está regulado na base do alvo, o P. M. está coincidindo na base do mesmo. — Fig. 55.

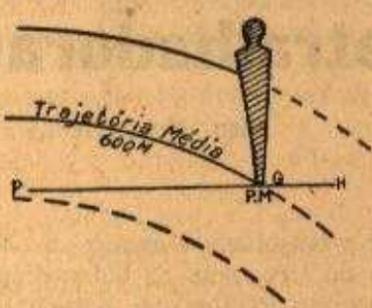


Fig. 55

Visto de perfil

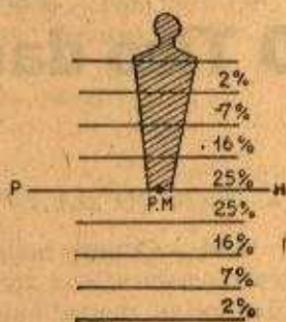


Fig. 55-A

Visto de frente

- antes do alvo: 50% dos tiros atingem o solo;
- no alvo: $1.70 \text{ m} / 0.34 \text{ m} > 4$ D.P.A., logo, as 4 faixas acertaram o alvo, que recebeu: 50% dos tiros dados; (11)
- por cima do alvo: nenhum tiro passou por cima do mesmo.

b) — Erros de alça para mais

1.) — O alvo progrediu 50m, está portanto a 550m, e continuamos o tiro com alça 600m; o tiro permanece regulado no ponto Q.

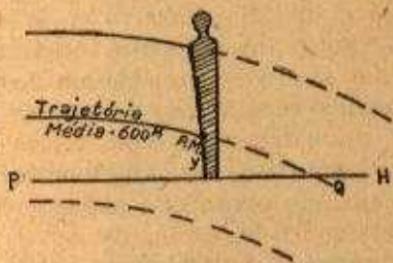


Fig. 56

Visto de perfil

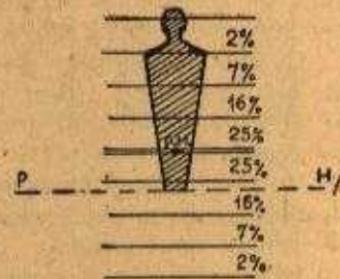


Fig. 56-A

Visto de frente

(11) — Sendo o tiro em rajadas, o D.P. = Z (50%)

A 550 m a ordenada balística da trajetória de 600 m é: 0,395 m; portanto teremos:

- na parte inferior, abaixo da trajetória média, o alvo receberá: $0,395m / 0,305m = 1,2$ D.P.A., ou seja: $25\% + 0,2 \times 16\% = 28\%$.
- na parte superior, acima da trajetória média, o alvo receberá: $(1,70m - 0,395m) / 0,305m$ ou $1,305 / 0,305m > 4$. D.P.A., logo, todos os 50% da metade superior do retângulo de dispersão o atingem.
- Em resumo: no alvo temos: $50\% + 28\% = 78\%$; por cima: 0%; e no solo antes: 22%. — Fig. 56.

2.) — O alvo progrediu 100m, está portanto a 500 m e continuamos o tiro com alça 600m, o tiro permanece regulado no ponto Q.

A 500m, a ordenada balística da trajetória de 600m é 0,79m; logo, a trajetória média atinge o alvo, portanto temos:

- na parte inferior, abaixo da trajetória média o alvo receberá:
 $0,79m / 0,27m$ ou aproximadamente 3 D.P.A., que correspondem: $25\% + 16\% + 7\% = 48\%$
 - na parte superior, acima da trajetória média o alvo receberá:
 $(1,70m - 0,79m) / 0,27m$ ou $0,9m / 0,27m$ ou aproximadamente 3 D.P.A., que correspondem:
 $25\% + 16\% + 7\% = 48\%$.
 - Em resumo: no alvo acertam 96% dos tiros dados; por cima 2%; e no solo antes do alvo 2%.
- 3.) — Caso o alvo estivesse a 450m e atirássemos com alça 600m, obteríamos os seguintes resultados:
- no alvo acertariam 98% dos tiros; no solo antes do alvo; e por cima 2% dos tiros.

Estes resultados nos mostram que estando o alvo dentro dos limites da Distância de barragem da arma, os erros de alça para mais não diminuem a eficácia do tiro; isto nos vem mostrar que podemos empregar a alça de barragem para qualquer distância de tiro inferior ao seu valor.

c) — Erros de alça para menos

1.) — O alvo recuou 50m, está portanto a 650m, e continuamos o tiro com alça 600m, o tiro permanece regulado

A trajetória média do feixe de 600m, caso penetrasse no solo, iria atingir o prolongamento do alvo a 0,635m do P.H.

valor que corresponde à ordenada balística negativa da trajetória 600m situada a 650m da origem do tiro. — Fig. 57.

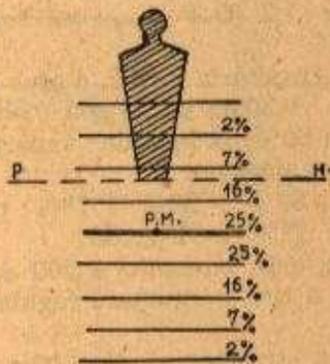


Fig. 57-A

Visto de frente

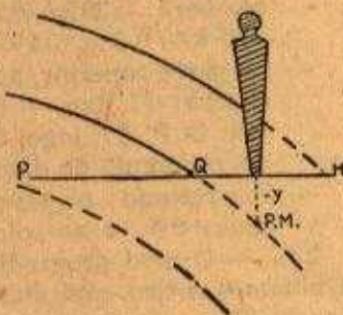


Fig. 57

Visto de perfil

Vemos portanto que cairão no solo antes do alvo: 50% dos que ficam aquém da trajetória média, mais ainda: $0,635m/0,37m \approx 1,7$ D.P.A. ou $25\% + 0,7 \times 16\% = 36\%$.

No alvo acertarão apenas:

$2,3$ D.P.A. ou $0,3 \times 16\% + 7\% + 2\% \approx 14\%$, pois $1,70m$ é maior que os $2,3$ D.P.A.

Em resumo: No alvo acertam: 14% no solo antes do alvo: 86% ; e por cima do alvo: 0% .

2.) — O alvo recuou 100m, está portanto a 700m, e continuamos o tiro com alça 600m, o tiro permanece regulado no ponto Q.

Sendo $y = 1,27m$ e o D.P.A. = $0,40m$, penetrarão no solo antes do alvo, excluindo os aquém do P.M., $1,27/0,40 = 3$ D.P.A. ou $25\% + 16\% + 7\% = 48\%$.

Teremos por resultado: no alvo apenas 2% dos tiros; no solo antes do alvo 98% ; e por cima 0% dos tiros.

Estes resultados nos mostram que mesmo nos limites da Distância de barragem da arma, os erros de alça para menos diminuem consideravelmente a eficácia do tiro, tornando-a praticamente nula.

161 — Além da Distância de barragem

Repetindo o estudo feito anteriormente, supondo que atiramos com uma alça de 800m sobre o mesmo alvo e o tiro permanecendo regulado, o P.M. em coincidência com o ponto de

A L C A 800 m

Alvo a	y	D.P.A.	Acertam	Perdem-se	
				m	m
900m	— 2,05	0,55	1%	99%	0%
850m	— 1,03	0,51	9%	91%	0%
800m	0	0,47	49,2%	50%	0,8%
750m	0,72	0,44	77%	15,4 %	7,6%
700m	1,43	0,40	64%	1%	35%

Para alça 1300 m obteremos:

A L C A 1300 m

Alvo a	y	D.P.A.	Acertam	Perdem-se	
				m	m
1400m	— 4,93	0,98	0%	100%	0%
1350m	— 2,47	0,93	5%	95%	0%
1300m	0	0,87	41%	50%	9%
1250m	1,96	0,83	36, 3%	6,2 3%	57,5
1200m	3,92	0,78	3,4 %	0%	96,6%

queda da trajetória 800m; fazendo variar a posição do alvo para mais e para menos, chegaremos às seguintes conclusões:

De posse destes dados levantemos os perfis de eficácia para as alças 600, 800 e 1300m, dentro das considerações já feitas. — Fig. 58.

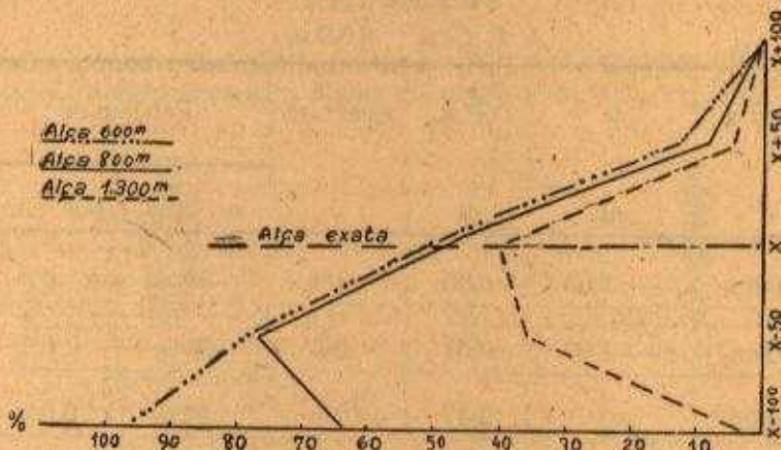


Fig. 58

162 — Pelo traçado dos perfis e resultados obtidos, concluimos que para as metralhadoras:

- até o limite da Distância de barragem, a eficácia cresce à medida que diminue a distância de tiro, e que os erros de alça para mais não afetam absolutamente o resultado do tiro;
- nas médias distâncias de tiro o máximo de eficácia não coincide com o ponto médio do agrupamento, e sim a 50m à frente;
- um erro de alça para menos, qualquer que seja a distância do tiro, diminui consideravelmente o resultado, pois a eficácia é quasi nula;
- além das médias distâncias de tiro o máximo de eficácia coincide exatamente com o P.M. do agrupamento, motivo pelo qual além de 1200 m a alça a empregar deve ser a exata;

Quando houver dúvida na média da distância do objetivo é de toda conveniência o emprêgo das alças escalonadas: de 50m para as distâncias de tiro inferiores a 1200m, e de 100m para as distâncias superiores a 1200m, para que a eficácia não seja nula.

II — ESTUDO DA DENSIDADE DE FOGO

163 — A densidade de fogo ou densidade de tiro, se reveste de grande importância para o cálculo dos elementos de

fogo necessários a cumprir determinada missão com a eficácia necessária.

Este estudo é calcado na dispersão e na rasânciam, e pode ser encarado sob dois aspectos:

- em relação a zona rasada (alvo vertical), e
- em relação a zona batida (alvo horizontal).

Veremos que nos dois casos os resultados são praticamente iguais, e nem poderiam deixar de ser, posto que a zona batida não deixa de conter no seu interior "zonas rasadas", desde que se considere as trajetórias extremas que limitam o grupamento horizontal.

Façamos o estudo para a metralhadora Madsen 35-F, cuja tabela de tiro nos fornece os dados necessários para o mesmo, para outra arma tratar-se-á apenas de uma questão de adaptação.

164 — Com relação a zona rasada (Alvo vertical) —

Uma secção Madsen 35-F batendo uma frente de 100", a 1000m baterá uma frente de 100m e os dois feixes incidirão numa superfície vertical de 100m de largura e de altura igual à dispersão total do feixe a 100m.

Portanto a superfície incidida será de: $100m \times 2 \times 2,49 = 498m^2$, (12) praticamente $500m^2$.

A secção atuando no regime rápido despejará sobre esta superfície vertical 384 balas ou praticamente 400 balas.

O valor mais provável da densidade média de fogo (fórmula 14) será á: $D' = 400/500 = 0,8$ tiro por m^2 .

Um homem estando de pé nessa superfície, e apresentando 1,70m de altura por 0,50m de largura, ou $0,85m^2$, poderá ser atingido com probabilidade:

$$\begin{array}{rcl} 1m^2 & \dots & 0,8 \\ 0,85m^2 & \dots & x \end{array} : x = 0,68\%$$

o que equivale a dizer, que uma tropa com frente superior a 100m, nesta situação, durante um mínimo de fogo, sofreria baixas da ordem de 68%.

Considerando-se apenas a parte mais densa do feixe, ou 80% dos tiros, a percentagem de baixas seria de 54%.

Ao receber os primeiros tiros, como é natural, a tropa se deitará imediatamente, destarte, a superfície vulnerável ficará reduzida a $0,50m \times 0,50m$ ou $0,25^2$ (homem deitado), e teremos baixas da ordem de 16%, considerando-se a parte mais densa do feixe ou 80% dos tiros.

(12) O tiro é considerado em rajadas.

Resultado éste praticamente igual a 1/3 do anterior, pois um homem deitado é aproximadamente 1/3 de um homem de pé.

165 — *Com relação a zona batida* — (Alvo horizontal) —

Os dois feixes incidirão numa superfície horizontal (terreno plano ou paralelo à linha de sítio) de 100 metros de largura e de profundidade igual à zona batida.

Portanto a superfície incidida será de: $100 \times 2 \times 95 = 19000\text{m}^2$.

O valor mais provável da densidade média de fogo será:

$$D' = 400/19000 = 0,02 \text{ tiro por m}^2.$$

Um homem de pé nesta zona, apresentará uma superfície vulnerável de largura 0,50m, e de comprimento igual à zona rasada para 1,70m, ou seja: $0,50 \times 73 = 36,5\text{m}^2$ (13).

1m^2	0,02	
Teremos			$\therefore x = 0,73\%$
$36,5\text{m}^2$	x	

Uma tropa nesta situação, terá baixas da ordem de 73%, e na zona batida útil (80%) de 58%.

Caso a tropa se deite instantaneamente, um homem deitado apresentará: $0,50\text{m} \times 20 = 10\text{m}^2$ (13).

Teremos:

1m^2	0,02	
			$\therefore x = 0,2\%$
10m^2	x	

O número provável de baixas será de 20% e na zona batida útil de 16%.

Fazendo o mesmo estudo para uma tropa situada a 400m, 600m, 1200m e 2400m, obteremos os seguintes resultados: (Z(80%))

166 — Observando os resultados encontrados chegamos às seguintes conclusões:

— até as pequenas distâncias de tiro (400m), em virtude das trajetórias serem rasantes para um homem deitado, a densidade de fogo é máxima, e uma tropa colhida em formação densa, num terreno plano ou paralelo à linha de sítio, será totalmente destruída, se o fogo for bem dirigido;

(13) — Ver colunas 13e 15 da Tábua I Tabela Madsen 35 — F

NA ZONA RASADA

NA ZONA BATIDA

Distância de tiro	NA ZONA RASADA		NA ZONA BATIDA	
	Densidade média	Tropa deitada baixas em %	Densidade média	Tropa deitada baixas em %
400 m	5,8	116%	0,03	398%
600 m	2,5	50%	0,025	58%
1000 m	0,8	16%	0,02	16%
1200 m	0,5	10%	0,019	11%
2400 m	0,06	1,2%	0,01	1,2%

- até as médias distâncias de tiro (1200m), uma tropa deitada num terreno que não apresente abrigos naturais, está sujeita a baixas superiores a 10%, e o seu fogo será desordenado e inoperante, estando obrigada a se enterrar nos abrigos individuais;
- além das médias distâncias de tiro, nas grandes distâncias e muito grandes distâncias de tiro, as baixas serão inferiores a 10%, e numa tropa nesta situação poderá controlar o seu fogo e neutralizar os nossos tiros.

Verdade é que o regime rápido é insustentável por muito tempo, todavia, poderemos atuar no regime acelerado e no normal, as baixas descrecerão para 8% e 4%, ou praticamente 5% e 2,5%; em consequência desta fraca densidade de fogo, o inimigo poderá controlar os seus fogos, porém caso tente progredir retornaremos ao regime rápido.

Concluimos portanto que: "a densidade de fogo ou densidade de tiro é diretamente proporcional ao regime empregado e a profundidade da zona rasada, inversamente proporcional às dimensões da zona batida".

Além de 1000m para manter uma tropa aferrada ao terreno, é preciso que a densidade de fogo seja no mínimo de 0,8 tiro por m^2 , que praticamente corresponde ao número de baixas superior a 10%, e isto será obtido aumentando o regime de tiro, implicitamente, o número de seções de metralhadoras.

Portanto o mínimo, na prática, de 10% de baixas numa tropa deitada constitue o que chamaremos de *eficácia necessária ou resultado eficaz*.

III — APLICAÇÕES DO ESTUDO DA DENSIDADE DE FOGO

167 — Como vimos, para manter o inimigo neutralizado obrigando-o que se aferre ao terreno com os seus meios individuais, era preciso mantê-lo "pregado" ao solo com baixas da ordem de 16% ou praticamente 10%, e sujeito ao triplo, caso tentasse reiniciar a progressão.

Sendo $D' = N/S$, onde S é superfície do objetivo vertical que tem por dimensões: $F \times 2 Za$ (100%), e N o número provável de tiros acertados, vemos que sendo conhecido o valor de D' , podemos calcular N, F e Za, que já constituem várias aplicações práticas.

O valor atribuído a D' , deve ser o necessário (0,8) para obter a eficácia desejada (10%), isto é, aquela que é capaz de manter o inimigo neutralizado.

168 — 1.^o Problema — Um comandante de Cia. de Mtrs. quer barrar uma frente de 50m situada a 2400m, pergunta-se o número de Secções Madsen 35F que deve empregar para que o efeito do tiro seja eficaz.

N

$$\text{Sabemos que } D' = \frac{2F \times Za (100\%)}{N}$$

Conhecemos que F e Za (100%), que para 2400m é igual a 12,6m.

O valor de D' deve ser no mínimo igual a 0,8 por m² (Alvo vertical).

Substituindo vem:

N

$$0,8 = \frac{0,8}{50 \times 2 \times 12,6} \therefore N = 1008 \text{ tiros por minuto.}$$

Uma Secção Madsen 35-F disparando 400 tiros por minuto (regime rápido), serão precisas: 1008/400 ou 2,5 Secções, ou sejam 5 peças Madsen 35-F atuando simultaneamente. Porém, sendo a unidade de tiro a Secção de Mtrs. devemos empregar três Secções, que constituem um pelotão e meio ou praticamente dois pelotões.

169 — 2.^o Problema — Um Comandante de Cia. de Mtrs. Madsen 35-F quer barrar uma frente de 100m situada a X da posição de tiro, quer empregar apenas dois pelotões, pergunta-se qual é o maior valor de X que pode ser empregado, para que o tiro tenha a eficácia necessária.

Para 2 pelotões ou 4 secções temos num minuto: $4 \times 400 = 1600$ tiros, e vem:

$$0,8 = \frac{1600}{100 \times 2 \times Za (100\%)} \therefore Za (100\%) = 10m$$

Indo na tábua de dispersões com argumento Za (100%) = 10m, obtemos o alcance (distância de tiro) igual a 2200m (9,9m).

Portanto a frente a barrar deve estar no máximo a 2200m para que o resultado seja eficaz.

170 — 3.^o Problema — Uma Cia. de Mtrs. Madsen 35-F deve barrar uma frente situada a 3000m, pergunta-se qual a largura da frente para que o tiro seja executado com eficácia.

Para a Cia. temos 4 pelotões ou 8 secções, ou seja: N = 3200 tiros, e Za (100%) para 3000m é igual a 26m, donde vem:

$$0,8 = \frac{3200}{F \times 2 \times 26} \therefore = 76m, \text{ praticamente } 70m.$$

167 — 4.^o Problema — Determinar as distâncias de tiro máximas que podemos bater as frentes de 50m e 100m com eficácia necessária, utilizando elementos Madsen 35-F.

Procedendo como foi feito no 2.^o problema para N=400 800, 1600 e 3200 tiros; e F=50m e 100m, teremos:

Elementos	Distância de tiro	Frentes batidas com eficácia.
Madsen 35-F		
Secção	1000m 1600m	100m 50m
Pelotão	1600m 2200m	100m 50m
2 Pelotões	2200m 2800m	100m 50m
Companhia	2800m 3300m	100m 50m

171 — 5.^o Problema — Calcular a munição B2M necessária para barrar uma frente de 300m a 1600m, com eficácia, durante um minuto de fogo no regime rápido e três minutos no regime acelerado.

Determinemos o número de secções necessárias para o cumprimento da missão imposta à Cia...

No regime rápido a densidade média deve ser de 0,8, portanto vem:

$$0,8 = \frac{N}{300 \times 2 \times 4,92} : N = 2362 \text{ tiros, praticamente } 2400 \text{ tiros}$$

Serão necessárias portanto 6 Secções Madsen 35-F ou 3 Pelotões.

A munição consumida será:

no 1.^o minuto 2400 tiros
nos 2.^o, 3.^o e 4.^o minutos ... 3x1200 tiros ou 3600 tiros.

Em 4 minutos de fogo a munição consumida será da ordem de 6000 tiros, que corresponde praticamente a 3 cunhetes.

Verdade é que nos 2.^o, 3.^o e 4.^o minutos a densidade será menor, e a tropa não estará neutralizada, todavia, impossibilitada de continuar a progressão, sob pena de ter baixas superiores a 30%; deitada estará sujeita a baixas de 5%.

172 — Número provável de baixas em tropas descobertas —

Admitindo-se que o objetivo tenha a frente superior à frente batida, a percentagem provável de baixas, num minuto de fogo, em tropas descobertas pode ser expressa por:

$$B = 80 \times D' \times S$$

onde 80% constitue a parte mais densa do feixe, D' a densidade de fogo sobre o alvo vertical e S a superfície vulnerável de cada elemento constitutivo da tropa.

$$\text{Infantaria} \quad S = 0,85\text{m}^2 \therefore B = 68 \quad D' (\text{de pé})$$

$$S = 0,25\text{m}^2 \therefore B = 20 \quad D' (\text{deitada})$$

$$\text{Cavalaria} \quad S = 1,5 \text{ m}^2 \therefore B = 120 \quad D'$$

Exemplo:

Uma Secção Madsen 35-F atira numa tropa de infantaria, de surpresa. O tiro é executado no regime rápido e a tropa está a 900m; considerando-se o tiro ajustado, pede-se o número provável de baixas num minuto.

N

$$D = \frac{N}{F \times 2 \times Za \quad (100\%)} /$$

$$100 \times 900$$

$$\text{Para } F \text{ temos: } = \frac{100 \times 900}{1000} = 90\text{m e } Za \quad (100\%) = 2,19\text{m,}$$

400

$$\text{logo } D = \frac{400}{90 \times 2 \times 2,19} = \text{aproximadamente } 1$$

e para as baixas teremos:

$$B = 1 \times 68 = 68\% \quad (\text{tropa de pé});$$

$$B = 1 \times 20 = 20\% \quad (\text{tropa deitada})$$

Uma tropa de cavalaria na mesma situação sofreria baixas da ordem de 120%.

Todos os problemas foram encarados com a densidade sobre um alvo vertical, posto que ficam mais fáceis para solucioná-los.

Encarado sobre o aspecto da zona batida, precisamos entrar com as zonas rasadas, e as soluções serão mais difíceis; sendo que os resultados são iguais.

Será interessante publicar os problemas e o estudo para a Mrt. Madsen 32 e para a Browning Cal. 30 (7,62mm), e determinar os limites de que trata o 4.^o problema.

Meios anti-aéreos das grandes unidades



Maj. JOSE' CAMPOS DE ARAGÃO
Instrutor da E.E.M.

A Aviação certamente, desempenhará papel cada vez mais saliente nos conflitos bélicos do futuro.

A guerra que se findou consolidou inteiramente a eficiência não só estratégica como tática d'este poderoso engenho que é o avião. Em tôdas as frentes de batalha do mundo a Aviação foi sempre uma preocupação constante dos beligerantes. Depois agravando o problema surgiram os projéts dirigidos, as famosas V-2.

E assim, hoje em dia as Grandes Unidades que são conservadas em reserva, para pronto emprêgo, como também as que são lançadas na batalha não podem prescindir dos meios adequados e suficientes à proteção contra a toda a sorte de ataques aéreos.

No presente trabalho procuraremos focalizar as necessidades médias das Grandes Unidades em meios anti-aéreos.

Um Exército articulado numa zona de batalha terá, normalmente trabalhando em estreita cooperação numa Fôrça Aérea Tática destinada não só a tomar parte nas operações de desgaste do potencial adversário, como também participar nas ações terrestres e, em certos momentos, interceptar as investidas aéreas do inimigo.

Não sendo possível a permanência em continuidade da aviação de caça sobre as zonas de combate, pois isto exigiria

um consumo de meios que dificilmente se pode contar, torna-se necessário dotar os Exércitos de meios anti-aéreos adequados a intervir, nos primeiros momentos, contra as atuações aéreas do inimigo.

Não é possível pensar-se em bases aéreas dentro das zonas de ação das DI ou mesmo das zonas dos Corpos de Exércitos. Isto é quase impossível, não só pelos riscos que correriam êstes meios de serem surpreendidos a qualquer momento por ações violentas de blindados, artilharia de longo alcance, etc., como também os desdobramentos dos elementos de combate são já numerosos e não são pequenas as áreas exigidas para a articulação de uma Fôrça Aérea no desdobramento. A demais, os aparelhos de "Radar", à base dos quais se prende quase todo o emprêgo da Caça, modernamente, impõem instalações amplas, delicadas e forte potencial elétrico a acioná-los. Tal fato mostra que não será comum se dispor nas zonas da frente, por natureza expostas, de locais respondendo a tódas estas exigências. Assim podemos afirmar que o desdobramento de uma Fôrça Aérea Tática será, quase sempre, nas zonas de retaguarda dos Exércitos, ou mesmo nas zonas de administração. Em função dêste desdobramento e ainda no potencial dos "Radars" utilizados no sistema de alerta aéreo, resultará em todos os casos uma *linha de interceptação pela Caça*, quando esta for empregada em alerta no solo.

Nas condições médias atuais a linha de interceptação estará, grosso modo, a cerca de 40 Km da linha de contacto, para o interior das posições amigas. Ela resultará além dos fatores já citados ainda do tempo necessário aos aviões de defesa decolarem e ganharem a altura para as melhores condições de combate aéreo.

Há, pois, particularmente, para os Corpos de Exércitos e as Divisões de primeiro escalão a necessidade imprecindível de serem reforçados com meios de defesa anti-aérea, capazes de intervir nos primeiros instantes, até o aparecimento dos caças amigos.

Como dados médios o regulamento apresenta a dosagem seguinte, a atribuir às Grandes Unidades:

- ao EXÉRCITO: uma Brigada de Artilharia Anti-Aérea disposta de 2 Regimentos de A. A. Aé. com grupos de Canhões, de Canhões Automáticos, Metralhadoras, Projetores, etc.;
- ao CORPO DE EXÉRCITO: 2 Grupos de Canhões

Automáticos (atualmente calibre 40 m/m são os mais usados); — a DIVISÃO: 1 Grupo de Canhões Automáticos.

São, como dissemos dados médios; em vários casos apresentados na "Military Review" e outros estudados na Escola de Estado Maior encontramos, o Corpo de Exército ou a Divisão, agindo isoladamente, sendo reforçado com todos os meios indispensáveis às necessidades resultantes do potencial aéreo apresentado pelo adversário.

Tudo leva a crer que muito em breve o Grupo de Canhões Automáticos Anti-Aéreo, constitua elemento orgânico da Divisão, não só de Infantaria como mesmo Cavalaria e Blindada.

A experiência da guerra mostrou ser a dispersão natural das necessidades do combate, em primeiro escalão, já uma medida de proteção anti-aérea. Assim, as Divisões em contacto apresentem alvos muito pouco remunerativos à Aviação de Bombardamento pesado, ou mesmo médio. No âmbito das Divisões os ataques, sejam contra a Artilharia de Campanha, sejam contra as reservas, pontos de suprimentos, etc., só serão levados a efeito pela aviação adversa em mergulho, em voo baixo, ou ainda, particularmente, em voo razante. Diante disto a Divisão deve estar bem capacitada para repelir tais ataques. As armas mais adequadas para tal fim são os Canhões Anti-Aéreos Automáticos e as metralhadoras anti-aéreas (calibres .50 e .30).

A nossa Divisão de Infantaria tipo 1 é já suficientemente dotada de metralhadoras anti-aéreas:

- 35 metralhadoras .50 no Regimento de Infantaria
- 12 metralhadoras .50 no Grupo de Artilharia
- 12 metralhadoras .50 no Batalhão de Engenharia
- 4 metralhadoras .50 no Esquadrão de Reconhecimento.

Um total de 160 armas especializadas na Divisão.

A atribuição de um Grupo de Canhões Anti-Aéreo Automático (40 m/m) à Divisão vem deixá-la, de certo modo, auto-suficiente na defesa anti-aérea. Há várias vantagens em ser o Grupo Automático orgânico da Divisão; podemos apontar, por exemplo, melhor controle e coordenação pela Artilharia Divisionária quando o Grupo Automático fôr chamado a cumprir missões secundárias.

Aceitando-se o fato do reforço, teremos que a organização da defesa anti-aérea no âmbito da Divisão será coordenada e realizada pelo Comandante do Grupo Automático. Este

será, no âmbito da Grande Unidade, um novo comandante de arma e portanto com as mesmas atribuições que os demais. Deste modo ele poderá baixar, por intermédio do Estado Maior da Divisão, instruções coordenadoras do emprego dos meios anti-aéreos das diferentes unidades da Divisão.

A dotação de um Grupo para responder às necessidades da Divisão responde ao princípio da economia. Precisa, pois, o Grupo ser judiciosamente empregado. A organização e repartição das missões deverá ser sempre calcada na decisão do Comando relativa a operação a ser empreendida. Haverá, normalmente, uma ordem de prioridade dos elementos mais vulneráveis a cobrir.

Em outro artigo pretendemos estudar em detalhes a organização da defesa anti-aérea no âmbito da Divisão de Infantaria.

UMA BÔA ORQUESTRA EXIGE UM BOM MAESTRO

Delicia-nos e nos diverte a audição de uma boa orquestra. A harmonia dos vários instrumentos, o perfeito entendimento entre os vários músicos produzem essa sintonização admirável característica das boas orquestras. Mas quem dirige tudo, quem controla todas as notas, quem coordena todos os sons, quem, enfim, é o fator máximo de toda a harmonia? Sem dúvida que o maestro. O maestro é o "pivot" da orquestra. Se ele fracassar a orquestra toda fracassa. A mesma íntima relação existente entre o maestro e sua orquestra existe também entre o fígado e o organismo. Podemos afirmar que o fígado é o maestro do organismo. Quando o fígado funciona mal o organismo todo se desequilibra. Perturbações digestivas, azias, dispepsias, fermentações intestinais, prisão de ventre, intoxicações, manchas feias na pele, irritabilidade, neurastenia, tudo pode resultar do mau funcionamento do fígado. Manter, pois, o fígado normal e saudável é dar ao seu organismo um bom maestro garantindo-lhe assim um perfeito equilíbrio e consequentemente uma boa saúde. O Hepacholan Xavier garante a normalidade e o bom funcionamento do fígado. O Hepacholan Xavier combate com eficácia e afasta com rapidez os males do fígado e as suas consequências. Hepacholan e fígado saudável, fígado saudável e boa saúde são idéias que se atraem, se combinam e se completam. O Hepacholan é fabricado em líquido e em drágeas e se apresenta em 2 tamanhos: Normal e Grande.

A nossa Engenharia na Itália

Capitão Raul da Cruz Lima Júnior

NOTA — O presente artigo foi escrito na Itália, logo após o término das hostilidades, quando ansiosos, aguardávamos o regresso. Foi feito para ser publicado em um dos jornalinhos da F. E. B., o que não chegou a efetivar-se. Trata-se, portanto, de uma reminiscência dos vários trabalhos executados, sem preocupação de detalhes da tática e da técnica.

(A R. excusa-se pela demora da publicação, devido ao acúmulo de matéria em pauta.)

Acabou-se a guerra. Parece-nos incrível que ela tenha terminado, quando houve momentos em que parecia que ia acabar conosco. Mas, finalmente, chegámos à conclusão de ter sido um pouco de pessimismo, hoje transformado numa avalanche de luz e alegria sobre todos os corações da terra. A tempestade cessou, os canhões calaram, as "lurdinhas" são amontoadas e os super-homens invencíveis superlotam os campos de concentração. Quanta mudança! Antes, uma polegada de avanço custava muitas vidas; depois os avanços passaram aos quilômetros, daí às dezenas, a barreira nazista ruiu e uma onda de libertação, ao mesmo tempo em que libertava os oprimidos, recolhia muitos milhares de soldados, que outrora aterrorizavam todo o mundo e no entretanto, agora, procuram os portões de entrada dos campos de concentração e à noite se distraem cantando a "Lili-arlene", em coro bem afinado. Antes, um "tedesco" mesmo preso inspirava um certo cuidado, pois ainda podia morder algum incauto; agora, dois pracinhas, na frente, dando-lhes as costas, conduzem, como carneiros em longas filas, aqueles que formavam o Grande Exército Alemão de ontem. A única diferença, que acarretou toda esta transformação, era que ontem, consideravam-se vencedores e hoje não passam de vencidos, convictos da própria impotência. E o nosso pracinha, que positivamente não guarda rancor, dá-lhe um cigarro, para ver como ele fuma com sabor e sofreruidão. E se comove, si ouvir a história daquele "tedesco", que lutou na Polónia, na França, na Russia e, talvez, matou muitos brasileiros lá pelos Apeninos. E hoje, estamos à beira do Pó, mas não é preciso ir mais além, pois eles já entregaram os pontos. Custaram, é verdade, mas entregaram...

x—x—x—x

Quando a neve cobria montes e vales, e os alemães nos olhavam de cima dos morros, atirando-nos bombas para não jogar pedras, ceifando vidas com suas "lurdinhas", tudo era bem diferente. O pracinha da Engenharia, para chegar perto, tinha que usar a noite para disfarce; os dedos enregelados, ouvidos atentos e ficava matutando — como e quando esses homens vão sair aí de cima? Mas tudo tem seu fim. O sol surgiu mais forte, a neve desfez-se, houve um movimento mais intenso, as estradas à noite ferviam de movimento, acobertadas pelo black-out e a aproximação da ofensiva era um fato. E chegou o dia. Belvedere, Castelo, Soprasasso, Castelnuovo, Montese, caíram e muitas outras, ante americanos ou brasileiros. E o pracinha que olhava o morro lá de baixo, tirou a forra. Subiu e lançou cá para baixo um olhar que, si não o assustou, ao menos fez que sorrisse. O alemão via de cima através as paredes. As estradas, as pontes, as casas tudo. Um teatro onde não se tinha bem a intenção de ser ator... Mas, veio a hora da forra e a Engenharia estava no meio. Em frente às defesas inimigas, este colocára cuidadosamente uma cinta protetora de minas, mais ou menos densa. De acordo com as circunstâncias, surgiram novas missões, mais perigosas e difíceis, que exigiam muita perícia, treinamento e coragem. Já fizera a limpeza de minas nas estradas, acobertado pela noite. Agora, fez parte de patrulhas à noite, para marcar um "gap", em terra de ninguém, para a Infantaria ter uma brecha sem minas por onde se infiltrar no ataque e surgir em cima das posições inimigas, por surpresa. Limpando estradas à noite, penetrou em localidades abandonadas pelo inimigo. Era necessária a descontaminação das casas que o inimigo deixara minadas, com "booby-traps", colocados nas portas, sob uma mesa, atraç de um relógio, no próprio assoalho, em mil lugares todos possíveis.

Com as necessárias precauções, penetrou por uma janela, com uma simples lanterna elétrica disposta de um pequeno furô no disco, para não chamar a atenção e os tiros inimigo. Cautelosamente, examina objeto por objeto, por todos os lados, por dentro, pelo lado do avesso. Desconfia de tudo e no curso da própria operação, conscientemente, por mais capaz e hábil que seja, sempre não deixa de ser uma cobaia em terreno inimigo. Naquele fio, quadro, cadeira ou simples lapiseira, poderá encontrar a morte. E quantas vezes, depois de examinar varios quartos, várias casas, pondo o sinal ou comunicando o resultado, não foi pelos ares num último objeto a ser examinado, já depois de ter examinado centenas deles inofensivos? Si há trabalhos de atenção, perigo e nervos, confiando inteiramente em si, é a limpeza numa casa desconhecida, à noite, abandonada pelo inimigo com armadilhas de todos os tipos, improvisadas ou não. O nosso soldado afrontou-o e, não raro, o oficial era impelido a recomendar mais cuidado,

mais paciência. Uma outra vez, penetrando para tirar booby-traps, pé ante pé, pisando em ovos, ficou surpreso, ouvido colado à parede e coração aos pulos — em vez de armadilhas, havia inimigos que, pegados de surpresa, eram obrigados à rendição. E vinha um resultado mêsperado no relatório — em vez de tantas minas, retiradas, apareciam — tantos prisioneiros alemães.

Ou então, um ataque à luz do dia. Feita a distribuição e coordenação dos mineiros, a Infantaria sai da base de partida e lança o ataque. Entre eles, si observar bem, talvez vislumbre elementos um tanto diferentes, com bastões de prova, além do armamento e mais alguma equipamento de mineira. Algumas vezes o bastão é guardado, e o próprio fuzil entra em cena e o soldado da Engenharia tem ai uma chance de combater como se infante fôra, matando e aleijando como pôde. — Atirei num tedesco e foram só penas..., como dizia um cabo mineiro, com um sorriso de satisfação. Si o elemento a que está ligado, esbarra num campo minado e o solicita, procura alcançá-lo e abrir passagem; outros demarcam uma faixa estreita, por onde passarão reforços e reabastecimentos com segurança. E assim passou o dia combatendo, levantando minas, demarcando. A noite surge um pedido urgente — um pelotão da Infantaria, na escuridão da noite, caiu num campo minado, tem homens feridos que não podem ser socorridos. Lá parte o mineiro novamente para socorrê-los e, quantas vezes, não ficou nas proximidades, procurando abrir uma brecha, sob forte bombardeio inimigo, colado ao solo, impotente para chegar ao local, quasi desorientado, esperando o clarear do dia para abrir a brecha e permitir que os feridos sejam socorridos? Os mineiros já viram bem de perto as cenas dantescas de camaradas sem uma perna, um braço, tombados no solo a perder sangue, clamando por socorro, enquanto ele se aproxima, lenta e cuidadosamente, furando o solo, para não ter o mesmo destino cruel, às vezes com o padioleiro à sua retaguarda para salvar o ferido. E em alguma emergência de combate, teve que improvisar com sua manta uma padiola rústica para salvar seu companheiro dilacerado. São estes os quadros terríveis da guerra, dos mais horrorosos, e donde surgem tanto heroísmo, tanto altruismo, tanta solidariedade humana. Nestas missões de acompanhamento no ataque, os soldados da Engenharia tiveram de se desdobrar em um pouco de infante e um pouco de engenheiro, fundidos na figura admirável de bravura do soldado brasileiro, que, quando entusiasmado no ataque, é de uma ação eletrizante, não medindo obstáculos nem sacrifícios.

Porém, depois de lutar palmo a palmo, o "tedesco", empurrado em toda a frente pela ofensiva geral, foi obrigado a ceder terreno e da luta disputada à curta distância, passou-se a uma exploração do êxito rápida e surge nova missão para a Engenharia — desobstruir

estradas, reconstruir trechos demolidos, construir pontes, "by-passes" e, enfim, repôr nos eixos tudo que o inimigo destruir para impedir um avanço rápido. Enquanto as turmas de mineiros limpam as estradas, retiram cargas preparadas pelo inimigo, nas crateras, nos taludes da estrada, nos locais dos "by-passes", as equipes de construção, com suas máquinas bul-dozer e seus caminhões entram na faina, enchendo crateras abertas, construindo aqui um boeiro, um pontilhão ou lá uma Bailey Bridge, ponte metálica para 40 toneladas, reconhecendo e construindo, o mais rápido possível, enquanto as viaturas, em longa fila impaciente, aguardam a terminação, para se lancarem à frente, transportando munição, carros de reconhecimento, ambulâncias e jeeps de toda a natureza, além de obuses e outros equipamentos mais pesados.

A lufa-lufa é continua e si paramos ou não dermos passagem, toda a vida também pára e não há tempo a perder. Uma, duas, três, dez e mais passagens, provisórias ou não, foram feitas e avançamos muitos quilômetros. Queira Deus que os alemães não tenham tempo de destruir tudo... E felizmente êste momento chegou. Depois de trechos destruídos por todos os processos, com minas amontoadas, munição enterrada, bombas de aviação com explosivos, explosivos de toda a espécie, as destruições foram diminuindo e a coluna de veículos se dispersou como que por encanto, numa momentânea folga para as turmas de construção, esfalfadas. Uma ou outra vez o alemão, devido talvez á rapidez, efetuou grandes e massivas demolições, mas ainda deixou explosivos em depósito, com certeza por falta de tempo ou transporte. E veio bem a calhar. Sobre os taludes da estrada demolida, foram feitos grandes forninhos e foi feita outra demolição por cima da primitiva, com explosivo alemão, aliás, excelente, de modo que parte das brechas ficou soterrada pela "segunda" destruição, o que muito facilitou o trabalho de reconstrução.

E assim, a Engenharia colocou mais uma "pedrinha". E dentro de pouco tempo os comboios passaram com relativa facilidade. Depois, melhoramentos dos trabalhos feitos, alargamentos da estrada, construção de pontes nos lugares necessários, sinalização e está tudo O. K., numa sequência que parecia não ter fim.

Felizmente a guerra acabou, uma vez que eles se acabaram e a Engenharia só terá trabalhos a fazer com relativa calma.

Uma das últimas missões foi, embora sui-generis, um espetáculo que os olhos nunca esquecerão — durante um breve período, receber e guardar prisioneiros. Eles já se tinham entregue e vinham, em formatura regular; muitos em pequenos magotes, como soldados bem disciplinados. Abandonavam as armas, prestavam continênciam ao seu ex-comandante e depois os nossos pracinhas, com um prazer bem visível e uma pose bem característica, punham-se á frente e á retaguarda da coluna e os conduziam para o campo dos prisioneiros, onde já se en-

contravam vários milhares. A guerra acabou e deveremos voltar breve para o nosso querido Brasil. Enquanto não chega o tão esperado momento, a Engenharia, para descansar, vai construir algumas pontes metálicas, tipo Bailey, substituindo passagens provisórias feitas às pressas. Serão esses talvez os últimos trabalhos na Itália. Os próximos, e o desejamos ardenteamente, serão em terras do Brasil, e, em paz.



Empréesa de
TRANSPORTES MINAS GERAIS LTDA.

RIO RUA BENEDITINOS, 90 * 23-7970 - SÃO PAULO R. HIPÓDROMO, 1465 * 9-1119
B. HORIZONTE R. ARAPE, 115 * 9-7347 - NITERÓI TRAV. LUIZ PAULINO, 99 * 2-1355
SANTOS RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 19 * 6-535 (PROV.)

Tambem se combate à noite

Cap. ALBERTO CARDOSO

INTRODUÇÃO

As publicações a respeito da última guerra, principalmente as de origem norte-americana, estão cheias de relatos de ações ofensivas de vulto, realizadas à noite.

As conclusões tiradas de cada caso são, invariavelmente :

— Os objetivos foram conquistados muito mais rapidamente do que se atacados de dia;

— As perdas foram insignificantes;

A propria FEB conheceu o impeto dos contra-ataques alemães executados em plena escuridão.

No entanto, entre nós, a expressão ifim de jornada" continua com o seu encantamento.

Fraticamente só se consideram úteis as horas noturnas, para os deslocamentos, tomadas de dispositivo, suprimento — atos indispensáveis ao combate, mas, seguradamente, acessórios ao mesmo.

Quando se aponta na solução de um caso concreto, um ataque durante a noite, parece-nos, ainda, uma solução "tirada da algibeira"...

E a verdade é que na guerra, não há horário de trabalho para os combatentes, dia de descanso semanal, ou horas de silêncio obrigatório...

O que deve haver — e ai está um problema de comando — é uma cuidadosa dosagem de esforços e de meios, por forma a se dispor, a qualquer momento, de elementos através dos quais os Chefes possam manifestar uma inabalável vontade no cumprimento das missões recebidas.

Encarando particularmente as operações à noite, devem estar conjugadas :

— Competência do Cmdo. em concebê-las e conduzi-las.

— Competência da tropa em executá-las.

Disso tudo resulta :

1.^º — Devem ser tidas como normais, no decorrer de qualquer missão, as ações noturnas em força.

2.^º — Para isto é necessário :

- treinamento do Cmdo;
- treinamento da tropa.

Os pontos a ser considerados nesse treinamento são comuns ao que visa o combate à luz do dia. Entretanto, a natureza específica da operação aumenta a sua importância, exigindo cuidados maiores durante a instrução.

A nosso ver, devem ser tratados especialmente :

TREINAMENTO DO CMDO :

1. — Simplicidade na manobra.

Caso ela se prolongue pela noite, esta qualidade facilitará a sua conduta e a execução.

2. — Flexibilidade nos dispositivos.

Isto permitirá, mediante faceis adaptações, continuar, à noite, a ação que se vinha realizando anteriormente.

3. — Critério na dosagem dos meios.

Ter-se-á em vista, igualmente, a possibilidade de prosseguir na operação, durante a noite, com elementos ainda não empregados na mesma jornada.

4. — Indicação clara, aos subordinados, da possibilidade de ação noturna, no decorrer das respectivas missões.

Assim alertados, eles terão um elemento precioso para dosarem, por sua vez, os seus meios.

5. — Acionamento intensivo da busca de informações até os últimos momentos que precedem o ataque.

Dai por diante, limitadas as informações pela vista, o Cmdo. contará apenas com as que resultam do próprio combate.

TREINAMENTO DA TROPA

1. — Habilidade em orientar-se à noite.

Aí se inclui a capacidade de deslocar-se para os objetivos, reconhecê-los, fazer desbordamento e retomar a direção de marcha anterior, etc.

2. — Habilidade em manter as ligações.

Mais do que de dia, devem ser evitados os vazios no dispositivo, pelo perigo que representam.

3. — Habilidade em progredir silenciosamente e sem luzes.

A escuridão propicia oportunidade de se obter a surpresa, que é meia vitória. Não se deve perdê-la, alertando o inimigo com murmurios, ruidos, ordens, clarões, etc.

4. — Habilidade em dar apoio de fogo aos primeiros elementos.

Este problema, que é facilitado na defensiva pelo conhecimento exata da posição daqueles elementos, agrava-se extraordinariamente na ofensiva.

Levará a três providências que, combinadas, darão bons resultados :

- Desenvolvimento da capacidade dos órgãos de apoio em cumprir missões noturnas.
- Desenvolvimento máximo de uma efetiva ligação entre êsses órgãos e a tropa apoiada.
- Desenvolvimento da capacidade, por parte desta, em conduzir consigo alguns elementos pesados de fogo, que suprirão as deficiências do apoio à distância.

MEDIDAS CORRELATAS

Para se obter êxito em determinada tarefa, todos os meios utilizados devem estar perfeitamente adaptados à ela.

Nessa ordem de idéias, seríamos conduzidos à indicação de uma série de medidas que teriam em vista facilitar a execução das ações noturnas e aumentar as possibilidades de surpresa.

Ocorrem-nos algumas :

1. — Dotação de instrumentos (pelo menos bússolas e relógios) com o mostrador luminoso.
2. — Utilização de tintas (tipo fosforescente) na confecção de marcas nas costas de determinados homens, para facilitar as ligações.
3. — Dotação equilibrada de projéteis traçantes para as armas de pequeno calibre.
4. — Adaptação de todas as peças do armamento e do equipamento, para evitar ruidos e reflexos.
5. — Adopção das medidas de disfarce compatíveis com as condições da operação : pintura do rosto e das mãos, dotação de peças de uniforme especiais, etc.

Todas essas necessidades foram atendidas da melhor maneira na última guerra, tanto pelos Aliados como pelos seus adversários.

As organizações dos "Comandos" e dos "Rangers" foram aprimoradas para os combates noturnos e supreendentes. Podem, com vantagem, inspirar qualquer adaptação que se intente no mesmo sentido, entre nós.

AS CONDIÇÕES IDEAIS

As melhores condições para o êxito de uma ação ofensiva à noite são, em nossa opinião :

1. — Inimigo.

Um inimigo obrigado á defensiva, manobrando ou combatendo em retirada — em situação precária, enfim — não deve ter trégua.

A noite, com que sempre conta para o reforçamento das posições ou para o retraimento — deve ser atacado, perseguido, aniquilado.

A sua própria situação de inferioridade é um convite à audácia — e esta é uma das características das operações ofensivas noturnas.

Entretanto, quando o inimigo ocupa uma sólida posição, um ataque à mesma exige cuidados especiais : Deve ter sido reconhecida, fotografada, estudada exaustivamente por todos os escalões interessados na operação. Se possível, pelo menos suas partes mais importantes devem ser reproduzidas, em locais de instrução e o ataque ensaiado pelas próprias unidades que o executarão. As tropas assaltantes deverão ser dotados de elementos aptos a levantar campos de minas rapidamente; destruir abrigos, casamatas, etc.

2. — Terreno.

Os terrenos muito acidentados, cobertos de vegetação, cortados de cursos d'água importantes — dificultam as ações noturnas.

Especialmente favoráveis são os terrenos limpos quasi planos, permitindo fácil deslocamento fora das estradas, sem rios de grande porte. Esta simples indicação salienta, para quem conhece nossas fronteiras, a importância que poderão ter para nós, as operações desta espécie.

3. — Tempo.

Noites escuras e longas; tempo seco, — garantia de fácil transposição dos arroios e pequenos rios — eis as melhores condições para ataques noturnos.

4. — Missão.

Deve ser de execução curta, no tempo e no espaço. Evitará, assim, a dispersão das unidades. Deve ainda fixar precisamente a conduta a manter, no objetivo conquistado e atender à possibilidade de retorno inimigo, quer durante a noite, quer ao clarear do dia.

CONCLUSÃO

Urge encarar-se com maior atenção a instrução para o combate noturno em todos os escalões.

As vantagens que as operações desta natureza oferecem levarão fatalmente à utilização das mesmas, em qualquer conflito.

O tempo ganho na sua preparação pelo treinamento intensivo em tempo de paz, poderá resultar, numa luta entre exércitos de recursos limitados em vitórias decisivas.

Noções Práticas de Pedagogia

"Todo o oficial deve ser instrutor e educador".

"Um bom oficial é aquele que sabe não só transmitir bem seus conhecimentos, mas também dirigir e orientar a instrução de que é responsável".

"O bom oficial deve ensinar melhor do que aprendeu"

(Dy. 1936)

Ten. Cel. N. Franklin do Nascimento

L. — DEFINIÇÕES

1) — *Psicologia* — É o estudo científico da constituição mental dos seres humanos.

2) — *Educação* — É a produção de transformações úteis nos seres humanos.

A educação compreende variados aspectos : —

A educação compreende variados aspectos : —	<p>Transformação do caráter; Transformação dos conhecimentos; Transformação dos ideais; Habilidade na aplicação dos conhecimentos.</p>
---	--

3) — *Transformação* — Por transformação deve-se entender a modificação, o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e, por fim, o apuro do indivíduo.

4) — *Pedagogia* — É o estudo racional da educação e tem por fim obter os melhores e mais seguros resultados na aplicação da instrução.

5) — *Análise da psicologia da educação* — Para atingir esse objetivo, a pedagogia procura saber :

- com que se aprende ?
- por que meio ?
- como se aprende ?

para, em consequência, desenvolver os métodos que facilitem os processos de ensino e sua perfeita aplicação.

— *Com que se aprende?* — Com os recursos ou faculdades intelectuais;

— *Por que meio?* — Pela experiência, pela verificação, pela autenticação dos fatos ou fenômenos;

— *Como se aprende?* — Pelo estudo, que é a meditação, consideração ou cogitação das causas e seus efeitos.

→ *Conclusões:* —

O "com que" é o equipamento mental, natural do indivíduo.

O "por que meio" é a experiência real ou hipotética.

O "como" é a meditação e a consideração, consciente ou inconsciente, da causa e do efeito.

II. — DIFERENÇA ENTRE INSTINTOS, REFLEXOS E CAPACIDADES MENTAIS

A constituição natural do ser humano é o conjunto de reações e capacidades hereditárias, que compreendem três tipos: —

- instintos;
- reflexos;
- capacidades mentais e físicas.

A passagem de um para outro desses tipos é gradativa, sem limites bem definidos.

a) — *Reações instintivas* — São congénitas no homem e feitas sem prévia necessidade de experiência ou ensino;

— *Exemplo:* — procurar-se alimento quando se tem fome.

b) — *Reflexos* — São manifestações mais simples de reações instintivas, envolvendo um limitado número de músculos. São resposta parciais bem definidas a uma excitação determinada, local ou particular.

— *Exemplo:* — cerrar instantaneamente as pálpebras, à súbita aproximação de um objeto.

c) — *Capacidades mentais* — As capacidades mentais distinguem-se dos reflexos e dos instintos por serem mais propriamente atividades ou operações mentais, do que simples reações motoras, e por se referirem em princípio, ao equipamento mental natural, como sejam a sensação, a percepção, a memória, a concentração, a imaginação e todos os variados e complexos processos psíquicos.

— Conclusões —

1. — A diferença de capacidades mentais varia muito entre os indivíduos. As investigações sobre este assunto têm chegado a conclusões mui interessantes, nos nossos dias;

2.º) — A grande maioria de indivíduos (66%) pertence à classe dos normais, com um número aproximadamente igual de habilidades superiores (17%) e inferiores (17%);

3.) — A capacidade mental pôde ser desenvolvida pelo exercício intelligentemente orientado, da mesma forma que se pode desenvolver um músculo e dar-lhe maior vigor.

III. — GRAFICO DO ADENTAMENTO DAS TURMAS DE INSTRUÇÃO (1)

A rapidez e o progresso da instrução podem ser expressos em função da quantidade de trabalho feito na unidade de tempo ou em função do tempo gasto por unidade de trabalho.

Em geral, o tempo é tomado como abcissa e o trabalho executado como ordenada.

O gráfico resultante é a "curva do adiantamento verificado".

Tais curvas podem apresentar duas características gerais : —

- 1.º) — Um período inicial de progresso rápido;
- 2.º) — Períodos sucessivos de pequeno ou de nenhum progresso, chamados períodos estacionários ou "paradas" seguidos por um período de rápido progresso.

O período inicial de progresso rápido pode ser atribuído :

- a) — ao fato de que os primeiros elementos de um novo conjunto de conhecimentos, ou série de assuntos, podem ser assimilados fácil e rapidamente, devido, principalmente, à sua relativa simplicidade;
- b) — à probabilidade de que no 1.º período de contacto com um tipo de instrução, possam ser empregados vários elementos ou atividades já do conhecimento do instruendo;
- c) — ao zélo inicial com que se começa uma nova tarefa;
- d) — à grande oportunidade de se progredir no inicio de qualquer trabalho.

As paradas das curvas podem ser atribuídas à fadiga, a um desfalecimento de energia, à falta de atenção, de interesse e de esforço.

Progressos rápidos em fim de curso podem ser devidos : —

- à recuperação de energia física, atenção, interesse e esforços anteriormente perdidos;
- à aquisição de novos métodos de assimilação, ou de execução da tarefa recebida;
- por um melhor emprego de idéias associativas, idéias essas referentes ou ligadas ao estudo em aprêço.

Como as paradas não são um bom indicio, deve-se fazer esforço para eliminá-las : —

- removendo as causas que as produzem;
- proporcionando novos estímulos nos pontos em que elas ocorrem.

Algumas vezes, porém, as paradas indicam apenas uma aparente falta de progresso, quando, a bem dizer, há um progresso interno, real. Nesses casos, as paradas são seguidas por uma rápida ascenção da curva. É o caso, por exemplo, do período de assimilação de uma idéia.

IV. — FATORES QUE AFETAM O PROGRESSO

Vários estudos têm sido feitos para determinar os fatores que influem sobre o progresso.

Os resultados desses estudos variam em extremo, mas indicam que : —

- a) — maior quantidade de conhecimentos é adquirida pela divisão racional e inteligente do tempo destinado ao estudo;

"Starch", afamado pedagógico mundial, verificou em várias experiências que : —

- 10 minutos de estudo, duas vezes por dia, durante 6 dias, davam o máximo rendimento;
 - 20 minutos de estudo, uma vez por dia, durante 6 dias, davam o mesmo rendimento, aparentemente;
 - 40 minutos de estudo, uma vez por dia, durante 3 dias, davam menos rendimento, consideravelmente;
 - 2 horas de estudo de uma só vez, produzem apenas metade do rendimento que os períodos de 10 ou 20 minutos.
- b) — a memória tem uma influência capital na aquisição de conhecimentos.

"Ebbinghaus", outro notável pedagógico, verificou que a rapidez com que se esquecem os conhecimentos aprendidos, é mui variável e não admite uma aplicação definitiva na prática.

A única regra razoavelmente aceitável é a de que a rapidez de esquecimento é maior no começo do que no fim do estudo.

— *Conclusões:* —

Fácil é agora concluir alguns princípios de grande utilidade para o bom rendimento da instrução: —

1.^a) — Dividir racionalmente os tempos de instrução disponíveis;

2.^a) — Separar as idéias principais das idéias subsidiárias, pois ao lado daquelas virão juntar-se todos os conhecimentos de minúcia que das mesmas derivam;

3.^a) — Repetir as idéias principais, momente no começo do ensino de cada assunto novo;

4.^a) — Passar do conhecido ao desconhecido e do simples ao complexo;

5.^a) — Procurar agir de modo que os próprios instruendos descubram o que o instrutor lhes quer ensinar;

6.^a) — Despertar o interesse dos instruendos, procurando para isso atuar sobre a sensibilidade de cada um.

A necessidade didática levou-nos a separar os princípios acima e considerá-los isoladamente. Na prática não acontece o mesmo. É na oportuna combinação dos mesmos princípios e na sua feliz adaptação às condições do momento, que se manifesta a habilidade do instrutor, pois a verdade indiscutível reside no fato de que o valor de um método é função do modo por que é aplicado.

Finalmente, aconselhamos aos que desejarem se aprofundar nesse importante assunto, a leitura das notas publicadas no C. I. A. C., pelo seu ilustre Sub-Diretor de Ensino, Major JOSÉ BINA MACHADO e de cujas aulas fizemos o presente resumo (2).

N O T A S :

- 1) Os gráficos para a objetivação do adiantamento dos recrutas, têm obtido grande aceitação em muitas Unidades.
- 2) Atualmente esse oficial comanda o Ag. W. da Artilharia de Costa da 1.^a Região Militar, no posto de Coronel.



O concurso de admissão à Escola de Estado Maior; uma solução para a questão de Cavalaria

Major *Paulo Enéas F. da Silva*

SUMÁRIO :

- Preâmbulo.
- Uma solução.
- Conclusões.

I — PREAMBULO

Ao apresentarmos o presente trabalho somente temos em vista cooperar com os camaradas da arma, particularmente aqueles que ainda desejam se candidatar à Escola de Estado-Maior. O título justifica também nossos propósitos. *E uma solução* para o caso apresentado. E, quem sabe, algo diferente do adotado pela Comissão que vai julgar todos os trabalhos. Não importa. Servirá para caracterizar a observação já de sobra conhecida, de que em tática jamais se poderá pensar em uma só solução.

Se notarem qualquer semelhança com outras soluções, será mera coincidência ou, então, unidade de doutrina...

Ao lado desse objetivo temos outros, de podermos apresentar, novamente, o método de resolução desses problemas, já conhecido e, muitas vezes, desprezado, principalmente nas provas de exame, quando circunstâncias especiais — nervosismo, falta de tempo, etc. — levam a resultados desastrosos. Procuraremos sempre as conclusões lógicas, que por isso dispensam muitos comentários.

Na questão de redação procuramos nos cingir às normas norte-americanas, já em uso corrente no nosso Exército.

II — UMA SOLUÇÃO.

A base do trabalho é a documentação distribuída, que se encontra em anexo.

O CONCURSO...

Vamos partir em busca dessa solução abordando sucessivamente os *pedidos feitos*.

1.º pedido :

"*Quais as ordens que o Coronel Comandante do 2.º R. C. teria dado para o cumprimento de sua missão?*"

Análise da questão :

1. O simples exame da carta, para a qual devíamos ter passado o calco distribuído com a documentação, nos permitiria concluir:

(a) — O Regimento tem parte de seus meios "esbarrados" face à uma linha descontínua de resistências inimigas balisadas por. (ver calco). O resto da Unidade se encontra ainda na região do Morro do Retiro.

(b) — A missão determina APOSSAR-SE DE DEODORO. Havendo, entre o Regimento e DEODORO essa "barreira", das resistências inimigas, é preciso primeiro rompê-la para, depois, poder chegar a destino — o objetivo fixado pela missão —. Em outras palavras : é preciso ATACAR. Eis portanto uma primeira Ordem.

(c) — Para poder atacar, o Coronel tem, antes que fazer os necessários reconhecimentos e, em seguida, aproximar os meios ao pé da obra. Ressaltam então mais duas ordens : a de RECONHECIMENTO e a de APROXIMAÇÃO.

(d) — Em última análise temos pois :

- ordem de reconhecimento,
- ordem de aproximação e
- ordem de ataque.

Atendemos destarte o primeiro pedido formulado.

2.º Pedido :

"*REDIGIR ESSAS ORDENS.*"

Antes de passarmos á redação das ordens faremos alguns comentários indispensáveis ás mesmas.

(1) — *A natureza dessas ordens :*

Se levarmos em conta a *situação criada no tema* (de aproveitamento de êxito) e o *caráter* das operações dela decorrentes — RAPIDÉS —, só poderemos admitir *ORDENS VERBAIS*, dadas diretamente aos escalões subordinados e á *vista do terreno*. Seria a única forma de se obter o rendimento desejado no cumprimento da missão.

Aliás, isso é típico na Cavalaria...

Um rápido golpe de vista sobre o terreno (representado pela carta e, fielmente, segundo a observação constante do tema) nos mostra que :

a. Do Morro do Retiro, onde se encontrava o Coronel, é possível *descortinar* toda a zona que cabe atravessar antes de atin-

gir a linha de contato. É possível, então, daquela elevação, como excelente observador, definir os elementos essenciais das ordens de aproximação e de reconhecimento. Senão vejamos :

- *Uma Ordem de aproximação deve fixar :*
 - as *regiões de 1º destino*, seja para o movimento a cavalo, seja para o a pé.
 - a *direção geral da progressão*, e
 - a *formação* em que a unidade se deslocará.
- Não será difícil definirmos esses dados, mesmo pela carta. O calco anexo n.º 2, dá-nos um exemplo disso.
- Para uma *Ordem de Reconhecimento* bastariam os seguintes elementos :
 - *observatório* dos trabalhos,
 - *séquito* do Coronel, e
 - *meios de transporte* a utilizar.

- b. Com relação à Ordem de Ataque, precisamos fazer um estudo mais pormenorizado, pois nela se consubstancia todo o esforço do raciocínio para a solução. É a operação fundamental do Regimento no quadro da missão recebida. É o que apresentaremos mais adiante.

(2) — *A oportunidade das ordens :*

Neste particular devemos lembrar que :

- as duas primeiras (aproximação e reconhecimento) poderiam ser dadas simultaneamente, lá do Morro do Retiro;
- a Ordem de ataque somente um pouco mais tarde, do Morro do Engenho Novo, após os reconhecimentos, embora sumários.

Passemos de novo ao segundo pedido : a *Redação das Ordens* : Em anexo apresentamos um exemplo de cada uma delas.

Na apreciação da ordem de ataque tivemos o cuidado de solucionar o problema através um raciocínio lógico e objetivo, que damos a seguir :

a. *De que se trata ?*

Logo na primeira página do documento distribuído vemos (item II da Situação Geral) definida a MISSÃO do Regimento :

"Apossar-se da região de DEODORO ou, pelo menos, cortar as comunicações entre essa região e as forças que detêm o grupamento motorizado."

De uma simples leitura se conclui :

- trata-se de uma missão nitidamente ofensiva;
- objetivo da operação : a posse de DEODORO;
- urge agir depressa (é um problema de aproveitamento de êxito).

O CONCURSO...

Sintetizando esse estudo podemos dizer : *trata-se de agir rápido e impetuosamente para chegar a DEODORO.*

b. Como chegar a DEODORO nas condições vistas?

Para respondermos a esta pergunta temos que considerar :

- as possíveis linhas de ação do Regimento;
- como pode o inimigo se opor a elas;
- finalmente, verificar qual dessas linhas de ação é a que mais favorece o cumprimento da missão.

Vejamos cada um desses pontos :

(1) — As possíveis linhas de ação : (ver calco anexo 3)

Examinando-se à luz desse calco e da carta podemos concluir :

- (a) — As direções 1 e 5 levam a operação através movimentos desbordantes largos e, consequentemente, mais demorados.
- (b) — dentre as direções 2, 3 e 4, é evidente que :
 - a direção 3 conduz mais rapidamente (diretamente) à DEODORO, embora esbarre no maciço de Monte Alegre, nas mãos do inimigo;
 - a direção 2 desborda esse maciço, através um "corredor" bem definido e é a que permite mais rapidamente, cortar as comunicações com o norte.
 - a direção 4, vai de encontro à localidade de Vila Militar, por si mesma um obstáculo à progressão rápida do Regimento.
- (c) — não há dúvida, pois, que as melhores linhas de ação estão concretizadas nas de n.º 2 e 3. O inimigo, pelas suas possibilidades, dirá das duas a melhor, e a adotar.

(2) — Como o inimigo pode se opor a essas linhas de ação:

Vejamos o que diz o tema a respeito :

- (a) — já foi batido ao Norte da Serra de Madureira;
- (b) — face ao nosso Regimento oferece apenas muito ligeiras organizações do terreno e algumas armas automáticas;
- (c) — ainda não apresentou blindados;
- (d) — está em "ponta" na região do maciço de Monte Alegre.

Suas possibilidades ?

Comparando a situação relativa das diferentes resistências e, sobretudo, seu número, podemos concluir :

- (a) — na região de Monte Alegre há mais profundidade e mais vantagens para o defensor. Conquistadas as duas cotas 40 e 60 (a NW e W de Monte Alegre) há ainda que "pular" para o Monte Alegre e o Morro da Caixa Dagua. O esforço a pedir ao atacante será grande.
- (b) — na região dos Morros da Boa Vista e do Carrapató há uma única linha de resistências; o objetivo, por isso, além de mais aproximado, será mais fácil de ser conquistado.

A situação dêses dois morros, com relação ao do Engenho Novo, é de inferioridade.

- (c) — Não padece dúvida de que a direção 2 é a que mais favorece o cumprimento da missão. A missão predomina sobre as possibilidades do inimigo.

Já definimos a região *onde* atacar. Resta-nos agora dizer *como* e *quando* atacar. Para isso vamos analisar o problema do ataque em todos os seus pormenores, isto é : qual a direção, os objetivos, a base de partida, a hora do ataque e com que meios fazê-lo.

(1) — *Os meios para o ataque :*

O Regimento dispõe ainda de 2 Esquadrões de Fuzileiros e do Esquadrão de Petrechos Pesados. A organização dessas sub-unidades está também em anexo.

As resistências inimigas nessa região, com organizações muito sumárias e com algumas armas automáticas, não está em condições de oferecer séria resistência ao Regimento.

Além da necessidade de fazer submergir as resistências das elevações de Boa Vista e do Carrapato, há também, *predominantemente*, na missão dada ao Regimento, a tarefa de *SE APOSSAR DE DEODORO!* Em consequência, uma parte dos meios deve se destinar sobretudo a esta última incumbência.

Poderíamos dar uma dosagem aceitável como se segue :

— *Para o ataque :*

— *escalão de fogo :* 1 Esq. de Fuz.

— *base de fogos :* o Esq. de Ptrs. Pes.

— *Para o aproveitamento do êxito sobre DEODORO :* o outro Esq. de Fuz.

(2) — *A direção de ataque :*

Escolhemos a de *M.^o do Engenho Novo-M.^o do Jovino* porque facilmente se identifica no terreno e, além disso, caso o inimigo "pule" das atuais posições para Leste, noutra linha de alturas tal, como Jovino-Dendê, a mesma direção servirá para canalizar a operação.

(3) — *Os objetivos ?*

É evidente que o primeiro está definido pelas duas alturas onde o inimigo se organizou, embora sumariamente. No caso de se retirar para a outra linha de alturas, e o Regimento tiver que de novo disputar-lhe o terreno, teremos um objetivo eventual por isso. O objetivo final da operação, já sabemos, é DEODORO.

(4) — *A base de partida :*

Como o ataque vai ser desencadeado durante o dia, e a surpresa constitui um fator de êxito, a base de partida deve ser considerada como sendo as últimas posições ocupadas pelos elementos do Regimento em contato. Eles serão ultrapassados na hora H.

(5) — *A hora do ataque :*

A situação é das 1400 horas de D. O Regimento vai gastar pelo menos cerca de $\frac{1}{2}$ hora a 40 minutos para o movimento a cavalo do M.^o do Retiro até a região de apear para o combate. Mais ou menos outros 30 minutos para o movimento a pé até as encostas W de M.^o do Engenho Novo. Ao todo, 1 hora a hora e trinta. O ataque pode, pois, partir á base das 1600 horas de D. Restarão ainda duas (2) horas para o aproveitamento do êxito sobre DEODORO.

(6) — *O plano dos fogos :*

- *De apoio ao ataque :* fogos contra as resistências de Boa Vista e Carrapato.
- *De proteção :* fogos contra as resistências das cotas 40, respectivamente ao N de Boa Vista e esporão SW do Carrapato.

De posse desses elementos estaremos em condições de redigirmos a Ordem. Em anexo damos um exemplo.

III — CONCLUSÕES

Do estudo que apresentamos é possível concluir :

- (1) — a solução só satisfaz quando lógica e não contraria os preceitos regulamentares;
- (2) — o método de raciocínio é sempre o melhor caminho para a solução;
- (3) — num exame (eis a parte psicológica do problema) é preciso *muita atenção* para os pedidos feitos. Muitas vezes isto é desprezado e erros graves são cometidos. No caso em apreço, pedia-se a redação das ordens. Então : o mecanismo da solução compreendia :
 - definir primeiros quais as ordens;
 - depois, pensar na sua redação,
- (4) — finalmente, que esta solução não é a da "casa", mas que responde às *necessidades da missão e às possibilidades do inimigo, nesse terreno.*

Rio, Dezembro de 1947.

— x —

OS ANEXOS :

N.^o 1: O Tema

SITUAÇÃO GERAL

Carta da Vila Militar 1/20.000 e croquis na escala aprox. de 1/200.000

I — . . . ver croquis anexo.

II — Após uma batalha travada ao N da Serra de MADUREIRA, a 1.^a D. C. é lançada em aproveitamento do êxito, na direção de DEODORO-CASCADURA.

O Comando da D. C., no cumprimento da missão, lança em 1.^º escalão dois grupamentos táticos, um motorizado, constituído pelo 1.^º RCM, 1.^º Gr. 105 M e o 1.^º B. E. (÷) e outro hipomóvel, constituído pelas 1.^ª Bda. Cav., e a 1.^ª Cia./1.^º B. E., visando desbordar respectivamente pelo L e W a Serra de MADUREIRA.

O grupamento motorizado, após ter tomado contato com elementos do inimigo, é detido face a uma posição que apoia o seu flanco nas encostas L da Serra de MADUREIRA.

O grupamento hipo, após ter tomado contato com o inimigo a W da referida serra, ataca com o 1.^º R. C. e o Gr. de Art. 75, rompe a posição inimiga e lança o 2.^º R. C. em aproveitamento do êxito, com a missão de se apossar da região de DEODORO ou, pelos menos, cortar as comunicações entre essa região e as forças que detêm o grupamento motorizado.

SITUAÇÃO PARTICULAR

- I — Às 1400 hs. de D, a situação do 2.^º R. C. é a constante do cálculo anexo n.^º 1.
- II — O Cmt do 2.^º RC, que havia se deslocado para a frente, recebeu dos Cmto do I e III Esqs. as seguintes informações :
 - a. desde que desembocaram dos desfiladeiros de BANGU (o I ao N do Morro do Retiro e o III ao S) vieram repelindo elementos inimigos de cavalaria.
 - b. estão detidos na atual linha de contato desde às 1330 hs. pós terem atacado para conquistar respectivamente :
 - o I Esq. o M.^º do Eng. Novo.
 - o III Esq. a cota 60.700 ms S de Faz. do Eng. Novo.
 - c. O inimigo apresenta organizações de terreno muito sumárias onde foram identificadas algumas armas automáticas.
 - d. Tiros de morteiros caem nas seguintes regiões :
 - M.^º do Eng. Novo,
 - Faz. do Eng. Novo, e
 - cota 60.700 ms. S da Faz. d o Eng. Novo.
 - e. Até o presente não foi assinalado nenhum elemento blindado.
 - f. Durante as ações realizadas tiveram poucas perdas.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

- I — A carta representa fielmente o terreno.
- II — Tempo bom e seco; amanhece às 0600 hs e anoitece às 1800 hs.
- III — A aviação inimiga tem se mostrado pouco ativa.

O CONCURSO...

TRABALHO PEDIDO :

I — Dizer as ordens que seriam dadas pelo Cel. Cmt do 2.^o RC para cumprir sua missão.

II — Redigir essas ordens.

Obs.: as ordens de preferência devem ser confeccionadas aproveitando-se o papel calco, sempre que possível.

—x—

N.^o 2 :

A Organização do Regimento :

Dados colhidos do Vademeicum da Escola de Estado Maior :

1. Coronel Comandante

2. Estado Maior :

— Sub. Cmt	Ten. Cel.
— Oficial de suprimentos	S/4 — Major
— Oficial de instrução	S/3 — Capitão
— Oficial de informações	S/2 — Capitão
— Ajudante	S/1 — Capitão
— Médicos	1 Cap. e 1 Ten.
— Dentista	1 Ten.
— Veterinário	1 Cap. e 1 Ten.
— Tesoureiro	1 Cap.
— Almoxarife	1 Ten.
— Aprovisionador	1 Ten.

3. Duas alas a cavalo, contendo cada uma :

— Comando	1 Major
— Secção de comando	
— Secção de comando	
— 2 Esquadrões de fusileiros, cada um com :	
— Comando	1 Cap.
— Pel. de comando, com :	
— I sub cmt	1º Ten.
— seq. de comando	
— seq. de serviços.	
— 4 Pels. ed fusileiros, a 3 g. c. cada	
— 1 seção de morteiros de 60	
— 1 seç. de lança rojão.	

4. Esquadrão de Petrechos Pesados, com :
- Comando 1 Cap.
 - Pelotão de comando, com :
 - 1 sub cmt. 1º Ten.
 - seç. de comando
 - seç. de serviços.
 - 2 Pels. de metralhada de 2 seç. a 2 peças.
 - 1 Pel. de morteiros de 81, a 2 seçs. de 2 peç.

5. Esquadrão de Comando e Serviços :

- Comando 1 Cap.
- Seção de comando
- Pelotão anti-carro
- seção de transmissões
- seção de serviços.

— X —

N.º 3 :

As Ordens expedidas.

(1) *A Ordem de aproximação :*

2.º R. C.

Dia D, Cs 14,30 horas.

P. C. no Morro do Retiro.

ORDEM DE APROXIMAÇÃO N.º 2

(confirma ordem verbal)

- 1 (ver calco n.º 2)
2. O Regimento (—) vai dar um lanço para a região de... (ver calco), onde apareá para o combate; prosseguirá, em seguida, para a região de.... (ver calco), onde aguardará ordens.
3. Formação : coluna de esquadrões por 2.
4. Os trens permanecerão a W do Morro do Retiro.
5. Meu P. C. funcionará nas encostas W de Morro do Engenho Novo a partir de 1500 horas.

Cel. X., Cmt. do 2.º R. C.

Confére :

Ten. Cel. Y,

Sub. Cmt.

Destinatários : distribuição A.

(2) — *A Ordem de Reconhecimento :*

2.º R. C.

Dia D, Rs 14,30 horas.

P. C. no Morro do Retiro

O CONCURSO...

ORDEM DE RECONHECIMENTO N.^o 2

(Confirma ordem verbal)

- 1..... (ver calco 2)
2. O Regimento vai atacar na região de Morros da Boa Vista e do Carrapato.
3. a. Vou proceder os reconhecimentos necessários e acompanhar-meão os seguintes oficiais : Cmto. dos 2.^º e 4.^º Esqs. de Fuz., o Cmt. do Esq. de Petrechos Pesados e o Oficial de informações.
b. Observatorio dos trabalhos : Morro do Engenho Novo.
4. Transportes a utilizar : jeeps.

Cel. X., Cmt. do 2.^º R. C.

Ten. Cel. Y,

Sub. Cmt.

Distribuição : A.

(3) — A Ordem de Ataque :

2.^º R. C.

Dia D, às 1500 horas.

P. C. nas encostas W do Morro do Engenho Novo.

ORDEM DE ATAQUE N.^o 2.

(Confirma ordens verbais)

- 1..... (ver calco n.^o 4)
2. O Regimento vai se apossar de DEODORO, atacando nas condições do calco anexo n.^o 4.
3. a. Escalão de ataque : 2.^º Esquadrão de Fuzileiros
b. Base de fogos : o Esquadrão de Petrechos Pesados.
c. Reserva : o 4.^º Esquadrão de Fuzileiros, na região... (ver calco) em condições de se lançar rapidamente sobre DEODORO, em aproveitamento do êxito.
x. Os 1.^º e 3.^º Esquadrões, em contato, manterão ativa vigilância sobre o inimigo e redobrarão seus fogos por ocasião do ataque.
- Hora H : 1600 horas, a confirmar.
4. Ver ordem administrativa n.^o 2 (como lembrança)
5. Código de sinais : em anexo n.^o 3 (como lembraça)

Cel. X., Cmt. do 2.^º R. C.

Ten. Cel. Y,

Sub. Cmt.

Distribuição : A.

Reconhecimento, escolha e ocupação de posição no Grupo Caso em que não se dispõe de tempo^()*

Notas da E.A.O. — Maj. JARDEL FABRICIO.

I — GENERALIDADES

Acabamos de ver o RECONHECIMENTO, ESCOLHA E OCUPAÇÃO DE POSIÇÃO por um Grupo de Artilharia que se encontrava estacionado ou em uma zona de reunião. Vamos agora estudar a mesma operação realizada por um Grupo que fazendo parte de um GT, desloca-se ao encontro do inimigo.

Tomado o contacto a Infantaria desdobra-se e o Grupo entra em posição, o mais rapidamente possível, afim de prestar-lhe o seu apoio de fogo.

Isto implica em dizer que não disporá o Grupo de tempo para uma operação de reconhecimento e ocupação de posição clássica. O Método Geral de reconhecimento tem, não obstante isso, aplicação integral neste caso, variando apenas os detalhes de execução, uma vez que a operação deve ser abreviada o mais possível. Predomina no caso presente a, — RAPIDEZ — a mais importante das características básicas do Método, a qual é obtida mediante uma perfeita — DESCENTRALIZAÇÃO.

O processo que veremos constitue uma NGA, porém tem a flexibilidade suficiente para sofrer as adaptações que se tornarem necessárias à situação tática do momento.

Duas situações se podem apresentar neste caso:

A — Dispõe-se de carta e os meios de transmissões rádio funcionam perfeitamente.

B — Não se dispõe de carta e os meios de transmissões rádio não funcionam.

II — DISPOE-SE DE CARTA E OS MEIOS DE TRANSMISSÕES RÁDIO FUNCIONAM PERFEITAMENTE

1 — TEMA PARA O ESTUDO

Cartas — D. Federal e V. Militar

Escalas — 1/50.000 e 1/20.000

(*) Continuação do n.º 401 de outubro de 1947.

SITUAÇÃO GERAL

Jornada de D-I

- a — A 1.^ª D.I. que se deslocava de L. para W. ao encontro do inimigo, estacionou na 2.^ª parte da jornada na região de EST. COLEGIO — EST. AREIAL — IRAJÁ.
- O esq. de Reconhecimento da Divisão, que fôra lançado para W. entra em fim de jornada em contato com elementos inimigos na linha geral Col. do TREM — Col. do CAPÃO REDONDO — Col. da TORRE — M.^o S. BENTO e mais ao S.
- b — O GT/3 recebe da D.I. às 2000 ordem de se deslocar para W., como elemento do 1.^º escalão da D.O., a partir das 0500 do dia D, segundo o eixo RICARDO DE ALBUQUERQUE — GUARACIABA — M.^o do RETIRO, com a missão de apossar-se das saídas do desfiladeiro de BANGÚ.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Jornada de D.

O Cmt. do GT/3 ao iniciar seu movimento é informado que o esq. de Reconhecimento ainda se encontra em contato na linha atingida e espera por volta de 0600 continuar na sua progressão para W. As 0800 quando o VG atinge a linha M.^o S. BERNARDO — M.^o do CAPIM — V. MILITAR é o Cmt. do GT, que se encontra na Est. de RICARDO DE ALBUQUERQUE informado que a Cavalaria ainda se encontra na mesma linha e em situação difícil. Deante dessa informação e face a missão a cumprir decide o Cmt. do GT:

- continuar na sua progressão para W. o mais rapidamente possível
- adotar a partir da linha M.^o do ENG. NOVO — Faz. ENG. NOVO — REALENGO um dispositivo tal que lhe permita ultrapassar o Esq. de Reconhecimento ou acolhe-lo, se fôr o caso, em condições de repelir o inimigo e prosseguir no cumprimento de sua missão
- ter para isso a partir dessa linha a artilharia em posição

2 — DISPOSITIVO DO GT

O GT/3 ao iniciar seu movimento para W. tomou o dispositivo seguinte:

"PATRULHA MOTORIZADA"

— Pel. Reconhecimento do R.I.

"VANGUARDA"

— 1/3.^o R.I.

"GROSSO"

— 3.^o R.I. (—)

— 3.^o G.O. 105 Au. R.

— Demais elementos

3 — ARTICULAÇÃO DO GRUPO NO DISPOSITIVO DO GT
A — PATRULHA MOTORIZADA

A — PATRULHA MOTORIZADA**B — VANGUARDA :**

1. — Ponta : 1 G. C. (Inf.)

2. — Escalão de Reconhecimento : 1 Pel. (— 1 G. C.) (Inf.)

3. — Escalão de combate :

a. Viatura. Obs. Avanç. (Art.) — Obs. avançado
da 1.^a Bia.; 2.^o Sgt. reconheci-
mento; Sd rádio (motorista)

(Com o Cmt. do escalão de combate)

b. 1 Cia. (— 1 Pel.) (Inf.)

c. Viat. S-2 (Art.) : S-2

Sd. rádio

Sd. motorista

(Desloca-se onde for necessário para o cumprimen-
to da missão)

4. — Reserva : a. Viat. Of. Lig. n.^o 1 (Art.) :

Of. Ligação N.^o 1

Ob. rádio

Sd. Ligação n.^o 1 (mot.)

(Com o Cmt. da VG)

b. Viat. Lig. n.^o 4 (Art.) :

3.^o Sgt ligação n.^o 1

Cb Ligação n.^o 1

Cb telefonista (mot.)

c. I Btl (— 1 Cia) (Inf.)

d. Viat. Of. reconh^o. 1.^a Bia (Art.) :

Of. Reconhec.^o da 1.^a Bia

Cb. auxí. tiro (mot.)

Sd. rádio

RECONHECIMENTO...

C — GROSSO :

1. Cmt. e E M do R. I. (Inf.)
2. Viat. Cmt. Gr.: Cmt. Grupo
(Art.) S-2
Sgt. Ajudante
Sd. rádio
Sd. clarim (mot.)
3. Viat. Of. Trans.: Of. Transmissões
(Art.) 2.º Sgt. Telég. (mot.)
Sd. rádio

Reconhecimento das Baterias (cada)

4. Viat. Cmt. Bia: Cmt. da Bia
(Art.) Cb. rádio
Sd. clarim (mot.)
5. Viat. reconh.º da Bia: 2.º Sgt. do tiro
(Art.) Ch. esclarecedor n.º 1
Ch. esclarecedor n.º 2
Cb. mecânico rádio
Sd. motorista (Telef.)
6. Viat. Of. Reconh.º: Of. reconhecimento
(Art.) Sd. rádio
Cb. aux. tiro (mot.)

Secção Topográfica do Grupo

7. Viat. Top. n.º 1: Adjunto S-2
(Art.) 2.º Sgt. topog. (mot.)
Sd. metralhador
8. Viat. Top. n.º 2: 3.º Sgt. topógrafo
(Art.) Obs. topógrafos
Sds. topógrafos
Sd. topógrafo (mot.)
Sd. reserva
9. Viat. Of. Lig. n.º 2: Of. Ligação n.º 2
(Art.) Cb. rádio
Sd. ligação n.º 2 (mot.)

(Com o Cmt. do Bl.)

10. Viat. Lig. n.º 5: 3.º Sgt. ligação n.º 2
(Art.) Cb. ligação n.º 2
Cb. telefonista (mot.)
11. Viat. Obs. Avanç.: Obs. avançado — 2.º Bla
(Art.) 2.º Sgt. reconhecimento
Sd. rádio (mot.)
12. II Bl/1.º R. I. (Inf.)
13. Viat. Of. Lig. n.º 3: Of. ligação n.º 3
(Art.) Cb. rádio
Sd. ligação n.º 3 (mot.)

(Com o Cmt. do Btl.)

14. Viat. Lig. n.º 6 : 3.º Sgt. ligação n.º 3
 (Art.) Cb. ligação n.º 3
 Cb. Telefonista (mot.)
15. Viat. Obs. Avanç.: Obs. avançado 3.ª Bla.
 (Art.) 2º Sgt reconhecimento
 Sd. rádio (mot.)
16. III Btl/1.º R. I. (Inf.)
17. 1º G. O. (Elem. reconhecimento)
18. Viat. Sub-Cmt.: Sub-Cmt.
 (Art.) 1.º Sgt.
 Cb. arq. datilog. comando
 Sd. rádio
 Sd. motorista
19. Viat. Ag. trem: Cb agente do trem
 (Art.)
20. Viat. da C. T.: Adjunto S-3
 (Art.) 2.º Sgt. transmissões
 2.º Sgt operações
 Cb. calculador
 Sd. motorista
21. Viat C. L. F.
22. Peças }

23. Viat. mun. 1 } 1.º, 2.º e 3.º Bias (—)
 24. Viat. telef. } nesta ordem

25. Viat. mnt. } (Para diminuir a coluna a viatura mu-
 nição 2 e a viatura cozinha são incor-
 poradas à Bla. de Serviço).

26. Bla. Comando (—)
 (O dest. Saúde e a viatura cozinha são
 incorporados à Bla. de Serviço)

27. Bla. de Serviço.
 (Acrescida das viaturas incorporadas)
 (Normalmente permanece na zona de
 estacionamento, só se deslocando por
 lances e mediante ordem).

Examinando esse dispositivo vemos como a articulação da artilharia irá facilitar a tarefa futura para a entrada em posição.

O observador avançado da 1.ª Bla. deslocando-se com o escalaõ de combate da VG, se encontra em condições de acionar os tiros da artilharia tão logo a infantaria se desdobre, não necessitando esperar que o Grupo complete a instalação dos seus observatórios.

O S-2 deslocando-se atraç do escalaõ de combate se encontra em condições de, movimentando-se para onde julgar mais necessário para cumprir a sua missão, reconhecer e selecionar locais

para posições de bateria, para observatórios e itinerários para as mesmas, etc., tudo próximo e ao longo do eixo de marcha.

O Oficial de ligação n.º 1 junto ao Cmt. do Btl. VG., está em condições de informar ao Grupo quasi que imediatamente o plano desse Btl. e solicitar os tiros que se fizerem necessários.

O Oficial de reconhecimento da 1a. Bia. fica em condições de montar o PO da sua Bia. ou ser empregado como observador avançado adicional.

O reconhecimento do Grupo situado entre o Btl. VG. e o Grosso da coluna, facilita o seu acionamento sem tardança.

Muitas vezes porém, o Cmt. do GT não autorizará o Cmt. do Grupo a ter na frente do Grosso essas 12 viaturas. Terá nesse caso o Cmt. do Grupo de reduzir o seu efetivo, mas necessitará tê-las à mão.

Uma solução será fazer marchar à frente apenas a sua viatura e a do oficial de transmissões, seguindo as demais à retaguarda por lances, de coberta em coberta.

Outra solução será fazer marchar as 10 viaturas restantes atrás dos primeiros elementos do Grosso.

Ainda uma outra e a pior de todas, seria conservar as 10 viaturas na testa do Grupo, o que viria aumentar de muito o tempo de entrada em ação.

Os reconhecimentos de Biás. da mesma maneira facilitam o seu rápido acionamento.

4 — PROCEDIMENTO DO CMT. DO GT

O Cmt. do GT. examinou e estudou, juntamente com o seu E. M., do qual o Cmt. do Grupo é um conselheiro técnico nas questões relativas à artilharia, a situação e os fatores, chegando a uma decisão, cujo resumo consta do tema (pág. 1)).

Face à decisão tomada dá êle, ao Cmt. da VG. ordem para o seu desdobramento à partir da linha Faz. ENG. NOVO — M.º PERIQUITO — M.º ENGENHO NOVO. e ao Cmt. do Grupo para que a artilharia entre em posição para fornecelhe o apoio quando este se tornar necessário.

Nesse momento o dispositivo do GT. em coluna de estrada ao longo do eixo de marcha é o seguinte:

- escalão de reconhecimento — nas orlas do Campo de de GERICINÓ
- escalão de combate — na linha Faz. ENG. NOVO — M.º PERIQUITO — M.º ENGENHO NOVO
- reserva — Cotas 60 GEMEAS — M.º CARRAPATO
- grosso — na linha M.º JAQUEIRA — M.º DENDE — M.º JOVINO

- Observador avançado da
 - 1a. Bia. — Faz. ENG. NOVO
- S — 2 — Região de GUARACIABA
- Oficial de ligação n.º 1 — Cota 60 GEMEA do S.
- Cmt. Grupo, S-3, of. — em deslocamento para M.º DEN.
trns. DÉ com o Cmt. do R.I.
- Cmts. de Bias., oficiais
de reconhecimento, ad-
junto S-2 e a turma to-
pográfica — Orlas L. de RICARDO De AL-
BUQUERQUE
- Restante do Grupo ... — Região de HONÓRIO GURGEL.

5 — PROCEDIMENTO DO CMT. DO GRUPO

Recebendo a ordem do Cmt. do GT o Cmt. do Grupo imedia-
diatamente pelo rádio determina:

- a — *Ao S-2* — Que reconheça em detalhe as regiões E, F, 6
e 7 (vêr calco), porquanto o Grupo vai entrar em posição
afim de apoiar a Inf. a partir da linha Faz. ENG. NOVO —
M.º PERIQUITO — M.º ENGENHO NOVO.
- b — *Ao SUB. CMT.* — Que conduza o Grupo à frente pelo
eixo de deslocamento até às proximidades da região E, deven-
do a Bia. de Serviço estacionar na região B, para isso dispõe o
Grupo de prioridade nas estradas.
- c — *Aos reconhecimentos das Bias e à Turma Topográfica* —
Que venham ao seu encontro, na região do cólo próximo à zo-
na C, pelo eixo de deslocamento.

Aguarda em seguida a chegada do S-2 para receber de-
talhes e tomar sua decisão. Poderá aguardar ainda a chegada
dos reconhecimentos das Bias. para inteira-los dessa deci-
são ou o que é mais recomendável, deixará ao S-3 tal incum-
bência, ficando livre para entrar em entendimento com o Cmt.
do R.I. para cientificar-se da sua manobra.

6 — PROCEDIMENTO do S-2

O S-2 do Grupo colocado à frente vai, como se disse, vascu-
lhando o terreno e reconhecendo à direita e esquerda do seu ei-
xo de marcha locais para Posições, para observatórios, itine-
rários de acesso e saída, etc.

Para isso o E.M. do GT., quando do seu estudo preparató-
rio ainda no estacionamento, selecionou mediante um estudo
acurado na carta zonas para posições, zonas para observatórios,
itinerários, pontos importantes do terreno, dando aos mesmos

RECONHECIMENTO..

designações em letras ou números. É criado assim um código para uso do GT no decorrer da marcha de aproximação. Todas referências ao terreno deverão ser amarradas a êsses pontos ou a essas zonas previamente escolhidas. Assim obter-se-á a mesma linguagem nas transmissões rádio do GT.

O S-2 à medida que progride no terreno, vai reconhecendo essas diferentes zonas já selecionadas e pelo rádio inteira o Cmt. do Grupo do resultado desses reconhecimentos.

O seu reconhecimento é sumário, não necessitando para isso abandonar de muito o seu eixo de progressão. As posições para as baterias caracterizam-se nessa fase pela sua proximidade da estrada e amarradas se possível à vizinhança dos observatórios. No caso em apreço o S-2 reconhecerá as zonas A,B,C, 1,2,3, 4, e 5, quando ao atingir a região de GUARACIABA recebe ordem do Cmt. do Grupo para reconhecer em detalhe as zonas E,F, 6 e 7. Reconhecendo-as rapidamente retorna o S-2 ao encontro do Cmt. do Grupo para fornecer-lhe as informações de detalhe impossíveis de dar pelo rádio.

7 — REUNIÃO DO CMT. DO GRUPO OU DO S-3 COM OS RECONHECIMENTOS CHAMADOS À FREnte

Inteirado pelo S-2 dos detalhes do reconhecimento, toma o Cmt. do Grupo sua decisão e dá a ordem ou determina ao S-3 que o faça, para que os reconhecimentos das Bias e a turma topográfica iniciem seus trabalhos para o reconhecimento e ocupação de posição.

Essa ordem verbal dirá em síntese qual a situação, onde a infantaria vai iniciar seu desdobramento, as regiões dentro da zona F selecionadas para cada Bia., os locais dos PO dentro das zonas 6 e 7 e os itinerários que a elas vão ter. Constará ainda a determinação ao Adjunto do S-2 referente a um rápido levantamento da zona de posições, para organização pelo CT e a direção de vigilância.

Determinaria ainda aos oficiais de reconhecimento que acompanhassem o S-2 para se inteirarem dos locais escolhidos para PO de suas sub unidades e do plano de observação, e ao oficial de transmissões a região para o PL — bifurcação N. de M.^o JAQUEIIRA.

8 — PROCEDIMENTO DESES ELEMENTOS

a — OBESERVADOR AVANÇADO

O observador avançado da 1a. Bia. está em condições de observar e regular o tiro não só da sua Bia. como de todo o Grupo.

Após a sua conferência com o Cmt. do R.I. o Cmt. do Grupo pôde designar outros oficiais para observadores avançados junto ao Btl. VG. Para isso dispõe ele dos oficiais de reconhecimento e dos oficiais de manutenção da Bias. Os oficiais de reconhecimento uma vez empregados terão de ser substituídos na sua tarefa pelos CLF, o que não é recomendável, porque haveria evidentemente um retardo na entrada m posição.

b — OFICIAL DE TRANSMISSÕES

O oficial de transmissões determina ao Sargento Ajudante que, na região determinada, reconheça o local do PL e o instale. Em seguida dirige-se para a região de Cota do POMAR, afim de seleccionar um local para o PC do Grupo. Na marcha de aproximação o PC deve ficar localizado o mais próximo possível da posição das Bias., afim de facilitar as transmissões.

Seleccionado este local o oficial de transmissões vai então cuidar da sua tarefa especializada.

c — SUB COMANDANTE

Tão logo recebeu a ordem do Cmt. do Grupo iniciou seu deslocamento segundo o eixo de marcha e ao atingir a região da bifurcação ao N. de M.^o da JAQUEIRA contra o PL estabelecido pelo Sargento Ajudante.

Determina ao agente do trem que conduza à frente a 5a. peça das Bias e o Dest. de Saúde, encarregando-se em seguida do estabelecimento e organização do PC.

Ao passar pela região B determinou à Bia. de Serviço que ai estacionasse, comunicando sua localização tão logo lhe seja possível.

d — S-3

O S-3 assume a direção dos trabalhos, desde que o Cmt. do Grupo se encaminhe para fazer o seu entendimento com o Cmt. do R.I. Aguarda a chegada da Bia. de Comando para iniciar a instalação da CT.

e — ADJUNTO do S-2

Inicia o levantamento rápido da zona de posições, fornecendo à CT os dados obtidos e numa 2.^a urgência o levantamento da zona de objetivos, procurando assim ter uma organização topográfica completa.

f — S-4

O S-4 acompanhado pelo Cmt. do trem ou pelo Sgto. remuniciador irá à frente, após ter localizado sua Bia., afim de comunicar sua localização e pôr-se ao par dos

RECONHECIMENTO,..

locais das posições de bateria, do P.C., dos itinerários de acesso e saída à posição.

g — CMTS. DE BATERIAS

Os Cmts. de Bias. iniciam o seu reconhecimento e uma vez selecionada a posição planejam o recebimento da sub unidade no PL e a entrada em posição.

As operações relativas ao reconhecimento, escolha e ocupação da posição em nada diferem das estudadas no caso em que se dispõe de tempo.

Apenas no caso presente, como a Bia. desloca-se diretamente da coluna em marcha para a posição, não haverá tempo para que o CLF se adeante e vá à posição antes da chegada das peças. Desse modo não haverá a parada nas imediações da posição, devendo as viaturas serem guiadas aos seus locais exatos por guias para tal designados.

Uma solução para isso será também munir o cabo esclarecedor n.º 2 de discos metálicos ou de madeira na ponta de estacas, trazendo escritos de modo bem legível os números da peças. O mesmo cabo balisará a posição empregando bandeirolas. Colocando-se no lado da posição por onde a Bia. deve abordá-la, mantém uma bandeirola horizontalmente indicando a frente e agita em semi círculo vertical outra indicando a direção de tiro.

9 — ABERTURA DE FOGO

O observador avançado da 1.ª Bia. poderá pedir à sua Bia. uma missão de tiro sobre objetivo inopinado.

O CLF calculará seus dados para atender tal pedido e iniciará o tiro observado e regulado pelo observador avançado.

As Bias. tão logo entrem em posição deverão regular sobre um PV determinado, utilizando para isso um PO de Bia. ou o próprio observador avançado. Obtidos os dados das regulações, deverão imediatamente ser remetidos a CT para estabelecimento da PTO.

10 — TRANSMISSÕES

Durante o deslocamento o meio de transmissão empregado é o rádio. Na maioria das vezes porém este fica interdito até o momento em que o Grupo recebe ordem para entrar em posição. Os rádios trabalham durante o deslocamento no canal B. as mensagens devem ser curtas e em código.

Ocupada a posição as transmissões da CT são feitas através o canal A, até a chegada das viaturas telefónicas, quando será então lançado um circuito telefónico direto para as Bias. No ini-

cio as centrais telefônicas são dispensáveis, porém tão logo seja possível deve-se à estabelecer um sistema telefônico mais flexível. Operando o Grupo em dois canais diferentes, teremos duas redes rádio, uma de comando e outra de tiro.

11 — CONTINUAÇÃO DA PROGRESSÃO

Vencida a resistência a VG continua sua progressão e o Grupo mantém-se em posição, deslocando apenas a sua observação, até o momento em que o alcance útil de seus canhões — 9.000 metros — aproxima-se do seu limite, quando estão iniciará o Grupo o seu deslocamento por escalões.

12 — TEMPO CONSUMIDO

Como acabamos de ver, há uma grande descentralização na operação, visando obter-se com isso a rapidez.

Vimos como um Cmt. de Grupo distribui as diferentes missões e a atribuição que faz da responsabilidade individual na execução das mesmas.

Anteriormente um Grupo de Artilharia levava cerca de 90 minutos para entrar em posição e ficar em condições de abrir fogo em apoio a uma infantaria que ia atacar. Como esta consumia cerca de 45 minutos para desenvolver-se e desdobrar-se, permanecia outros 45 minutos na base de partida aguardando a artilharia ou arriscava-se a atacar sem o seu apoio, exposta talvez ao fracasso. Com a descentralização que acabamos de ver há uma diminuição grande desse tempo, tornando-o comparável àquele gasto pela infantaria.

As sete fases fundamentais de um reconhecimento e ocupação de posição sofrem uma diminuição no tempo de execução, sendo mesmo algumas realizadas simultaneamente.

Segundo os dados regulamentares este processo permite contar com o apoio da artilharia :

- 1 Bia. na base do observador avançado 25'
- 1 Grupo na base do observador avançado 45'
- 1 Grupo na base de uma PTO 60'

FASES	BIA	GRUPO
1.º Conhecimento do plano de manobra do R.I.	5	5
2.º Determinação da zona de procura pelo Grupo	0	0
3.º Reconhec. ^o pelo Grupo	0	0
4.º Ordens e reconh. ^o pelas Baterias	10	25
5.º Deslocamento até o PL	0	0
6.º Ocupação da posição	5	10
7.º Trab. topog. e regulaç.	5	5
TOTAL	25	45

O Cmt. do Grupo para se inteirar do plano de manobra do Cmt. do R.I., que se encontra ao seu lado, gastará na realidade muito pouco tempo.

As 2.^a e 3.^a fases são simultâneas e anuladas. O S-2 no decurso da marcha já vinha selecionando zonas previamente marcadas, como zonas para posições e para observatórios.

Os reconhecimentos de Bia, que se encontravam próximos, estão em condições de prontamente receber ordens e iniciar seus reconhecimentos. Acresce ainda o fato de já ter uma Bia, o seu oficial de reconhecimento na região a ocupar.

Enquanto processava-se o reconhecimento das Bias, o Grupo deslocava-se para o PL., realizando portanto a 5.^a fase simultaneamente com a 4.^a.

A ocupação da posição será abreviada pois não deve presidi-la nenhuma idéia de organização do terreno. Os trabalhos topográficos e os necessários para a regulação são também mínimos.

É necessário no entanto salientar que êsses dados dizem respeito a condições consideradas ótimas, isto é, estradas pavimentadas, transmissões rádio perfeitas, tropa bem instruída, etc. Servirão entretanto como base para raciocínio.

III — NÃO SE DISPÓE DE CARTA OU OS MEIOS DE TRANSMISÃO RÁDIO NÃO FUNCIONAM

Na falta de cartas ou ausência de transmissão rádio o dispositivo da artilharia no GT sofre as modificações necessárias para assegurar da mesma maneira a rapidez indispensável a marcha de aproximação.

Caraterizando-se essa fase do combate pelo emprego intensivo e exclusivo do rádio a falta de cartas, portanto falta de referências para as transmissões ou a ausência daquele implica em procurar-se a utilização de um outro meio de transmissão seguro que o substitua.

Em 1.^a urgência sómente é possível de emprego o mensageiro e depois então o telefone.

Vejamos pois como solucionar esse problema, que freqüentemente haveremos de encontrar na nossa campanha.

Devemos dotar os dois elementos-chave do Grupo nessa fase da operação, isto é, o Cmt. do Grupo e o S-2, de um mensageiro que permita a sua comunicação com os demais elementos do Grupo.

Prevendo ao mesmo tempo um rápida entrada em ação da Bia, que tem seu observador avançado e seu oficial de reconheci-

mento à frente, dota esses elementos dos meios telefônicos necessários à ligação com a sua Bia.

Assim as modificações são:

"ADICIONAR"

- *No escalão de combate junto ao S-2:*

Viat. Ag. Ligaçāo	Cb. agente de ligação do Grupo
----------------------	-----------------------------------

- *Na reserva junto ao Oficial de reconhecimento da 1.ª Bia.*

Viat. Tel. n.º 1	Cb. telefonista Sd. telefonista Sd. telefonista (mot)
---------------------	---

(Munidos de uma bobina com fio leve)

- *No Grosso junto ao Cmt. do Grupo*

Viat. Ag. Trem	Cb agente do trem
-------------------	-------------------

- *No Grosso junto aos reconhecimentos das Bias*

Viat. Tel. n.º 1	Cb. telefonista Sd. telefonista Sd. telefonista (mot)
---------------------	---

(Munidos de uma bobina com fio leve)

O número de viaturas a adicionar aos elementos avançados é reduzido e serão todas viaturas de 1/4 tonelada.

Nesse caso em apreço, dificilmente poderá o comando superior limitar o número de viaturas dos reconhecimentos, pois do contrário a rapidez tão necessária à operação será evidentemente prejudicada.

É verdade que para tal caso não poderemos mais tomar como base de raciocínio os tempos que assinalamos na página 51, porém o acréscimo sobre os mesmos não será de grande vulto.

A Cavalaria Brasileira

Major AROLD RAMOS DE CASTRO
Instrutor-chefe de CAVALARIA da E. E. M.

Nenhum momento se nos asfigura mais oportuno para focalizarmos o problema da organização da Cavalaria Brasileira que o atual, em particular, pelos rumores em curso de uma futura padronização das Forças Armadas do continente Americano.

Os elevados propósitos de tão transcendente medida são indiscutivelmente uma confortadora demonstração dos anseios dos Povos Americanos, de unidos, assegurarem a vida democrática e a integridade geográfica do hemisfério.

Cumpre porém considerar quanto aos aspectos puramente militares da questão, a necessidade de manter cada País, na organização das suas forças combatentes de terra, tipos de unidades inteiramente associadas às suas próprias contingências.

Assim o Brasil, por razões sobejamente conhecidas e dentre as quais sobrelevam de importância as decorrentes da sua escassa rede de comunicações rodoviárias, necessita possuir, ao nosso ver, uma potente força de Cavalaria hipomóvel.

Apezar de vivermos a época da motomecanização dos Exércitos não nos arreceiamos de afirmar que ainda existe, modernamente, ambiente para o emprégo eficiente de uma Cavalaria que utilize exclusivamente como meio de transporte e de combate, o cavalo.

De todas as Armas, tem sido a Cavalaria, a que maiores mutações sofreu na sua estruturação, decorrência aliás bem compreensível em virtude da evolução altamente acelerada da técnica ao serviço da "Arte da Guerra". Lutando estoicamente pela sua sobrevivência a "Nobre Arma" adaptou-se com absoluto êxito às contingências da guerra moderna, chegando mesmo em alguns países a motomecanização integral.

O Exército Brasileiro creou, a título experimental, uma organização mixta para as suas grandes Unidades de Cavalaria, verdadeiro derivativo da idéia extremista daqueles que preconisam a eliminação definitiva do cavalo dos campos de batalha da atualidade. Tal organização porém, extraordinariamente flexível no domínio teórico não nos parece atender entretanto, aos imperativos da prática.

Temos a impressão de que as Grandes Unidades de Cavalaria com aquela organização, dificilmente permitirão ao Comando, no caso particular brasileiro, uma coordenação fácil e um acionamento rápido e oportuno. O exame acurado do problema levar-nos-á fatalmente às seguintes conclusões :

- A) — Muito raramente será possível ao Comando encontrar um terreno e condições atmosféricas tais, que permitam o pleno e simultâneo desenvolvimento das características próprias dos meios motomecanizados e hipomóveis.
- B) — Em via de regra os elementos motomecanizados e hipomóveis ficarão em dependência reciproca, o que acarreta em última análise uma desvirtuação dos princípios fundamentais que regem os seus empregos.
- C) — A extraordinária gama de material das Grandes Unidades de Cavalaria assim organizadas, impõe a existência de complexos e pesados órgãos de Serviços de difícil e delicado funcionamento.

Os campos de batalha da Europa Ocidental não nos proporcionaram, no decurso da última conflagração mundial, elementos que justifiquem as conclusões a que nos referimos, dado os aspectos particularíssimos de que se revestiam as operações de guerra e a natureza dos meios empregados pelas forças em presença. Entretanto, na parte Oriental do Velho Mundo a guerra se desenvolveu com características bem diferentes e, guardadas as devidas proporções, com aspectos muito adaptáveis ao caso Brasileiro, alicerçando assim os nossos argumentos relativos a organização mista das Grandes Unidades de Cavalaria.

Coube sem dúvida ao exército Soviético demonstrar, quão precipitados são os que julgam estar a Cavalaria hipomóvel definitivamente banida, das organizações militares modernas.

No início da invasão da Russia, os chefes militares alemães ridicularisavam a confiança que os soviéticos depositavam na sua Cavalaria. A sequência porém das operações militares veiu provar quão errados estavam os propugnadores do integral emprego do motor, na guerra moderna.

As operações de Tula, Moscou e Rostov demonstraram o partido que o Alto Comando pôde tirar da ação de uma Cavalaria hipomóvel, quando condições atmosféricas desfavoráveis imobilisaram a poderosa máquina de guerra alemã.

Durante a contra-ofensiva Russa de inverno a Cavalaria teve papel preponderante e readquiriu como outr' ora a sua fulgurante pro-

jeção histórica. Graças ao armamento de que dispunha, a educação militar dos seus cavaleiros e ao seu alto espírito ofensivo, cruzou ló-
gares vedados às forças motomecanizadas alemãs e infringiu, até mesmo com pequenos efetivos, derrotas fulminantes à importantes tropas germânicas.

Como na era Napoleônica, a Cavalaria no teatro de operações da Europa Oriental, deu pleno curso as suas características de "Arma dos espaços livres"; combateu e manobrou à cavalo, tirando integral partido das condições climáticas e topográficas desfavoráveis aos modernos engenhos motomecanizados.

No Brasil, dada a pobreza da nossa rede rodoviária, a configuração topográfica de certas regiões, o grande número de cursos d'água existentes em outras e até mesmo as bruscas mudanças atmosféricas observadas principalmente no Sul do País, o emprêgo das Grandes Unidades motomecanizadas requer um cuidado todo especial.

Em face de tão variados aspectos do nosso imenso País, não será utópico considerarmos as vantagens de possuirmos unidades de organização, instrução e equipamento especializados e levarmos muito em conta a possibilidade de operarmos em qualquer parte do território nacional com uma Cavalaria hipomóvel.

É fóra de dúvida, que sempre que o terreno e as condições atmosféricas permitirem, haverá incontestável vantagem de associar as Grandes Unidades de Cavalaria hipomóveis elementos motomecanizados tendo em vista o aumento da sua mobilidade e potência.

O que não julgamos viável para o caso Brasileiro, repetimos, é a organização mixta "a priori" das nossas Grandes Unidades de Cavalaria. Parece-nos mais aconselhável possuirmos na Reserva Geral, unidades de Cavalaria motomecanizadas, permanentemente organizadas e instruídas, seja para intervenções isoladas, seja mesmo para serem associadas às Grandes Unidades de Cavalaria hipomóveis.

A solução apresentada é tipicamente brasileira não só sob o ponto de vista exclusivamente militar mas também por atender às nossas tradições e ao aproveitamento de um grande contingente de homens, cujo amor pelo cavalo e a destresa como cavaleiros é sem dúvida, uma afirmação veemente, do importante lugar reservado à Cavalaria no nosso Exército.

Impõe-se entretanto não esquecer, que a existência da Cavalaria hipomóvel depende inicial e diretamente de uma organização que lhe assegure, em larga escala e com eficiência, a manutenção dos seus efetivos equíneos. Não é justo imaginar que uma Cavalaria na verdadeira acepção do termo, possa ser improvisada e montada com anais de requisição.

O cavalo é na Cavalaria, como o homem, um instruendo; difícil é o seu preparo e a sua substituição deve ser feita com oportunidade a fim de não comprometer a eficiência da Arma.

Consequentemente, para que tenhamos uma Cavalaria hipomóvel capaz de corresponder aos imperativos da Defesa Nacional e digna das nossas tradições militares, impõe-se considerar o Serviço de Remonta como uma organização inteiramente vinculada não só à Economia Nacional mas, principalmente, aos altos interesses militares da Nação.

Não nos arreceiemos pois, em estabelecer uma organização essencialmente brasileira para a nossa Cavalaria e nem nos deixemos empollar por observações de certos aspectos da última Grande Guerra, adstritos a determinados teatros de operações, em nada semelhantes aos do nosso continente e também a riqueza de meios bélicos que tão cedo não podemos dispor.

Tivemos a grata satisfação de constatar que as idéias que expressamos são também objeto de cogitações em outros setores militares do continente sul-americano. Assim é que, do artigo do Cel. José M. Silveira do Exército do Uruguai, traduzido e condensado pela "Military Review", destacamos o seguinte tópico :

"É lógico querermos introduzir idéias novas na tática de Cavalaria e dotá-la de armamento moderno, mas sem abrigar a esperança de motorizar ou mecanizar todo o seu conjunto, visto que será muito difícil a nosso país fabricar motores e obter combustível.

Deveremos ainda pensar de modo análogo com respeito às nossas estradas, que existem, mas, com exceção das rodovias principais, são difíceis e, durante certas épocas do ano, tornam-se intransitáveis para qualquer tipo de viatura".

A Cavalaria Brasileira pois, segundo o nosso ponto de vista, deve ser constituída essencialmente, por Grandes Unidades hipomóveis e unidades motomecanizadas de reconhecimento e de combate, sendo que estas últimas, com uma flexibilidade de organização, que lhes permita a constituição de verdadeiros grupamentos táticos para ações independentes ou para integrarem, eventualmente, como elementos de reforço, às Grandes Unidades hipomóveis.

A título exclusivamente de sugestão, apresentamos em continuação, um esboço para organização da Cavalaria Brasileira.

ESBOÇO DE ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA BRASILEIRA

CAVALARIA DE EXÉRCITO		CAVALARIA DIVISIONARIA		UNIDADES DE CAVALARIA DA RESERVA GERAL E DE ORGANISACAO PERMANENTE	
DC TIPO 1 (Organização permanente)	DC TIPO 2 (Organização Eventual)	RC DA DI TIPO 1 (Organização permanente)	Gr Rec de D. I. TIPO 2 (Organização permanente)	1) - R C M : Ten Cel	(A) — A organizaçao temaria dos GT da DC TIPO 1 visa particularmente facilitar as combinações de manobra da G. U.
1) - Cmt : Gen Div	1) - Cmt. Gen Div	ORGANISACAO IDENITICA AO R C da D C	1) - Cmt :	1) - R C M :	(A) — A organizaçao temaria dos GT da DC TIPO 1 visa particularmente facilitar as combinações de manobra da G. U.
2) - Sub. Cmt : Gen Bda.	2) - Sub-Cmt : Gen Bda.		2) - Sub Cmt:	- Organisacão idêntica ao da DC Tipo 2	(B) — Dada a extensão das zonas de ação em que normalmente operaria os nossos DI, julgamos que o Esq. Rec. não satisfaria, em absoluto, as necessidades da Busca de Informações.
3) - E.M. { Chefe EM: Cel Sub-Chefe EM: Ten Cel 4 Chefes Sec: Tens Ces. 12 Adjts: Majos. ou Caps. Cmrs Armas Chefes de Serviços	3) - E.M. { Identico ao da DC TIPO 1	3) E.M. { S1 S2 S3 S4	Major	2) - R Rec da DC Tipo 2	
4) - G. T. { 2 Bdias. Cav. de ar- Hipo- ganisacão idêntica as do DC Tipo 1 Bda M. M. com a seguinte organisaçao: a) - Cmt : Gen ou Cel. b) - Sub Cmt: Cel ou Ten. Cel. Assistente : Major	4) - G. T. { 2 Bdias. Cav. de ar- Hipo- ganisacão idêntica as do DC Tipo 1 Bda M. M. com a seguinte organisaçao: a) - Cmt : Gen ou Cel. b) - Sub Cmt: Cel ou Ten. Cel. Assistente : Major		- 3 Esq. Rec a 3 Pels cada	3) - R Rec de C. ou D. B., com a seguinte organizaçao: a) - Cmt : Cel	
5) - Unida- des Div.	5) - Unida- des Div.	5) - G. T. - Cmt : Cel. - Sub Cmt : Ten. Cel. - 4 Esqs. Fzo. a 4 Pels. cada - 1 Esq. Pte. Pes - 1 Esq. Cmd. e Serv. - 1 Gr A. 75 Cav.	3 Adjuntos: Caps.	- 1 Esq. Ch As a 3 Pels cada	b) - Sub-Cmt : Ten. Cel
6) - Serviços	6) - Serviços		5) - G. T. - Cmt : Cel. - Sub Cmt : Ten. Cel. - 4 Esqs. Fzo. a 4 Pels. cada - 1 Esq. Pte. Pes - 1 Esq. Cmd. e Serv. - 1 Gr A. 75 Cav.	- 1 Esq. Cmd. e Serv.	c) - EM { S1 S2 S3 S4
					- 4 Esqs. Rec - 1 Esq. Ca Ass. - 1 Cia. C. C. L. - 1 Esq. Cmdo. e Serv.
					e) - 1 Gr A. 105. M.
					f) - 1 R. Rec. e m a seguinte organizaçao:
					g) - 3 Esq. Rec
					h) - 1 Esq. Ca. Ass.
					i) - 1 Bl. C.C.L. com a seguinte organizaçao: - 3 Cias C.C.L. - 1 Cia Cmdo. e Serv.
					j) Transações Fundos Postal Justica, Policia, Es- pecial - Religiosa

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

"O aluno aprende pela experiência, mas não aprende a experiência. Isso quer dizer que os fatos, as definições, as minúcias, as ilustrações, servem para a aquisição dos princípios básicos necessários à compreensão e à formação de apreciações. Estas duas últimas coisas é que constituem o produto da aprendizagem, sendo o material empregado apenas um meio para alcançar o fim."

William H. Burton

O General Marshall compara o armamento e a munição do Eixo com os dos Aliados

(*Da Revista de La Escuela Militar de Chorrillos, janeiro de 1947 — Perú.*)

Traduzido pelo Cap. MILTON BARBOSA, da E. A. O.

Num trabalho realista e bem demonstrado, o General Marshall, chefe do Estado Maior do Exército Norte-Americano, compara a qualidade das armas dos aliados e do inimigo. Diz : "O estado de imprevisão em que se encontrava a Inglaterra com todo seu Império, deu às nações do Eixo uma grande vantagem inicial no que se refere ao material de guerra. A campanha japonesa na China e a italiana na Etiópia propiciaram ao Eixo uma oportunidade de experimentar suas armas no campo de batalha. Constitue isso fato de grande importância, quando se trata de decidir sobre a produção em grande escala de qualquer arma. É verdade que, o fato de termos tido certo tempo para mobilizar nossa indústria, — amplamente superior á do inimigo —, anulou a vantagem inicial que tiveça este.

Durante os dois últimos anos de guerra, o Exército Norte Americano foi bem armado e equipado. Tanto que nos arriscámos a montar operações em todas as partes do mundo apesar da inferioridade numérica. Se não fôra a superioridade marítima e aérea, como também nossa mobilidade e potência de fogo, não teríamos obtido a superioridade tática nos pontos desejados, nem vencido a contingência de enfrentar grandes forças.

Comparando a qualidade das armas alemãs e norte-americanas, diz o seguinte : "A descoberta da bomba atómica pelos aliados é um progresso técnico que sobrepuja qualquer outro surgido na guerra. A formidável vantagem desta terrível arma é resultado de uma feliz

combinação de sorte, boa direção e prodigioso esforço. A utilização da energia atómica deve dar aos norte-americanos confiança em seu destino; devemos ser, no entanto, muito cuidadosos para não sermos vítimas da confiança excessiva. Esta prodigiosa descoberta não deverá ser indefinidamente apenas conhecida por nós. Nos anos de paz que transcorreram entre as duas últimas guerras mundiais permitimos que a Alemanha nos ultrapassasse na técnica de fabricação do material de guerra. Como consequência, desenvolveram bastante os projétsis foguete, os aviões sem piloto, como fruto de laboriosas investigações em tempo de paz, em que nos passaram à frente, visto como só as começamos após o início da guerra.

"Quanto ao progresso da construção aérea e naval, as fábricas e a experiência dos norte-americanos deram aos aliados uma supremacia tanto qualitativa como quantitativa sobre o Eixo. Por ocasião das grandes batalhas aéreas na Europa e no Pacífico, os aviões americanos eram superiores em número e qualidade aos do inimigo. A fabricação em grande escala de bombardeiros pesados como o B-29, — a Superfortaleza voadora —, foi fato inigualado. Mesmo os alemães declararam que nunca poderiam prevêr nosso progresso na fabricação de caças de grande autonomia. É certo que eles foram os primeiros a empregar o motor de reação a jato, em combate; o que não quer dizer que não tivéssemos progredido neste setor. Por outro lado, quando seus novos modelos estavam prontos para prova, o único espaço de que dispunham estava virtualmente dominado por nossos caças. Tinham que escolher entre experimentá-los em combate ou deixar de os experimentar. Além disso, seus aviões a jato sómente dispunham de uma hora de voo, enquanto os nossos podiam voar sem parar, de S. Francisco a Nova York.

"Outro exemplo notável da superioridade alemã é o carro de combate pesado. Até a primavera de 1945, os carros alemães "Tigre" e "Pantera" sobrepujaram o "Sherman" americano, em combate direto. Isto se deveu em grande parte à diversidade de concepção da guerra blindada entre o Eixo e os Aliados; e também, à profunda diferença em nossos meios de atingir o teatro de operações. Os carros aliados tinham que ser embarcados a milhares de quilómetros, no outro lado do oceano, e realizar desembarques anfíbios sobre costas hostis. Deviam ser aptos à transposição de rios sobre pontes provisórias, pois que, quando na ofensiva, tínhamos que destruir, do ar, as pontes permanentes situadas atrás das linhas inimigas; e aquelas que nossa aviação não conseguia destruir, eram destruídas pelo inimigo em retirada. Por essa razão, nossos carros não podiam ser do tipo pesado. Nossa força blindada tínhamos que concebê-la como força de exploração. Em outras palavras, projetávamos utilizar nossos carros para realizar profundas penetrações no dispositivo

inimigo, para atingir os centros de reaprovisionamento e comunicação situados à retaguarda. Isso requeria: grande autonomia, pequeno consumo de combustível e capacidade para percorrer distâncias apreciáveis sem sofrer avarias.

"Mas, se este era o mais judicioso emprego do carro, tornou-se também inevitável, nas paradas sobre linhas defensivas preparadas, a luta direta de carros contra carros. Nesses combates, nossos carros médios levavam desvantagem quando enfrentavam os carros alemães, mais pesados. Em princípios de 1944 ficou decidida a produção em série de um carro pesado que nossos técnicos do Departamento da Indústria Militar estavam experimentando, continuamente, desde o início da guerra. E o resultado disso foi que, no último inverno começaram a chegar ao campo de batalha os primeiros carros "M 26", denominados "Pershing". Este podia ser lançado contra qualquer carro alemão, com vantagens de peso (43 toneladas), velocidade e autonomia. Começou-se, ao mesmo tempo, a trabalhar em dois novos modelos, o "T 29" e o "T 30", pesando 64 toneladas e armados, um, com canhão de 105 mm. e outro, com o 155.

"Após a luta tenaz na África do Norte e na campanha da Nova Guiné, ficou patente que nossa falta de preparação e investigação, no tempo de paz, acerca de instrumentos militares tinha que ser compensada por medidas de extrema urgência. Assim, escolhi, na primavera de 1943 um técnico do Departamento da Indústria Militar, o Coronel W. A. BORDEN, e pu-lo a trabalhar sob minhas ordens, — independente do curso normal seguido no Ministério da Guerra —, para que se encarregasse dos projetos e modificações relativos ao armamento, bem como do aperfeiçoamento da técnica de fabricação. Sua primeira preocupação foi aumentar a eficácia das armas empregadas na luta contra os japoneses nas selvas. Daí resultou uma maior presteza na produção e embarque de petrechos, enquanto iam aparecendo novos tipos de armamento, como os morteiros de 105 e 155 mm., lança-chamas, projéteis foguetes, lança-foguetes aperfeiçoados, rolamento especial para tração de artilharia em terreno pantanoso, granadas de fumaça colorida, etc.

"Creou-se uma "Secção de Novas Construções" no Departamento da Indústria Militar, encarregada de coordenar a experiência das tropas em campanha com os progressos científicos da Nação, com intuito de estarmos sempre à frente na disputa sustentada com o inimigo para a obtenção de um armamento cada vez mais moderno e mortífero, capaz de decidir a luta. Oficiais foram enviados aos diversos teatros de operações para, observando o rendimento das armas em combate, extrair os melhores ensinamentos a aplicar no desenvolvimento dos conhecimentos científicos de ordem civil relacionados

com os problemas do campo de batalha. Logo que construídos, os novos modelos eram enviados aos teatros de operações, para prova, e caso satisfizessem, era ordenada sua fabricação. São exemplos disso os carros lança chamas, foguetes de aviação, artilharia pesada auto propulsionada, e os dispositivos eletrónicos para localizar as posições dos morteiros inimigos.

"Nas grandes operações terrestres para a destruição das forças inimigas e terminar com sua existência, um dos fatores primordiais na decisão final é o armamento e o equipamento das Divisões de Infantaria, bem como a maneira de utilizá-los. Uma nação de tradição guerreira como a Alemanha, concentrando seus recursos em um poderoso exército e gozando de todas as vantagens iniciais que lhe davam muitos anos de preparação para a guerra, havia de nos sobrepujar em muitas, senão em todas armas básicas da Infantaria.

Em duas delas, o Exército Alemão conservou vantagem até quasi o fim da guerra. A primeira, foi o canhão de "missão tríplice" de 88 mm., que os americanos tiveram que enfrentar pela primeira vez na África do Norte. Com quanto dispuzesse nosso Exército, nessa ocasião, do canhão de 90 mm., arma similar e com mais poder de penetração, os alemães já haviam experimentado na luta seu canhão e tinham maior destresa em seu emprego tático. As forças norte-americanas não dispuseram em tempo útil de quantidade suficiente de canhões de 90 mm., vendo-se obrigados a empregar suas parcias disponibilidades frente a uma arma de prestígio consolidado.

E o resultado foi que, o 88, forte arma alemã que foi, nos superou em quantidade e técnica, até quasi o fim da guerra. Os alemães ocultaram bem, antes da ruptura das hostilidades, o duplo papel, contra carro e contra pessoal, do 88, apresentando-o sómente como arma anti-aérea. No entanto, quando os enfrentámos, executaram as três missões com uma eficácia mortal. Uma única peça de 88 podia disparar vários projéctis perfurantes contra nossos carros de combate; depois, subitamente, começar a disparar granadas de tempo contra a Infantaria que seguia os carros; e, finalmente, poucos instantes após, iniciar um eficaz fogo anti-aéreo contra os aviões que apoiavam a operação terrestre. Nossa peça de 90 mm., no entanto, não dispunha dessa flexibilidade. Por um lado, sua montagem não lhe permitia um ângulo de depressão suficiente para fazer um fogo rasante eficaz contra os carros de combate. E, por outro lado, nossa técnica no manejo da peça não havia sido suficientemente desenvolvida para que se pudesse dispor de munição adaptável a diversas missões, quando ela fosse necessária; alem do que não dispunhamos do mesmo número de armas que os alemães.

"Uma outra grande vantagem dos alemães, durante a maior parte da campanha da Europa, foram as pólvoras. A munição alemã dis-

punha de pólvora que queimava sem chama e sem fumaça, auxiliando-os a ocultar suas posições de tiro, tanto de dia como à noite. Conosco não se dava o mesmo, pois tanto os fusileiros como os serventes das metralhadoras e artilheiros tinham suas posições de tiro reveladas tanto pela fumaça como pela chama da queima da pólvora. A preparação alemã teve tempo bastante para aperfeiçoar estas pólvoras de alta qualidade e fabricá-las em grande quantidade. Não só tinham essas pólvoras, como as usaram. Devo chamar a atenção para estes fatos que contrastam com nossa conduta quanto à fabricação de explosivos, após a primeira guerra mundial e quanto ao desenvolvimento científico que deveríamos ter imprimido nas instalações dos grandes fabricantes, se estes não tivessem sofrido os amargos ataques que os chamavam de "mercadores da morte".

Um planejamento cuidadoso, aliado a uma boa administração dos reduzidos recursos militares em tempo de paz, como também o aparelhamento económico da Nação, deu aos exércitos norte americanos na Europa duas magníficas vantagens sobre os alemães. Uma delas foi o fuzil semi automático GARAND, que os alemães não puderam imitar. É interessante recordar o processo de planejamento e as circunstâncias que nos levaram a adotar o fuzil Garand, assim como a enorme potência de fogo, com armas portáteis, que sua adoção nos paz nas mãos; e isso, apesar da enorme oposição que sofreu o programa da Secretaria da Guerra para tal adoção.

São as armas automáticas que constituem o elemento primordial e mais importante do fogo do Pelotão de Infantaria. O granadeiro atirador concentra o fogo sobre a zona de impactos produzida por tiros de metralhadora. O elemento básico do fogo de um Grupo de Combate de Infantaria do Exército Americano foi, nesta guerra, o fuzil automático Browning. Antes do inicio da guerra, o Exército possuia em reserva centenas de milhares destas armas. A progressão da luta demonstrou a conveniência de substituir o F. M. Browning por outro tipo de arma automática; mas isso iria sem dúvida perturbar a produção, pelo fato de se pretender substituir uma arma da qual era grande o estoque existente. Apesar disso, decidiu-se mudar o fuzil automático e concentrar a produção no fuzil Garand.

"Os alemães, por seu lado, orientaram a evolução da arma básica do seu G. C. de Infantaria para um novo tipo de metralhadora leve aperfeiçoada justamente ao começar a luta. Apesar disso, seu fuzil regulamentar, no final da guerra, ainda era do tipo de ferrolho. É verdade que produziram alguns fuzis semi automáticos; mas é também certo que não eram eficazes e nunca chegaram aos campos de batalha em quantidade suficiente. No seu afan de aumentar a potência de fogo de sua Infantaria, superaram-nos na produção de pistolas

metralhadoras, armamento de que só dispuzemos em quantidade apreciável muito perto do fim da contenda. Nossa superioridade na potência de fogo de Infantaria, não foi nunca vencida, graças ao emprego do fuzil semi automático.

"A maior vantagem que o equipamento militar norte americano teve, foi, e grande, a que nos deu o equipamento motorizado de propulsão múltipla, principalmente o "jeep" e o caminhão de 2,5 Toneladas. Foi esse equipamento que movimentou e apoiou as tropas norte americanas na luta, ao passo que o Exército alemão, em que pesce a terrível reputação de suas divisões blindadas, logo ficou na dependência do transporte animal para suas divisões normais ou regulares de Infantaria. Os Estados Unidos, aproveitando os sistemas de produção em série de sua indústria automóvel, conduziram todos os esforços para a produção de caminhões, chegando a obter uma cifra de produção tal que permitiu fornecer ao Exército Inglês grande número de veículos automóveis, ao mesmo tempo que eram enviados imensas quantidades deles ao Exército Russo, sem prejudicar nossas próprias necessidades.

"A vantagem do transporte motorizado só se fez notar depois que atingimos as costas da Normandia. O caminhão apresentava dificuldades nas montanhas da Tunísia e da Itália; mas, logo que desembarcadas na França, nossas divisões apresentaram tal mobilidade que o inimigo se viu completamente desbordado. Era tarde quando os alemães viram estar errada aquela sua doutrina expressa por um membro do Estado Maior Alemão ao General Wedemeyer, quando se encontrava em Berlim em 1930 e consubstanciada na frase: "Não ha lugar no campo de batalha para o caminhão". Com isso pretendiam afirmar que um veículo sem blindagem era demasiado vulnerável para se aproximar das linhas de fogo.

"Quanto a outras categorias de armamentos e equipamento das Divisões de Infantaria, o equilíbrio entre o Exército norte americano e o alemão era tal que nenhum apresentou vantagem apreciável. O foguete de infantaria alemão, o "Panzerfaust" (Punho anti-carro) possuía capacidade de perfuração superior à da Bazooka norte americana, porém esta, foi usada em primeiro lugar. Quanto ao emprego de artilharia, cremos que o nosso fogo em massa foi mais eficaz que a técnica empregada pelos alemães e sobrepujou nitidamente a japonesa. Conquanto nossa artilharia pesada, de calibre superior a 100 mm, fosse em geral igual à alemã, nosso método de emprego constitue um dos fatores decisivos nas grandes campanhas terrestres que empreendemos no mundo inteiro.

"Quanto ao armamento da aviação, o material norte americano foi de excelente qualidade. A metralhadora de 12,7 mm. foi uma das melhores armas da guerra. Seu último modelo disparava 1.200

tiros por minuto. O canhão alemão de aviação de 30 mm. tinha como competidor o de 37 mm. americano, cujo último modelo contava com uma velocidade inicial de 915 m/s. Um canhão de 37 mm., para avião, foi utilizado pelos japoneses, mas seus princípios de construção eram bem antiquados. Por fim, os norte-americanos empregaram em alguns aviões canhões especiais de 75 mm., que ultrapassavam de muito qualquer outro empregado em outra frota aérea.

As bombas de aviação norte americanas, com os mais modernos dispositivos de espoleta e controle, para conduzi-las aos alvos, não temiam competição. E quanto a nosso equipamento militar pesado, tal como tratores, maquinaria para terraplenagem, material provisório e material rodante, equipamentos de pontes e similares; resistiu bem às provas da luta.

“O radar, aperfeiçoado pelos Estados Unidos e Inglaterra foi superior aos equipamentos eletrônicos alemães e japoneses. Nosso radar que acompanhava a rota dos aviões em voo e dirigia o fogo de nossos canhões anti-aéreos, era de muito mais confiança que aqueles que nossos inimigos possuíam. Os detetores radar, americanos, que localizavam aviões no ar e navios no mar, tinham maior alcance que os alemães; os japoneses eram sensivelmente superiores.

“O grande interesse dos ingleses e norte americanos em empregar o radar a bordo de aviões, foi importante fator de sucesso contra a ameaça submarina. Também, a conjunção do radar com a aparelhagem de pontaria para lançamento de bombas e para a navegação aérea, permitiram bombardeios precisos dos alvos alemães e japoneses, mesmo debaixo de condições meteorológicas pouco favoráveis.

“A invasão das ilhas Gilbert abriu nova fase de guerra para grande maioria de nossas tropas. O inimigo se havia concentrado em pequenas zonas, muito bem fortificado em casamatas e protegido por minas e obstáculos costeiros. As forças de desembarque se viam submetidas a intensos fogos cruzados. Só se podia desalojar o inimigo com um bombardeio arrazador e um poderoso assalto de infantaria, corpo a corpo. Os botes anfíbios se revelaram como excelente arma de assalto. Lançadas na água em região fora do alcance das baterias costeiras, e desenvolvidos em formações análogas às das barcaças normais de desembarque, lançavam-se sobre recifes e qualquer classe de praias”.

O armamento japonês era considerado pelo general Marshall como inferior ao dos aliados. Segundo o general Hodge, comandante de Okinawa, “os japoneses possuíam enorme quantidade de artilharia, utilizando-a de maneira tão inteligente como ainda não vira até então. Uma estimativa aproximada de seu material nos leva a crer

que dispunham de umas 500 ou mais peças de 75 mm. ou maiores. A mais potente arma de longo alcance que encontramos até hoje é o canhão de 150 mm., alcançando mais de 24 Km., que atuou sobre os campos de aviação das proximidades de SHURI. Utilisaram também um pequeno número de morteiros de 320 mm., de 250 mm. e bombas de aviação de peso superior a 250 Kg., em fórmula de foguetes. Empregaram também foguetes de grande tamanho : 127; 152,4 e 193,2mm.

"Na campanha das Filipinas, os norte americanos enfrentaram pela primeira vez os ataques suicidas dos Kamikases; mas em Okinawa os japoneses já se apresentaram melhor organisados e empregaram um maior número de aviões; apareceu também o avião "Baka", tipo completamente novo e muito mais mortífero. Este pequeno foguete de pequeno alcance transportava mais de uma tonelada de explosivos em sua prôa ogival. Foi projetado para ser transportado sob os aviões de bombardeio e ser lançado, no momento do ataque, sobre o objetivo, e ajudado no mergulho pela propulsão do próprio foguete; as últimas correções de pontaria eram dadas pelo piloto suicida. Em última análise, era uma versão da "V-1 alemã", com piloto.

A propósito das atitudes internacionais da Rússia

Cel. J. B. Magalhães
(Da 1.^a classe da Reserva)

"La libertad es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos: con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra ni el mar encumbre; por la libertad, así como por la honra, se puede y se debe aventurar la vida".

(Cervantes — *D. Quixote*)

As atitudes agressivas dos russos contra os países, que não domina o comunismo e, principalmente, contra aqueles em que há fraca esperança de que venha a dominar, explicam-se por motivos vários. Winston Churchill, numa passagem de recente discurso político, assinalou que todas as dificuldades da hora atual, nas relações diplomáticas com a U. R. S. S., provinham dos problemas de sua política interna.

De fato, essa parece ser a razão premente nos procedimentos internacionais dos senhores de Moscou. Herdeiros do governo revolucionário, tendem a permanecer tal como este os modelou de início. Governo surgido de uma reação violenta contra o Estado Aristocrático, que ainda lutava por se manter tão autocrático quanto possível, e visando levar a nação eurásica a um estado de civilização que imaginava superior ao das nações ocidentais, esse governo usa processos extraordinários. Ele é o produto de uma medicina política correspondente à *malarioterapia*.

De feito, o gênio revolucionário de Lenine, não acreditando na eficácia da revolução liberal de Kerenski, introduziu nesta o *virus da reforma marxista*, eliminando radical e definitivamente, o mal da aristocracia que retardava os progressos nacionais, embora com risco de matar o doente. Mas esse *virus* criou um novo mal, o da *ditadura do proletariado*, que degenerou na *atual democracia russa*, de uma significação nova e muito particular.

Para se firmar e obter que o povo admitisse os sofrimentos cruéis de sua medicina, Lenine adotou um programa de reconstrução nacional, em ritmo acelerado, cuja síntese definiu pela idéia da

Rússia recuperar em vinte anos o século de atraso em que se achava vis-à-vis do resto da Europa. (1)

A consequência de tudo isto, foi fazer-se o novo sistema de Governo da Rússia, mais autocrático que o antigo, o dos Tsares. Suprimirem-se todas as liberdades, mesmo aquelas que a velha aristocracia tolerava. Tornarem-se todos os homens e suas propriedades do Estado, mas Estado-Polícia, ignobil, onde o moral resulta só do puro interesse material e da preocupação de viver *quand même*.

Foi remédio demasiado violento. Produziu, no entanto alguns efeitos evidentemente benéficos. Promoveu notáveis melhoramentos materiais e socígeu o nível médio da instrução do povo, deformada esta, porém, pela admissão exclusiva dos pontos de vista oficiais. Tais resultados benéficos foram consequentes e possíveis, dadas as condições peculiares à natureza russa — do homem e da terra.

Não podia, porém, essa terapêutica política ser aplicada integralmente, por tempo ainda prolongado, sem risco de matar a nação, e, por isto foram admitidas algumas atenuações na sua virulência. Evidentemente. O grau de liberdade que um povo desfruta, marca o maior ou menor vigor de sua nação, ou do Estado que o rege. O homem se reune ou grupa em sociedade para melhor viver, isto é, sofrer menos, poder das curso às manifestações de sua vontade, expansão às suas tendências e predileções, ao que só admite voluntariamente restrições, por necessidade de sua própria segurança. Sem isto, não é feliz. Simulou-se portanto, fazer concessões à liberdade, definindo-a de um modo particular cuidadosamente.

O povo russo, depois de passados certos efeitos da *revolucionariaterapia* — remédio cavalar — mercê do qual obteve inegáveis progressos industriais de alto valor — não podia deixar de sentir-se mal. Tendeu naturalmente ao desejo de ser livre, notadamente, quanto ao seu pendor de crítica e à licença para escolher uma maneira de viver. Aspira naturalmente, como toda a gente, poder pensar no que quiser, informar-se como melhor lhe aprovver, formar o seu pensamento sem o constrangimento exclusivo das estreitas bitolas oficiais compulsórias do seu governo temporal; mover-se no seu território, podendo entrar e sair dele a sua vontade; residir como animal livre; casar-se com quem quiser. (2)

Pode-se imaginar facilmente quão deve ser grande o sofrimento do indivíduo russo, capaz de formular pensamentos próprios, de inteligência superior a dos homens que governam, e mais ainda a dos seus agentes subalternos, se discordar do que lhe é ditado. Muitos devem padecer os de caráter empreendedor e enérgico, se amam a vida, obrigados a abdicar de sua personalidade para poder conservar aquela. Sabem que serão eliminados, pelo receio que os senhores de

sua pátria têm de que em torno de si se grupem outros, e se alargue o contágio, formando corrente renovadora irresistível.

É o receio de um tal contágio — capaz de neutralizar o *virus revolucionário* — hoje transformado no de um *anti-transformismo interno*, o mais intolerante que é possível conceber-se, — que leva os chefes da nação russa a isolá-la, fazendo-a uma comunidade hermética principalmente no sentido do exterior para o interior. Mas, enquanto assim procedem, não sentem o dever lógico da reciprocidade de tratamento e reclamam uso e abuso das liberdades habituais onde predominam as democracias de velho estilo, conscientes de que os democratas tolerarão indefinidamente, esse ludibrio...

Apezar, porém, de toda a técnica policial e de todas as habilidades de uma propaganda intencional e das concessões já feitas, o homem russo reage, não se sente bem. Tal é a força da natureza...

A segunda guerra mundial obrigou a largos contatos entre as coussas e gentes da U. R. S. S. com as do mundo ocidental, notadamente depois de vencido o inimigo alemão. Houve o contágio das democracias de velho estilo... Muito numerosos indivíduos moscovitas, surpreenderam-se com o vigor dos sistemas liberais e outros, também numerosos, sentiram os afagos da vida livre, embora os tivessem recebido num momento de restrições de liberdade, como é aquele dos tempos de guerra. Trataram de desfrutá-los quanto possível, aproveitando-se da oportunidade, que os deixava meio livres dos efeitos anestésicos da maquinária governamental, e se transformaram em elementos perigosos para a medicina política oficial. Surgiu assim um perigo interno. Alguns não puderam mais se adaptar ao ideal da vida russa e desertaram-na definitivamente. Outros, converteram-se e de regresso foram postos em situação neutra. Outros, tornaram-se elementos perigosos e nunca mais se soube deles...

É curioso notar-se — e instrutivo para bem se aquilatar o que deve ser a vida na democracia russa — que, enquanto nas velhas democracias as necessidades da guerra impuseram restrições às liberdades individuais, lá o governo foi forçado a fazer concessões em sentido contrário, para poder contar com a colaboração do forte e inato patriotismo do seu povo na luta com o alemão.

Mas, passada a guerra, a continuação desse liberalismo tornava perigosa a situação do sistema governamental de partido único admisível, o que levou ao reajustamento ao corpo pátrio do sistema policial de contensão...

Era uma medida de defesa da *revolucionterapia*, cujos efeitos iam sendo muito atenuados. No entanto, tornava-se difícil, senão impossível fazê-lo sem bôas razões que neutralizassem as possíveis reações e nenhum recurso mais eficiente do que criar o perigo de uma nova guerra...

Ha, porém, ainda outros motivos, tão fortes, para os objetivos governamentais. Motivos, de fato, mais profundos. Servem aos múltiplos objetivos do governo — na política interna e na externa — e lisongeiam o patriotismo do povo. Cientes de que os ocidentais da Europa, exaustos e desorganizados pela guerra, resignar-se-iam difficilmente a aceitar os sacrifícios e perigos de uma terceira conflagração, de maior amplitude ainda que a última, o governo de Moscou poiz em ação a sua política expansionista em continuação da de Pedro e Catarina, em busca de *ice-free-ports* todo ano. E Stalin olhou para Constantinopla...

Compreendemos assim as atitudes e procedimentos dos representantes da U. R. S. S. Atacam os EE. UU., a maior potência liberal do mundo, procurando intrigá-los com os outros povos e também a Inglaterra, cuja massa operária, demasiado amante da liberdade, não se deixa seduzir pelas promessas do regime soviético, cuja experiência de cerca de um quarto de século asusta os seus homens. Homens que vão com lords e reis, efetuando as mais transcendentais reformas socialistas, sem prender, nem arrolhar, nem matar ninguém...

Vai ganhando o tempo necessário para que os países lideiros que ocupam as suas forças, adotem o seu *sistema democrático* e, talvez, antes da paz com a Alemanha e a Austria, se possam incorporar à U. R. S. S. nos moldes da sua admirável constituição de 1936, completando uma etapa de sua evolução, marcada pela conquista de portos no Mediterrâneo.

Mas a Inglaterra e os EE. UU. e a Turquia, por estas nações apoiada barram na Grécia, em Trieste e em Constantinopla a sua marcha...

A Rússia clama, então, novamente pelo *ideal de libertação das massas dos guantes fortes do capitalismo burguês, imperialista, conquistador, opressor...* Faz-se de novo campeã do marxismo.

Ressurge o Komintern, localizando-o nos países a incorporar, para tratar talvez de facilitar essa operação e, no mínimo, subsidiariamente presidir as agitações dos grupos simpatizantes dos outros países, de modo a criar sérios embaraços aos que chama governos de *Wall-Street* e da *City*, impedindo-os de se oporem pela força aos seus empuchos singularmente libertários... que melhor seria dizer *liberticidas...*

Os dirigentes russos, não desconhecem — é claro — os fundamentos económicos da civilização industrial, com suas consequências sociais mas se limitando a admiti-los como influências únicas na vida dos povos, fazem duvidar de sua sagacidade. Despresam demasiado os elementos de ordem espiritual e sentimental e fingem não saber, ou o ignoram de fato, quanto os povos do Ocidente, são real-

mente mais evoluidos do que os que suportam o seu regime. Confiam demasiado nas suas teorias marxistas a que atribuem um valor absoluto, exagerando o seu justo significado. E teriam partido disto para o seu expansionismo...

Daí, ésses seus procedimentos da hora atual chocantes e até contraditórios, e, sobretudo, o se mostrarem muito fiéis em política aos processos e princípios maquiavélicos da *razão de estado*. Dai, a acusarem aos outros, vícios e intenções que são os seus próprios e indiscutíveis. Não se cansarem de repetir estafados *slogans* de uma propaganda *demodée*. Agirem deselegantemente, como se a brutalidade fosse manifestação de franqueza e força de razão.

Falta-lhes, evidentemente, percepção da evolução universal e sobretudo sinceridade política e, digamos mesmo, filosófica. Si houvessem a superior cultura que presumem ter, perceberiam bem o que se passa no Ocidente e sua contribuição para a socialização do mundo seria de uma influência aceleratriz irresistível e os objetivos que apregoam querer alcançar seriam atingidos com espantosa rapidez.

De fato, saberiam ver que a reforma social segue marcha acelerada no Ocidente, desde os meados do século XIX e atuariam, em consequência, sem agressões descabidas, apoiados numa propaganda leal e franca, influindo fortemente no ânimo das massas proletárias, de cujo voto dependem os governos democratas, de modo decisivo.

Eles são inteligentes o que lhes falta é sinceridade...

O seu amor pela causa das *massas*, nada mais é do que recurso útil às suas ambições políticas, em benefício do seu *imperialismo*...

Não sabem, por isto, evitar dar mão forte aos seus mais fortes adversários, os senhores do capitalismo privado, porque os atacam de en volta com tudo que é caro aos povos ocidentais e assustam estes com o exemplo do arrôcho da vida russa, o qual se verifica desde logo, onde vão dominando os *comunistas-libertadores*...

Si fossem mais hábeis, seriam mais perigosos. Não temeriam conceder em suas terras certas liberdades elementares, que os povos do Ocidente preferem à própria vida, fazendo-se destarte confiantes no regime que apregoam.

Um dos recursos de propaganda de que muito se utilizam os representantes, ou porta-vozes, da U. R. S. S. nos seus estafados *slogans* de combate ao que denominam o imperialismo de Wall-Street, é chacotear o seu *amor à liberdade*. É um argumento fraco, para a inteligência e a cultura dos povos ocidentais. É supor os outros homens demasiado incapazes de discernimento. É ignorar que estes bem sabem que para o *capitalista* o interesse do lucro, sobrepuja-se a tudo e que, se os preferem não obstante, é porque amam a liberdade de poder reagir contra isto...

Ninguém acredita aqui no Ocidente que os *capitalistas* — sejam privados ou administradores dos bens do Estado — amem causa alguma acima de seus lucros pessoais e da defesa dos seus empregos...

As acusações, contra os abusos do capitalismo privado, são muito razoáveis e mais ainda o são os receios dos povos ocidentais, contra o *capitalismo de Estado*, dada a experiência russa, e do próprio Ocidente.

Sí por um lado, ambos têm fomentado um grande progresso material, o de Estado vem se mostrando demasiado opressor, e o privado tem prejudicado o bom proveito que as massas humanas poderiam tirar dos progressos que ele mesmo desenvolve ou promove. O *capitalismo privado* — ninguém o ignora — escamoteia os admiráveis recursos criados pela ciência e a indústria em prol do bem estar da humanidade, por sua avidez de lucros, de modo que só um pequeno número de indivíduos os goza plenamente, tocando à grande maioria restos ou quase nada. Acumula supérfluos em favor de uns e misérias em desfavor de outros. Sabe-se, perfeitamente, que ele, por amor do lucro, tudo sacrifica, sem nenhuma peia moral. Mas sabe-se que todos os seus males são causados pela incapacidade dos governos, a fraca moralidade dos que o exercem e dos que detêm o capital. É um fato que se não pode negar e um só exemplo basta para elucidar a questão.

A indústria do frio — em vez de facilitar a vida das populações porque permite armazenar gêneros alimentícios nas épocas de fartura para o consumo nas de escassez — porque está na mão dos capitalistas — serve apenas para favorecer os monopólios — ávidos de lucros. Em vez de baratear o custo da vida, o encarece; em vez de fartura promove rareza; em vez de baixa de preços é fator de alta. E essa indústria assim se exerce apesar dos governos, cuja finalidade é garantir o maior bem estar à maioria que o elegeu...

Bem o mal do capitalismo privado, contra o qual, porém, se pode combater e se combate.

Quem não acredita, porém, ser esse capitalismo menos opressor que o do Estado, em vista do que se passa na Rússia, onde *tudo na vida do indivíduo* depende da burocracia e do seu formalismo? Onde o Estado não serve ao indivíduo e é este que serve ao Estado?

Não se pode discordar de Marshall, à vista da experiência socialista da Russia e de outros países quando, dirigindo-se ao proletariado americano afirmou que “existe o perigo do indivíduo, cujo bem estar é a principal preocupação de toda política democrática, exterior ou interior, estar sendo perdido de vista na confusão das generalidades ideológicas e lemas que inundam a atmosfera” (3), a vista do que vai passando pelo mundo nestes desencontros do após-guerra.

É o perigo do regime russo...

Tudo isto mostra a semi razão da atitude atual dos soviéticos e o mal que estão fazendo ao mundo pelas dificuldades que vão criando para a pacificação.

A causa real, porém, dos dissídios entre os russos e os ocidentais, nos conclave diplomáticos, não está em êstes se oporem às doutrinas reformistas que aqueles apregoam. Reside, de fato, nas atitudes dos russos que tomam por pretexto tal diferença sómente para tentarem impor o seu *imperialismo* e na impossibilidade de se aceitarem os seus processos de propaganda, todos radicalmente revolucionários e violentamente subversivos, a favor dos interesses de Moscou.

Seriam demasiado ingênuas as *massas ocidentais* se trocassem a opressão que atualmente sofrem, mas disporão de liberdade para acusá-la e reagirem, pela situação que os russos lhes oferecem, sem disporão de liberdade alguma.

Cremos, porém, não lhes adiantará muito a exploração que fazem do mal estar europeu... Não conseguirão protelar demasiadamente a paz com a Alemanha. Dadas as manifestações atuais dos franco-anglo-americanos, far-se-á esta, com ou sem os russos, em breve prazo...

Pode-se, no entanto, legitimamente admitir — para argumentar — que haja alguma sincéridade em suas atitudes de campeões da libertação das massas proletárias contra a ignóbil exploração dos ricos. Não a possuem, porém, completamente e tanto que se viram forçados a criar um conceito particular para a democracia e uma interpretação nova do que se deve entender por liberdade. Libertação dos ricos com escravização ao Estado, o que é bem pior, porque é opressão sem possível defesa...

A falta de liberdade na Rússia e onde quer que dominem os governos comunistas, torna inidôneas as suas promessas de felicidade social. Faz desconfiar tanto das delícias do regime de Moscou, que os partidos comunistas dos países mais próximos, como a Dinamarca e a Finlândia, onde não ha tropas vermelhas, não logram vencer em eleições. Aquêles que tiveram a estrela de ver o comunismo senhor do seu governo, como a Polónia, a Iugoslavia, Rumania, a Bulgária e a Hungria, não suportam nenhuma oposição, porque isto é inerente à doutrina bolchevista.

De fato, tem esta seu mais grave defeito o de supor-se a única certa, verdadeira e infalível, — fazendo-se intolerável — no que contraria a maior conquista de cultura humana que é a noção da relatividade dos conhecimentos que adquirimos a respeito da natureza. É pior que a das velhas teocracias pois que, enquanto estas falavam e agiam em nome de poderes sobrenaturais e revelações de divindades, os bolchevistas falam em nome da ciência, mas da sua ciência e sem admitir as de outros, também analistas da natureza mas que

chegam a sínteses diferentes. É uma atitude mental que seria ridícula, no estado atual dos conhecimentos científicos e filosóficos, se não fossem as suas consequências trágicas para a vida da sociedade humana.

Seja com fôr, tudo isto ameaça o mundo de uma nova guerra cujo campo será mais extenso e cujas consequências serão mais profundas.

Si houver guerra, é difícil imaginar o que sucederá à civilização ocidental. A desordem económica elevada a extremos limites, promoverá reações incalculáveis, ao par dos terríveis efeitos destruidores que se prevêm para as armas novas e do enorme abalo moral que tudo isto causará ao gênero humano.

Na primeira guerra mundial, exceto esporádicas lutas de corsários e os ataques contraproducentes dos submarinos no Atlântico Norte, o teatro das operações militares não excedeu das terras e águas europeias. Assim mesmo, os efeitos por ela produzidos na vida social em todo o mundo foram profundos. Do ponto de vista material, sentiu-se a imposição do sistema industrial sobre as concepções do modo de viver das sociedades, forçando grandes reformas. Do ponto de vista moral, houve terrível *relaxamento de costumes* e o desprezo de velhos preconceitos de conduta individual, cuja principal regra passou a ser a ânsia de gozar a vida... e a brutalidade.

Houve, porém, efeitos benéficos. Ficou em foco a interdependência dos povos, e percebeu-se haver acima do interesse das pátrias um outro maior que é o da humanidade. Tentou-se mesmo concretizar isto pela criação da Sociedade das Nações. Tentativa fracassada. Nessa sociedade os que eram fortes, incapazes de se libertarem das velhas idéias que nêles predominavam e de sentir a imponência dos novos conceitos que surgiam, não souberam ou não puderam por estes regular as suas condutas. A vida dessa Sociedade caracterizou-se pela regra da subordinação dos fracos aos fortes e os desacordados entre estes.

Todavia, a guerra impôs reformas nos sistemas de vida nacionais. Todos tiveram de ceder muito às reivindicações legítimas do proletariado. A Rússia tentou a experiência marxista e fundou um sistema de socialismo radical. A Itália e a Alemanha, socializaram-se também, mas subordinando tudo à idéia retrógrada da guerra como remédio regenerador, geraram o segundo conflito mundial.

A luta militar — a segunda guerra mundial — que daí surgiu tudo apresentou em escala muito ampliada. Sua duração estendeu-se de 1939 a 1945, sem contarmos os preâmbulos da agressão à Abissínia, à Áustria, à Albânia e à Grécia. O seu teatro de operações abarcou a bacia do Mediterrâneo, três quartas partes do Atlântico, o Índico e o Pacífico, em luta persistentemente ativa. Em ter-

ras do velho continente — à parte do conflito da China com o Japão — estendeu-se do Norte da África às terras geladas do Ártico e do golfo de Biscaia ao vale do Volga.

Os efeitos materiais e as consequências morais foram e parecem ser ainda bem mais profundas, que no caso do conflito anterior embora seja ainda cedo para bem apreciá-los.

Um progresso parece, porém, bem marcado. O sentimento de que ha interesses superiores aos das Pátrias, tornou-se bem mais forte pela maior interdependência que se verificou haver entre todas elas.

O grande vencedor da guerra, os Estados Unidos, o único que não se abalou pela destruição e cuja pujança cresceu, parece havê-la adotado francamente e tenta imprimi-lhe uma feição prática. Mas, esta idéia, que felizmente vai se impondo a todas as nações, embora, ainda atenuada pelos egoismos nacionalistas perturbadores, procura concretizar-se em torno do conceito ocidental da *liberdade*, no que contraria demasiado os pontos de vista particularistas dos russos.

Não negam êstes o interesse superior da humanidade.. Mas querem-no realizado sob a égide do seu *partido único*. Proclamam também a necessidade da concepção de um *mundo só*, mas tendo por capital Moscou.

Na verdade a sua grita contra a opressão que, de fato, ainda exerce o capitalismo privado nos sistemas liberais, não obstante, os progressos realizados a partir do último quartel do século XIX e mais aceleradamente neste século XX, apoia-se em fatos que parecem, desprezados os progressos obtidos pela legislação e a organização sociais, dar-lhes certa aparência de razão.

Mas, se procedimentos recentes como os da Holanda na *Indonésia* e de outros povos colonizadores os justificam, não podem obscurecer o que a política inglesa fez na Índia e os Estados Unidos tem feito nas Filipinas e em relação a outros povos. E muito menos podem os russos legitimamente apoiar-se em tais procedimentos para preparar as suas incorporações balcânicas e da Ásia, como é visível ou ao menos, muito justificadamente suspeitada. (4)

Na realidade, o que melhor pode explicar as atitudes russas, dificultando os acordos internacionais baseados na carta de S. Francisco e inspirados na do Atlântico, e protelar quanto pode o definitivo estabelecimento da paz na Europa, com as suas chicanas de rabolice diplomática, é que ela pretende ganhar tempo, o tempo necessário para bolchevizar os países, e partes de países, que ocupa ou domina na Europa Central e nos Balcans, a fim de admiti-los depois na U. R. S. S. por graça de sua constituição de 1936.

A unidade económica de toda a Alemanha, sob a influência franco-anglo-americana, e com o Ruhr escapando ao sistema industrial soviético, não lhe convém e para ela não contribuirá.

É só por isto que a Rússia grita que a querem agredir. Teme que a sua política, o seu programa expansionista, não possa ser levado a cabo por falta de tempo, ao menos quanto aos países em que já está instalada, uma vez que em Constantinopla, na Grécia e em Tríeste, não é mais possível avançar sem guerra. Receia, com toda razão, aliás, que a reconstituição de uma Alemanha não bolchevizada, possa importar numa rebeldia dos países agora por ela libertados do *capitalismo burguês*, por se sentirem fortemente apoiados de perto. Percebe bem que os anglo-americanos, e os povos ocidentais que os apoiam, não serão eternamente *duples* de suas *fripôneries* e que se toleram seus procedimentos é porque não são guerreiros...

A Sra. Eleonora Roosevelt traduz muito bem este estado de cousas ao dizer "quando levamos as enfáticas asserções e acusações dos estadistas russos, nos perguntamos: — que os assusta tanto? Com efeito, ninguém protesta tão violentamente quando não está assustado". E os estadistas russos tem razões para estar assustados, pois bem sabem o que estão fazendo...

O discurso que Molotof pronunciou no dia da última comemoração da Revolução Vermelha, é significativo. Tratou de apresentar os anglo-americanos ao seu povo como agressores potenciais, dispostos a levarem avante a dissolução da U. R. S. S., embora saiba, e muitos homens cultos de lá o devem saber também, que êles apenas se defendem contra a marcha do expansionismo russo. Pretende, que os Estados Unidos e a Inglaterra, querem disputar aos russos o predomínio nos países onde o bolchevismo já está instalado, com o que procura fazer aceitar o arrôcho do governo soviético, por cautela defensiva. Finge querer amedrontar os seus supostos agressores apresentando a Rússia como refeita da guerra em dois anos e capaz de suportar galhardamente os horrores de uma nova calamidade...

Mas esse discurso de Molotof, feito na ausência do camarada Stalin, em férias, deixa uma porta aberta a futuras acomodações, caso os franco-anglo-americanos, pretendam mesmo fazer a paz alemã, agora, com ou sem os russos. Hipótese esta última, que pode tornar a guerra inevitável, pois é bem possível que a Alemanha reconstituída queira reivindicar a parte oriental ocupada pelos vermelhos... E esta porta, é a revelação de que o camarada Stalin não vê nas divergências russo-americanas nada que impossibilite um acordo. E realmente não há. A disputa que ora agita o mundo não é entre o *marxismo* e o *liberalismo*...

Tudo isto, nos leva a considerar que a campanha, que agora, por inspiração sua, aqui se faz contra o *imperialismo de Wall Street* ou

por mera convicção doutrinária própria, não tem razão de ser. Não serve aos interesses momentâneos do real progresso do mundo, que será quimérico ou falaz se abstrair do conceito superior da *liberdade individual*, como se concebe nas democracias. Além de perturbar a consolidação da idéia da unidade americana, avanço considerável para a conquista da paz universal num regime de *um mundo só*, importa só em servir aos interesses do *imperialismo russo*.

Os que não são inspirados nessa campanha por Moscou, movem-se certamente com o louvável espírito de oposição aos males do capitalismo, egoista, anti-social, retardador dos progressos sociais e morais da humanidade. Mas atacando só o que chamam *capitalismo internacional* e deixando em paz o *capitalismo nacional*, favorecendo até o *inflacionismo*, que sómente aproveita aos capitalistas, não atendem aos propósitos do bem social e servem apenas ao expansionismo russo.

Os que combatem judiciosamente o *capitalismo internacional* e, principalmente, a essa digna atitude juntam contraditoriamente simpatias pela U. R. S. S., convém que se recordem do que esta *nação libertadora das massas oprimidas* tem feito onde domina, fóra de suas fronteiras e como se tem conduzido com o seu vizinho o Iran — detentor de boas jazidas de petróleo. Os americanos e ingleses compram, ela ameaça tomar pelas armas. (5)

O ressurgimento do Komintern, em Belgrado, em outubro último, esclarece muito quanto à intenção dos russos. Disse-o claramente o Ministro sem pasta da Jugoslávia ao se vangloriar, no momento de sua instalação por a capital do seu país "ter-se tornado o lugar onde os partidos comunistas farão suas consultas". Aí entrão "em acordo sob a forma da batalha contra os *forjadores de guerra e seus apaniguados*" (6). Confirma ele apenas o que na véspera Zhdanov dissera em Varsóvia, em nome do partido comunista russo atacando os Estados Unidos, em *cujoo caminho está a U. R. S. S.*

É curiosíssimo notar a linguagem que usa dirigindo-se aos povos já dominados, embora afetando fazê-lo aos de todo o mundo. "A diplomacia soviética e a dos estados democráticos (democracia russa de partido único) resistem à diplomacia anglo-norte americana — (E o inverso — os anglo-americanos é que resistem aos soviéticos), — a qual, desde o fim da guerra continua e coordenadamente rejeita os princípios gerais da estrutura do mundo de após guerra (modelada em Moscou), substituindo a política de paz e de reforçamento da democracia (com um partido único), por uma nova política de desorganização da paz universal, defesa dos elementos fascistas e perseguição em todos os países".

Evidentemente Zhdanov falou só para os países *libertados pelos russos* onde não correu risco de ser aparteado ou contraditado!...

Não é curioso falarem os russos em perseguição em todos os países, quando no dêles ninguém pode discordar do *partido*, ou do governo, sem risco de internamento num campo de trabalho forçado ou de morte *judiciária ou administrativa*? (7)

Felizmente a Rússia teme a guerra. Sabem os seus dominadores muito bem que, se esta vier já, terão que fazer no seu território novas e mais amplas concessões à *liberdade*, com sério risco da permanência do seu regime... Todavia, a persistência demasiado prolongada de sua chicana diplomática e seus ousados empreendimentos na Europa e na Ásia, podem criar acontecimentos tais que escapem ao controle dos seus homens de governo... A *porta aberta* por Stalin, poderá talvez não se abrir...

A consideração das atitudes internacionais da Rússia, feita em meio dos debates atuais e tumulto de idéias — do qual os seus mais acérrimos adversários, os fascistas, procuram tirar todo partido e dos quais igualmente precisamos saber defender-nos — sugere-nos como conduta mais acertada por menos perigosa para os nossos legítimos almejos — apoiar os que se batem, ou dizem bater-se, pelo que chamamos *liberdade*. É a política essencial. O gráu de saúde de uma sociedade qualquer é marcado pelo da liberdade que o indivíduo nela desfruta.

Ai está a idéia que fazemos do atual momento internacional. Não seria bem melhor e lógico — que após a segunda guerra mundial todos se lembressem destes versos que Corneille poe na boca de Augusto — na sua tragédia de Cina ?

"Après un long orage il faut trouver um port
"Et je n'en voi que deux, le repos ou la morte".

Outubro de 1947

- (1) — O Fenômeno Militar Russo — Ed. Peixoto S. A. — 1943.
- (2) — Stalin proibiu os casamentos com estrangeiros.
- (3) — U. P. — 15 de Outubro — Boston.
- (4) — Vêr Jornal do Comércio de 9-XI-947 — Ha interessantíssima notícia sobre os procedimentos russos, nos países ocupados e seus visitinhos.
- (5) — Vêr telegramas de 23 de Outubro — Jornal do Comércio.
- (6) — Reuter — 25 de Outubro — Jornal do Comércio.
- (7) — Le zéro et l'infini — Arthur Koestler — Ed. Colman Lévy — Paris — 1945.

O Exército e a alimentação

Cap. de Inf. Rui Alencar Nogueira

Ha longos anos vem o Exército desempenhando relevante papel na sociedade brasileira por ser, além do mais, a maior escola de cívismo que se extende por todos os recantos da nossa Pátria.

Realmente, se pensarmos por alguns instantes, no trabalho incessante e inigualável que se desenvolve nas casernas para transformar completamente o cidadão em soldado e fazê-lo voltar à sociedade, donde proveiu, retemperado nas suas qualidades morais e aperfeiçoado nos seus dotes físicos, esta obra ciclópica só poderá merecer os aplausos de todos os brasileiros.

Todos nós conhecemos como é variável a capacidade de compreensão dos homens na idade do serviço militar, em nosso país.

A tarefa é tanto mais penosa quanto sabemos que, muitas vezes, alguns vão aprender a calçar um sapato na caserna; outros, não usavam dantes, uma escova de dentes e nunca tinham ido a um consultório médico; ainda outros, até então, de higiene individual, mal conheciam o banho.

Não há exagero nestas afirmações e bem conhecem todos aqueles que tiveram oportunidade de servir em certas guarnições longínquas.

O trabalho dos Oficiais e Sargentos começa logo no primeiro dia da encorpulação do recruta, quando se lhe distribui cama com roupa limpa, uniforme e roupa interna e chega-se ao círculo, em alguns casos, de ensinar-lhe a utilização conveniente de um aparelho sanitário!

Em cada sub-unidade instala-se, desde logo, uma "escola para analfabetos" porque mais de 50% dos convocados não sabem ler e escrever e este é o grave problema que nos afflige tão assustadoramente.

Para conservar o asseio no alojamento é preciso prometer até castigo de vez que não é dos seus hábitos normais manter a limpeza, deixar de cuspir no chão e jogar pontas de cigarro por toda parte e somente a educação moral não é suficiente para reprimir hábitos tão arraigados.

Aliás, sob este aspecto, não precisamos ir tão longe. Basta que reparemos o estado em que a nossa população deixa os trens da Central, os ônibus e as repartições públicas, para vermos a dificuldade encontrada.

Todo o trabalho é realizado, diga-se de passagem, com a maior dedicação e mediante a aplicação de certos métodos pessoais e variáveis com o temperamento de quem os aplica e de uma região para outra pois que, neste nosso imenso território, grandes são as diferenças nos usos e costumes, nos temperamentos e nas atitudes dos indivíduos, não podendo haver, consequentemente, um método padrão, de aplicação geral.

A maneira de lidar com um nortista deve ser diferente para com um carioca, um sulista ou um goiano e, quem achar o contrário, apenas demonstra ter mudado pouco de guarnição.

Ha, porém, um sentimento homogêneo por toda parte e em todos os quadrantes : o sentimento de brasiliade.

O Exército é, portanto, a grande escola a que já nos referimos e sem preconceitos sociais. Nele, o rico e o pobre, o branco e o preto estão irmanados e têm os mesmos direitos e deveres. O uniforme iguala todos os cidadãos, não separa classes nem reconhece predileções. Vestem-nos todos do mesmo tecido, cor e modelo, fazem idênticos serviços e subordinam-se indistintamente aos regulamentos, numa grande afirmação democrática, digna dos maiores encomios.

As suas escolas abrem-se de par em par a todos quanto, pelo esforço próprio, a elas possam chegar.

Embora, para matrícula na Escola Militar, algo se investigue do candidato, inclusive a religião dos pais, nenhuma influência esta parte acarretará pois que, pela Lei básica do país, religião e Estado são independentes tratando-se, apenas, de objetivos estatísticos.

Ha inúmeros Oficiais que chegaram a tal posição hierárquica, vencendo etapas sucessivas, desde soldado, graças a uma tenacidade invulgar, esforço admirável e persistência destemerosa.

Pela educação moral, o Exército desperta novos sentimentos no cidadão, dando-lhe vigor e orientação segura para as lutas que tem de travar na sociedade moderna, sem sucumbir facilmente.

O tempo passado na caserna não é absolutamente perdido.

Além da preparação para a guerra, com um pouco de boa vontade, muita cousa útil à vida civil pôde, também, ser ensinada.

Sobretudo a educação moral, que os nossos regulamentos tanto preconisam como a base da perfeita disciplina militar, não pode e não deve ser descuidada.

O capitão terá sempre que falar aos seus homens. Delegar poderes a outrem para que o faça, seja mesmo um tenente habilitado, seja, ainda, o capelão militar, como pretendem alguns, é relegar a um plano secundário a sua verdadeira autoridade.

Concomitantemente com a educação moral, é possível dar certos conhecimentos do Brasil, aproveitando quadros morais, noções sobre

geografia e historia e muitas outras cousas importantes, de capital interesse para o cidadão.

O reservista sai sempre outro homem, mais forte, desembaraçado, de porte aprumado, maneiras elegantes e, além de saber ler e escrever, é dotado de conhecimentos outros que lhe serão bastante proveitosos.

No entanto, o Exército precisa empenhar-se, mais a fundo, numa outra campanha realmente meritória: a da alimentação.

É bem sabido que o brasileiro, em geral, não sabe comer.

Se observarmos a variedade da nossa "cosinha" e o absurdo de certos regimes alimentícios nos certificaremos logo de que é má a distribuição e, por vezes, precário o aproveitamento dos elementos nutritivos.

Assim, o homem do Amazonas, quasi que simplesmente ictiófago, mistura ingredientes os mais variados; o nordestino, não dispensa a farinha e a carne seca com rapadura; o baiano, não esquece as apimentadas comidas afro-brasileiras; o gaúcho, gosta muito do churrasco e o carioca come... como pôde.

Um dos nossos eminentes professores da Universidade e dieteta notável, considerando a alimentação um problema fundamental do Brasil, assim escreveu: "Problema de ontem, de hoje e de amanhã, porque os erros acumulados são seculares e vêm projetando as mais nefastas consequências por gerações e gerações, e só Deus sabe quando conseguiremos afinal remediar os seus males, realizando a recuperação da força criadora e da saúde económica que o país perdeu, debilitado na miséria da sub-fome crônica e da desnutrição imemorial e unâime".

Dado o seu transcendentalismo, chegou a tornar-se preocupação de todos aqueles que têm responsabilidades na vida administrativa do país e inúmeros sociólogos, tais como Gylberto Freire, Ellis Junior e muitos outros patrícios ilustres, para citarmos somente Afonso Taunay, Araújo Lima, Nunes Pereira, Helio Póvoa, Dante Costa e Seabra Veloso, escreveram sobre o assunto que, aliás, não é novo e uma antiga resenha bibliográfica nos mostra que muitos dos primeiros historiadores e viajantes, por meio de cartas e alguns livros, dele trataram. São uma afirmação disto, as cartas de Anchieta e Vieira e os livros de Rendu, Margrave e Imbert.

As nossas autoridades militares, não tem passado despercebido o magnifico problema da alimentação nas forças armadas e não podia deixar de ser assim porquanto, o interesse pelos homens fortes para a guerra, vem da antiga Sparta que, em contraposição à cidade ateniense, selecionava devidamente e aprimorava fisicamente os seus jovens guerreiros.

A alimentação, pelo seu grande valor económico-social, cria nos povos fenômenos diferentes chegando a moldar caracteres diversos e, até, antagônicos.

Na Índia, os bengalis e os "siphis", vivendo sob as mesmas condições climáticas e sociais, em consequência das divergências de regimes alimentícios, são apáticos e indolentes os primeiros enquanto os últimos são energicos e combativos.

Ninguem desconhece as consequências da má alimentação. No entanto, para infelicidade nossa, o Brasil tem a "sua história económica e social marcada de casos de doenças de carências, que talvez muitas vezes tenham entravado o nosso progresso e alterado os rumos do nosso destino".

Não é de hoje tal fato. "É ilusão supor-se, diz Gilberto Freyre, a sociedade colonial, na sua maioria, uma sociedade de gente bem alimentada".

"Pela ausência quasi completa do trigo entre os nossos recursos ou possibilidades naturais de nutrição, o rebaixamento do padrão alimentar do colonizador português; pela instabilidade na cultura de mandioca abandonada aos índios — agricultores irregulares — a consequente instabilidade do nosso regime alimentar. Ao que deve acrescentar-se a falta de carne fresca, de leite e de ovos, até de legumes, em várias das zonas de colonização agrária e escravocrata; talvez em todas elas com a só exceção, e essa mesma relativa, do planalto paulista."

A beri-beri devastadora do Amazonas nos tempos do explendor da cultura da borracha, a cegueira noturna dos fanáticos de Canudos de que nos fala o imortal Euclides da Cunha, o peso e a altura dos indígenas e o desenvolvimento lento das crianças são consequências dos nossos erros de alimentação.

"O Brasil pôde enfileirar-se entre os países que mais erradamente se alimentam no mundo. Erros quantitativos e qualitativos os mais grosseiros caracterizam o nosso ritmo alimentar".

"Isto equivale a dizer: comemos hoje como comiam nossos avós, empiricamente, de modo inadequado ao nosso clima, à nossa constituição e prejudicial à nossa saúde."

Dianante de tantas afirmativas categóricas, será de grande importância fazermos, também, das nossas casernas, verdadeiras "escolas de alimentação" e onde os brasileiros, segundo processos objetivos, possam aprender a comer melhor e levar melhores conhecimentos para o lar.

Há enormes áreas em derredor de muitos quartéis e facilmente aproveitáveis para grandes plantações de verduras e em todos eles existem Oficiais médicos capazes de realizar palestras educativas e

orientar efetivamente a boa confecção da alimentação adequada, como o fazem os americanos.

Principalmente a primeira refeição matinal, quasi sempre composta de café simples, pão e um pouco de manteiga é, indiscutivelmente, insuficiente para alimentar a contento os jovens em desenvolvimento físico durante a mais pesada jornada de instrução e precisa sofrer modificações.

Servimos em algumas garnições nas quais não se fazia constar a verdura na alimentação do soldado sob pretexto de que nenhum gostava e, ainda em outra, não se distribuía fruta sob a alegação de que os homens preferiam a "cocadinha", como sobremesa.

Reconhecemos que, tendo em vista o alto custo das utilidades, na fase que estamos atravessando, uma alimentação farta e adequada não poderá ser preparada judiciosamente enquanto não acabarmos, de uma vez por todas, com as economias de rancho.

Ninguém ignora que, em algumas unidades, elas atingem somas apreciáveis e que bem poderiam ser aplicadas numa alimentação mais sadia e abundante.

Sabemos perfeitamente que essas economias exageradas só poderão ser feitas em detrimento da maior fartura e melhor qualidade dos alimentos pois que a teoria segundo a qual "onde comem 10 comem 15" é verdadeira quando os 10 sofrem de inapetência.

Os nossos chefes muito bem têm compreendido, quando vêm dedicando especial interesse por um problema de tal magnitude como este da alimentação nas forças armadas.

Há exemplos edificantes a este respeito e, até hoje, gaba-se a exceléncia da alimentação da nossa F. E. B. e isto só nos poderá trazer satisfação.

Indiscutivelmente, existem certas unidades que são verdadeiros modelos neste sentido, dispõem de hortas e distribuem alimentação boa e sadia, bem dosada, favorecendo um perfeito regime de nutrição ao soldado.

Contudo, deve haver a mesma unidade de doutrina em todo o Exército, também neste sentido, o que em realidade ainda não acontece.

E como sempre estivemos arregimentados e conhecemos perfeitamente a vida da tropa, pensámos em prestar a nossa modesta colaboração por quanto, no dizer de um velho Coronel, o "rancho" é fonte, em grande número de casos, de disciplina e de indisciplina.

“ O C H E F E ”

Cmt. René Andriot.

Trad. Ten. Rubens Mário Jobim

Ha chefes que, só por sua presença, sabem insuflar uma mentalidade nova na tropa — entusiasmo, espírito de sacrifício — sem que seja necessário nem um pouquinho agitar-se ou discorrer.

Igualmente, no domínio científico, certos corpos, desde que presentes, modificam a maneira dos átomos se combinarem ou reagirem.

Ha o fenômeno da catálise moral como existe o da catálise química.

Ha chefes que permanecem anos no comando de uma unidade. Não restará deles senão uma coletânea mais ou menos volumosa de prescrições permanentes.

Outros apenas passam, mas, tempos depois, seu prestígio ainda persiste, como certos astros que não existem mais e continuam, durante muitos anos, a nos enviar a sua luz.

Oficiais ha que amam apaixonadamente seu *trabalho*.

Mas não atingirão a perfeição enquanto não amarem apaixonadamente seus *homens*.

As qualidades que se exige de um simples chefe de grupo, quantos oficiais seriam capazes de conduzir perfeitamente essa modesta unidade !

A necessidade de ser, ao mesmo tempo, da ação e do estudo, obriga o chefe militar, para ser perfeito, a ser mosqueteiro e beneditino !

Aquele que comanda é, muitas vezes, imensamente criticado mas o que não comanda o é muito mais.

É errado receber do chefe apenas reparações, quando se trabalhou mal, e encontrar sempre seu silêncio, quando se lhe deu satisfações.

Não elogie a todo propósito; mas, quando está bem, diga : — "Está bem".

A arte de comandar é a arte de fazer trabalhar utilmente seus subordinados.

Quando se diz de um chefe que "ele mete os pés pelas mãos", bem se sabe que ele consente em fazer o trabalho de um subordinado.

Mais um chefe se eleva na hierarquia, menos papéis deve ter sobre a mesa.

O que se espera de um chefe é feito de caráter, bravura, garbo, isto é, menos lições do que exemplos.

Na casa de um chefe, o pessimismo é, algumas vezes, uma das formas da inação intelectual.

O medo do superior é o fim da sabedoria.

Porque, do parecer de certos subordinados, é sempre o chefe que deve fazer concessões ?

Perguntou-se uma ocasião a certo oficial se ele estava ao par, na guerra, do amor que uma tropa pode ter por seu chefe.

— "Sim", respondeu ele. Uma dia, durante um ataque, achava-me perto dumha secção de minha companhia e os homens me disseram : "Meu capitão, é preciso que se cuide ! Que será de nós sem o senhor ?"

Este oficial acrescentou :

— Desde esse momento me senti pago por tudo que havia feito por meus soldados.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR

"Desse fato (a lição do passado) podemos tirar o ensinamento de que não nos resta outra alternativa senão prepararmo-nos para defender os interesses do país contra qualquer nação ou grupo de nações que venham a sentir-se bastante forte para procurar a solução de problemas políticos, assim como a conquista de territórios, por meio da força das armas".

Gen. George C. Marshall

Chichorro da Gama - herói da arma de engenharia

Ten. Cel Adalardo Fialho

Folheando os livros do Visconde de Taunay, relativos à Campanha de Mato Grosso (primórdios da guerra do Paraguai) deparamos, embevecidos, e não sem certo remorso, com a figura de um autêntico herói da Arma de Engenharia. Remorso, por conhecer tão tarde quem devéramos conhecer desde os bancos da Escola Militar. Merecem ser lembradas as circunstâncias que rodearam a sua morte e o fazemos aqui, penitenciando-nos, com a maior satisfação, para orgulho e estímulo aos oficiais da Arma de Engenharia.

Findava o ano de 1864. O Paraguai forçava a guerra com o Brasil, apresando o "Marquês de Olinda" e encarcerando o Coronel Carneiro de Campos que nêle viajava. Ato continuo, Lopez manda invadir Mato Grosso. São duas expedições, uma fluvial, sob o comando geral de Barrios, estando as forças navais sob as ordens de Meza, o mesmo que, mais tarde, seria derrotado em Riachuelo e outra terrestre, sob o comando de Resquin. Enquanto este, com o grosso das forças, transpunha o Apa em Bela Vista e avançava na direção da Vila de Miranda, uma flanco-guarda, sob as ordens de Urbíeta, atravessava a fronteira em Ponta Porã e se dirigia para a Colonia Militar de Dourados, levando de vencida, de passagem, o Ten. Antonio João e os seus soldados. Resquin atinge Miranda e Nioac. Finalmente, alcança Coxim, perturbando, por algum tempo, as comunicações de Cuiabá com a capital do Império. Os paraguaios se assenhoreiam, conta Tasso Fragoso, de todo o Sul de Mato Grosso, onde implantam o terror e arrebanham o gado e tudo quanto lhes poderia ser de proveito. A invasão de Mato Grosso, o solo sagrado da Pátria, narra ainda o mesmo escritor, despertou geral clamor no Brasil. O

governo ordena a convocação de 12.000 homens da Guarda Nacional, a serem recrutados nas províncias de São Paulo, Paraná e Goiás. Contudo, só em Abril de 1865 organiza-se a *Coluna Expedicionária de Mato Grosso!* E só em 1867 estava ela em Nioac, não com os projetados 12 mil homens, porém com menos de 3.000, em virtude das baixas que a irrupção do "beri-beri", moléstia até então desconhecida, tinha produzido nos inimigos efetivos que se haviam logrado reunir em Coxim, a essa altura já evacuada, voluntariamente, pelos paraguaios.

É que a evolução dos acontecimentos, no teatro do Rio Grande, havia causado a retirada de grandes efetivos do teatro de Mato Grosso, obrigando, em consequência, ao retraimento dos Guaranis para as suas fronteiras. De Coxim a Nioac, a *perneira*, nome com que o "beri-beri" foi batizado pelos soldados, devido ao inchaço e dureza característica da barriga das pernas, no início da enfermidade, se alastrou aos paraguaios e abriu centenas de claros em nossas fileiras e aqui se entrosa a narrativa da ação do nosso herói Chichorro da Gama.

Joaquim José Pinto Chichorro da Gama nasceu na Bahia em 8 de Março de 1830. Praça voluntária de 25 de Fevereiro de 1856, vemo-lo, em seguida, elogiado em ordem do Dia por haver restituído ao Estado o prêmio que cabia aos voluntários. Aluno da Escola Militar, obteve sempre notas distintas nos exames.

Distinguiu-se em ciências exatas. Alferes-aluno em 2 de Dezembro de 1857, temo-lo já 2º Tenente de Engenheiros em 14 de Março de 1858. Foi estudar na escola de aplicação da Praia Vermelha e, em 2 de Dezembro de 1860 era promovido a 1º Tenente de engenheiros. Bacharel em matemáticas e ciências físicas, cursava também o primeiro ano de engenharia civil, quando foi chamado a dirigir obras militares na Paraíba, para o que teve de interromper o seu curso civil. Daí seguiu para a Bahia, de onde voltou para a Corte, em meados de 1864, a fim de disputar lugar vago de lente da Escola Militar.

Foi nessa situação que a guerra o surpreendeu. Designado para a *Comissão de Engenheiros*, anexa à Expedição acima referida, segue para Mato Grosso, onde, em Coxim, a dita Expedição deveria se reunir e, após, infletindo para o Sul, expulsar os invasores do Sul de Mato Grosso.

Chichorro da Gama, descreve Taunay, era magro em extremo, completamente calvo, tinha a fronte esparsa, os olhos vivos, as faces encovadas e a barba escorrida. Detentor de uma base de instrução notável, não cessava de aumentá-la. Estudava em todos os acampamentos, não dando de mão aos livros de matemática e engenharia, mesmo nas situações mais penosas ou críticas. Chichorro da Gama

era um abnegado. Atacado de gravíssima pneumonia, em S. Paulo, no começo da viagem para Mato Grosso, não houve demovê-lo da idéia de continuar para a frente. Ainda bem não se refizera e ei-lo a cavalo, acompanhando a expedição. Mal se havia levantado, cai enfermo novamente, em Coxim, onde teve de enfrentar violenta e grave doença que quase o prostrou.

Convidado, instado mesmo a voltar para o Rio de Janeiro, recusou firmemente. "Prefiro morrer aqui, disse, a dar um passo para trás". Nas marchas afrontava todos os incômodos. Não se poupava. Sabia perfeitamente que a Comissão necessitava de seus serviços, pois o País não possuía cartas e as marchas se orientavam pelos reconhecimentos procedidos pelos seus engenheiros.

Só Taunay e mais outro oficial exploraram 300 quilómetros de chão inóspito, vale dizer, de pantanais. Eis porque, chegada a expedição ao Rio Negro e, vendo que o Chefe e os seus colegas, engenheiros da Comissão, o arredavam dos serviços mais arriscados, Chichorro protestou energicamente, exigindo que fossem nivelados os direitos de todos. E, seguindo ao protesto a ação, tomou a peito romper pelos tremedais um caminho para a força. Atirou-se aos pantanais, com um companheiro e varou-os. Sublime sacrifício! Quando voltou, trazia consigo o germen do "beri-beri" que o devia matar. Essa terrível moléstia, verdadeira incógnita para os médicos da Expedição, causou à coluna mais de 400 vítimas, sobre um total de 3.000. Doença exótica, começava pela paralisia dos membros inferiores. Pés e pernas inchavam e se petrificavam. As pernas tomavam o aspecto de perneiras. Depois, a paralisia continuava a sua marcha ascensional. Via-se nitidamente o seu progredir lento e fatal. Agora é o abdômen. Em seguida o torax. Por fim, subindo sempre, atingia a cabeça para, então, matar.

Nas vascas da agonia, porém, ainda restava ao desgraçado o movimento dos olhos, um dos últimos órgãos a serem afetados!

Foi essa horrível enfermidade que levou Chichorro da Gama, em 26 de Julho. Com a sua morte, perdeu a *Comissão de Engenheiros* um dos seus mais destacados membros. A sua natureza — pobre e mortal — era débil, mas o espírito forte. Ao serviço da Pátria, jamais se poupou. A vigorosa inteligência, testemunha o autor do "Diário do Exército", ao espírito refletido e altamento metódico, aos conhecimentos variadíssimos, unia sãos dotes de alma que o faziam sempre prezar de seus Chefes e colegas, perdendo estes, com o seu falecimento, quase um mestre e aqueles um oficial da maior distinção para coadjuvá-los.

Uma lacónica ordem do Dia da Repartição do Ajudante general, datada de 16 de Novembro de 1866, fazia público que falecera, em 26 de Julho daquela ano, na Província de Mato Grosso, o 1.º Ten.

Joaquim José Pinto Chichorro da Gama. Tal qual um "Nada de novo na frente ocidental", em linguagem de hoje. Seus companheiros o enterraram no lugar denominado Tabóco. A sepultura, piedosamente benta e encimada por uma tosca cruz de madeira, foi ainda cuidadosamente cercada. Quis porém o destino cruel que os seus restos mortais se perdessem para sempre. Alguns meses depois de sua morte, o proprietário das terras do Tabóco "cometeu o sacrilégio de mandar derrubar o símbolo sagrado que protegia a eterna morada daquélle lidiador que tanto lutara contra sorte ingrata". Sua memória, porém, jamais se arredará de nossos corações. Enquanto houver, no Exército um oficial de Engenharia, Chichorro da Gama será sempre lembrado pelos seus exemplos de abnegada dedicação, no cumprimento de sagrados deveres para com a Pátria. Não se esquecem facilmente frases como esta: "Prefiro morrer aqui, a dar um passo para trás!"

OPINIÕES

A Lavoura e a valorização do homem no sul de Mato Grosso

Cap. Moacyr Ribeiro Coelho

Quem viaja pelo Sul de Mato Grosso, constata como fontes exclusivas de produção a pecuária e a indústria extractiva.

O comércio assenta num sistema de transporte fluvial e rodoviário constituído :

- a) — pelas grandes possibilidades da E. Ferro Noroeste do Brasil cuja linha tronco liga Baurú, no Estado de S. Paulo, a Pôrto Esperança, nas bátrancas do Paraguai, através um percurso de 1.273 Kms. e que já se lança para NW. em busca de Santa Cruz de La Sierra, na Bolivia. A referida estrada dispõe ainda de um ramal de 316 Kms., em vias de conclusão, que ligará Campo Grande a Ponta Porã, na fronteira Paraguai;a;
- b) — pelas rodovias que ligam Campo Grande a Ponta Porã, Aquidauana a Bela Vista e, entre si as duas cidades fronteiriças, transporte oneroso devido ao elevado preço do combustível e do material, enormes distâncias e precariedade das estradas durante a estação chuvosa;
- c) — pela navegação fluvial operando nos rios Paraguai e Paraná e em alguns afluentes, por onde circulam, principalmente, a erva mate e produtos argentinos (trigo e outros cereais).

Embora deficiente, o sistema de transporte é harmônico e oferece possibilidades ainda não totalmente aproveitadas porque até hoje a vida económica dessa região tem se restringido aos recursos da pecuária, das indústrias do mate e do quebracho e da empresa ferroviária já citada que emprega numeroso pessoal.

Fóra disso, nesta vasta área de terras feracíssimas, aptas a quasi todas as culturas, apenas o município de Dourados representa uma pequena mancha agrícola, sendo no restante do território, praticamente inexistente a lavoura em grande escala e mesmo as pequenas iniciativas de ordem privada e consumo imediato.

Basta notar que a Noroeste, enquanto transporta mensalmente 70.000 cabeças de gado, tem no café o único produto agrícola que lhe dá frete e isso mesmo já a L. do Paraná, em território Paulista, porque a própria erva mate escôa quasi totalmente para a Argentina pela via fluvial.

O regime dos grandes latifúndios pastoris e extractivos, totalmente desinteressado do labor agrícola, tem impedido o desenvolvimento da lavoura local, acarretando assim, de um lado, o alto custo de subsistência realizada à base de importação, e, de outro a miséria que aflige o trabalhador rural, o qual não podendo tornar-se agricultor pela falta de terra (irrisório e cruel paradoxo) está, irremissivelmente votado ao trabalho mal remunerado de peão, nas fazendas de criação, nas xarqueadas ou nas "canchas" de erva mate.

É desolador constatar-se o desespero de inúmeras famílias de autênticos agricultores nordestinos, de mãos calosas e duras como couro crú, que buscam as terras férteis de Sudoeste fugindo às dificuldades de vida reinantes no litoral, na esperança de se consagrarem ao amanho do sólo, e que vêm baldados os seus esforços porque tal empreendimento não representa lucro apreciável aos detentores da gleba, tradicionalmente votados á fácil e rendosa indústria da criação de gado.

O alto custo de vida e o baixo preço dos salários ocasionam o pauperismo do proletariado rural do que, por sua vez, decorre a exiguidade das rendas do Estado e acarreta o terceiro flagelo dessas populações desvalidas: a ignorância da massa.

Mas essa ignorância não consiste apenas no analfabetismo simplesmente generalizado.

Não, é uma ignorância quasi completa essa que domina as populações do interior do grande Estado.

Ignorância crassa que avassala o indivíduo e o coloca, um passo apenas, à frente do próprio selvagem.

Exploração do homem pelo homem, pauperismo e incultura — eis a tragédia perniciosa, autêntico círculo vicioso — que infelicitá o povo, retarda o desenvolvimento da região e tão triste reflexo empresta às precárias condições de subsistência ali dominantes porque, mesmo nas cidades que se erguem à beira da Noroeste e são por ela servidas ou nas que demoram á margem do Paraguai e que se beneficiam da navegação desse rio, o alto preço da mercadoria, onerado

pelo transporte elevado, obriga o povo a limitar a sua dieta ao trivial mais acessível.

A escassez da produção local se patenteia no preço relativamente alto da carne (5 a 6 cruzeiros o quilo, em 1.946), na pouca fartura e custo do leite e na ausência de laticínios.

Mas, é nas localidades afastadas do leito da ferrovia e dos portos fluviais, que os preços atingem proporções alarmantes, majorados pelo frete rodoviário o que restringe, ainda mais, as possibilidades de subsistência das classes pobres, na verdade, a grande, a esmagadora maioria.

E quem lhes observa a vida, pasma ao constatar que, mau grado o preço quasi proibitivo dos gêneros de primeira necessidade, os ranchos (aliás miseráveis, pouco melhores que malocas indígenas) que povoam nos arredores das pequenas cidades ou vilarejos, que se perdem em plena campina ou se abrigam na vegetação dos cerrados, raramente possuem um pequeno roçado, mal cuidado, e, isto mesmo quando ocorre, destinado apenas ao cultivo da mandioca, do milho e duns escassos pés de feijão, herança ainda da empírica lavoura jesuítico-guaraní.

Só os laranjais são relativamente abundantes, de certo porque a laranjeira é nativa daquela região onde escasseia a própria criação doméstica.

Ora, em face da ausência de produção local e do encarecimento com que o dispendioso transporte grava a mercadoria, como admitir que o salário de fome pago ao trabalhador rural lhe faculte a aquisição do mínimo indispensável à subsistência?

Chega-se dessa forma, à conclusão aterradora de que, numa região de exuberante e assombrosa fertilidade exceptuados os fazendeiros, os comerciantes, os funcionários do governo, civis e militares, uma pequena elite económica enfim, a massa da população, constituída de peões, ervateiros, alambradores, carreteiros, tropeiros, etc., vegeta na mais negra miséria, nutrindo-se quasi que exclusivamente de mandioca, milho, laranja e mate (chimarrão ou tererê).

Uma alimentação tão pobre e deficiente explica, por certo, a falta de ânimo para o trabalho, o baixo índice de longevidade, a incidência da tuberculose agravada pela inconstância do clima sujeito a bruscas oscilações de temperatura, a excessiva mortalidade infantil, o aspecto anêmico dos homens que mais de uma vez, erradamente, tomamos por impaludados, a apariência excessivamente descarnada e angulosa das mulheres, a flacidez e timpanismo que se observa nas crianças.

Outra prova evidente da deficiência alimentar pode se deduzir da esplêndida aparência física, saudável e robusta, dos indivíduos que

têm a subsistência assegurada, soldados, embarcadiços e a gente de algum recurso económico.

A valorização do homem Sul Matogrossense e o amplo desenvolvimento económico e demográfico dessa rica e vasta região, repousam em primeira instância, na intensificação do cultivo do solo e na difusão de conhecimentos e recursos agrícolas, únicas iniciativas capazes de abrir aquelas populações desvalidas que definharam na miséria, sub alimentadas, semi-nuas, abrigadas em ranchos miseráveis, possibilidades de fartura e bem estar que a terra ubérrima lhes pode proporcionar.

Como primeiro passo nesse caminho, a criação de escolas rurais nómades e a concessão de lotes de terra àqueles que se dispusessem ao trabalho da lavoura (e não são poucos) representaria um penhor seguro para emancipação económica da região e uma medida de inexcável benefício social e humano.

Colônias Militares

1.º Ten. DIÓGENES VIEIRA SILVA
(Aluno do C. O. R.)

No número 402 da "A Defesa Nacional" tivemos oportunidade sugerir a criação de *Agrupamentos Colonizadores* no Exército Nacional destinados à colonização do nosso interior e também a fazer aparecer o êxodo rural motivado, segundo afirmam autoridades acreditadas, pelo nosso defeituoso Serviço Militar. No entanto, estaista já publicará em suas páginas artigos sobre o mesmo assunto, mas se poderá verificar nos números de janeiro e de fevereiro de 1947 (n.º 392, pág. 93 e n.º 393, pág. 43). No número de janeiro Major FELICÍSSIMO DE AZEVEDO AVELINE cita uma aude do General LOTT que, a seu vér, deveria se tornar regulamentar, tendo em vista os benéficos resultados por ela produzidos. mos que apenas poucas palestras sobre a vida agrícola, ministradas aos conscritos de 1945 do 7.º Regimento de Intantaria, pelo enheiró-agrônomo prof. dr. ANTÔNIO DE ANDRADE RIBAS, produziram benéficos frutos comprovados pelo próprio agrônomo viagem feita mais tarde pelo interior dos municípios de Santa Maria e São Gabriel. No entanto, como previa o Major AVELINE, a patriótica medida do Gen. LOTT não chegou "aos olhos nem aos ouvidos da enorme chusma de politiqueiros que infestam as avenidas e grandes centros". Medida que devia merecer grande divulgação, da só tiveram conhecimento, além dos que lá se encontravam, penso e apenas alguns dos leitores de "A Defesa Nacional".

Depois de entregue nosso artigo à Direção desta Revista, um colega nos chamou a atenção para outro artigo saído no número de fevereiro: "FAÇAMOS UMA EXPERIÊNCIA" pelo Cap. Juvêncio Reis. Sem conhecer o Cap. Juvêncio e sem ter lido anteriormente o seu ótimo trabalho, verificámos posteriormente que nossos pontos de vista se encontravam concordes em inúmeros assuntos, como sejam: a) — dedicar parte do tempo de instrução à aprendizagem técnica e prática da agricultura. b) — criação de Núcleos de Instrução destinados a essa finalidade. c) — oferta pelo Estado

de determinada faixa de terra aos que melhores resultados tivessem obtido. d). — os Núcleos sob o comando de oficiais *voluntários*.

Assim sem conhecer o Cap. Reis, e sem ter lido seu artigo, parece que "plagiámos" suas idéias. Apenas, preocupados com o mesmo problema, conseguimos encontrar soluções semelhantes.

Mas, também o Governo já chegara a uma solução em parte semelhante à por nós alvitrada, e tanto deve ter pensado nela que a traduziu em um Decreto-Lei que infelizmente se acha perdido, com toda a certeza na imensa barafunda que é a nossa legislação. E nem podia deixar de ser assim. Já é voz corrente que no Brasil nada mais precisa se fazer em matéria de legislação, pois os nossos legisladores já tudo esmiuçaram, tendo colocado todos os assuntos possíveis e imaginários sob forma de artigos e parágrafos. Apenas, falta nascer alguém que tome a peito a ingente tarefa de fazer com que sejam cumpridas nossas leis.

O D. O. de 23 de junho de 1939 publicou o Decreto-Lei n.º 1351 de 16-VI-1939 que "Cria colônias militares de fronteiras". No entanto, já oito anos se passaram, e, segundo pensamos, o referido Decreto ainda não saiu das páginas do D. O. para começar a viver, produzindo os resultados que deveria produzir. Recordemos, porém, tal Decreto, passando uma rápida vista d'olhos sobre seus principais itens.

Em seu artigo 1.º cria "colônias militares de fronteiras subordinadas diretamente ao Ministério da Guerra". Essas colônias poderão muito bem substituir os "Núcleos de Instrução" do Cap. Reis ou os "Agrupamentos Colonizadores" por nós sugeridos. No parágrafo único do artigo 1.º encontramos que a criação dessas colônias visava principalmente *nacionalizar as fronteiras do país e criar núcleos de população nacional*. Com essas finalidades serviria também para diminuir o êxodo rural canalizado para nossas principais cidades, distribuindo mais racionalmente nossa população, e aumentando a densidade demográfica de nossa faixa fronteiriça que normalmente se acha aquém de 1 habitante por quilômetro quadrado. Durante o Estado Novo, é justiça confessar, alguma coisa foi feita tendo em vista a segurança de nossas fronteiras, e o seu desenvolvimento, com a criação de Territórios Nacionais, porém, mais tarde, "a Assembléia Legislativa resolveu, em momento de obliteração, anular os Territórios Federais de Ponta Porã e Iguaçú," como acentua o Brigadeiro Lysias Rodrigues ao estudar os nossos problemas fronteiriços necessitados de solução. Do progresso verificado no Território de Ponta Porã durante sua curta existência poderá servir de documento a reportagem de MAURO PAIVA publicada no n.º 14 de Panfleto. Assim, verificamos que só a nobre finalidade de contribuir para a melhor defesa do País por meio do desenvolvimento de suas fronteiras,

seria suficiente para justificar a execução imediata do referido Decreto.

No artigo 3.^º verificamos que a colônia teria *um chefe militar*, e *um contingente militar* encarregado da vigilância da fronteira e policiamento da colônia. Nesse contingente militar iríamos ter as diferentes Unidades por nós sugeridas, ou outra organização que melhor atendesse às finalidades da colônia, contanto que ali fosse prestado o Serviço Militar obrigatório, evitando assim o abandono dos campos. Sobre o local de instalação dessas colônias, se ocupa o artigo 2.^º, não só quanto à situação geográfica, como também relativamente às facilidades de comunicações, condições de salubridade, fertilidade, etc.

Toda Colônia Militar teria vida própria pois que o próprio artigo 3.^º cuida da criação de hospitais (inclusive maternidade), armazéns, escolas, correio e telegrafo, aeródromos, e também Usina própria para fornecimento de luz e força. Visando facilitar a instalação dessas usinas, poderiam ser escolhidos locais para construção das Colônias Militares em que fossem encontradas quedas d'água, possibilitando assim o aproveitamento de parte de nosso potencial hidro-eletro ainda tão pouco utilizado.

O artigo 4.^º concede a chefia da Colônia a um oficial superior do Exército, e o artigo 5.^º descreve os que poderão ser aceitos como colonos, entre os quais notamos os "reservistas do Exército", isto é, os que ali mesmo poderiam ter ficado quites com o Serviço Militar, recebendo por ocasião do término do mesmo um lote gratuitamente (artigo 12), com a obrigação de cultivá-lo (artigo 15). Essa população que iria viver em íntimo contato com a terra criaria com o tempo nova mentalidade, pois que teria permanentemente a assistência do Comando Militar da Colônia que evitaria a permanência na mesma dos indivíduos indesejáveis, expulsando-os, e mantendo um controle dos habitantes do núcleo, tendo em vista a proibição de permanecerem na Colônia pessoas estranhas à mesma (artigo 7.^º).

Do artigo 12 ao 19 encontramos determinações sobre o processo de concessões de lotes, regimes de transferência, etc. O artigo 20 trata das vantagens concedidas aos militares e funcionários civis que servirem nessas Colônias, inclusive a concessão de um lote de terras às praças de pré após terem baixa do serviço, com a condição de cultivarem a terra recebida.

O artigo 21 trata da criação das Formações de trabalhadores, e por fim temos as disposições gerais, etc. No artigo 23 temos a promessa de que "*O Governo expedirá os regulamentos necessários à execução dessa lei*", e enquanto tal não acontecer, deverá o Estado Maior do Exército baixar as instruções que entender indispensáveis à execução da mesma, devendo as dúvidas serem resolvidas pelo Mi-

nistro da Guerra (artigo 24). O artigo 26 estabelece : "Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação". Cabe aqui uma pergunta : A lei foi publicada no Diário Oficial de 23 de junho de 1939, isto é, ha 8 (oito) anos, 6 (seis) meses e 5 (cinco) dias, referindo-se à data em que escrevemos (28-XII-47); portanto já se acha em vigor ha mais de 3100 (três mil e cem dias), e onde se encontram nossas Colônias Militares ? No entanto, antes tarde do que nunca, e agora depois de cessada a guerra, poderemos pensar cuidadosamente nos nossos problemas da paz, dentre os quais poderemos situar o que estamos tratando.

Uma sugestão talvez seja necessária no momento em que vivemos. Diariamente lemos nos jornais discussões, políticas, descomposturas entre os responsáveis pelo nosso destino, escândalos vergonhosos dos quais são protagonistas os que deveriana dar exemplo à massa ignorante que constitue este imenso Brasil. No entanto, encontramos também as notícias de que os países desvastados pela guerra se acham em fase de ressurgimento, exportando, cuidando da reconstrução nacional, com os olhos fitos no futuro. Nós que não sofremos nada em nosso território nos encontramos em situação caótica, em desorganização completa. Culpam o Estado Novo, os anos de regime discricionário em que vivemos durante algum tempo, mas esquecem de que águas passadas não movem moinho, e que em vez de se lamentarem sobre o cadáver do passado deveriam pensar seriamente em como seria possível remediar no futuro os danos causados anteriormente. Imaginemos se os holandeses e belgas ficassem se lamentando de que os alemães tudo destruiram, arrasaram o país, e em vez de procurarem a reconstrução, permitissem que os responsáveis pelo país acabassem com o pouco deixado pelos invasores. Mas, infelizmente, aqui a mentalidade é diferente. Não encontramos um programa de reconstrução, não descobrimos alguém resolvido a pensar seriamente no interesse da coletividade. Se pensarem, imediatamente surgirá um Instituto de Colonização, e com toda a certeza alguma parte da cidade do Rio de Janeiro ficará *colonizada* com um gigantesco palácio com alguns milhares de funcionários, verbas monstruosas, e em vez de arados teremos dezenas de carros oficiais a revolverem o nosso asfalto até que um belo dia em um pedaço de calçamento quebrado, na frente do referido palácio, nascerá um pé de tomate.

Mas, em assunto de tanta relevância, sómente êsses funcionários, poderão pensar, porque se algum militar for chamado a colaborar, ou a opinar, imediatamente acharão que os militares deveriam ficar com os soldados, que os tarimbeiros não devem se meter nos altos assuntos da administração pública. Todos os companheiros sabem

que isso é verdade, pois se acham cansados de ouvir que a culpa de nossos êrros cabe aos militares que exercem funções civis. Sempre se esquecem das obras desprendidas e patrióticas levadas a efeito pelo Exército. Consideram os nossos políticos (salvo honrosas exceções) os militares, como *militicos* que nada entendem além da ordem-unida e alguns outros assuntos de caserna. Se esquecem sempre de que da politicagem e falta de administração em que vivem, geralmente surgem as situações dificeis em que então se lembram dos milicos como as nobres vitimas destinadas a serem imoladas como defensoras dos seus ideais (!) politicos. Vivem esbanjando o mandato recebido do povo, pensando sómente nos seus interesses pessoais, pois que até suas idéias politicas se acham subordinadas às suas conveniências. Auxiliam campanhas eleitorais dos seus próprios inimigos, contanto que dessa hipocrisia advenha alguma vantagem imediata. Criam assim uma situação irresolvivel, e ai então se lembram como solução para os seus êrros, o pronunciamento das Forças Armadas.

Somos contrários à intervenção do Exército na política, porém, no plano inclinado em que nos despenhamos, talvez a única solução seja o Exército ser também ouvido enquanto ha meios de se evitar crises futuras. E uma dessas crises poderá ser motivada pelo abandono em que se encontra o nosso país relativamente aos seus meios de subsistência. País de tamanho território não poderá viver eternamente importando gêneros alimentícios, para pagar com que exportações? Não podemos pensar no futuro contando com o trigo da Argentina, com as batatas da Holanda, com o arroz da China, e com todos os gêneros de primeira necessidade, que deveriam ser produzidos em nossa própria terra, tornando-nos auto-suficientes, ao menos em meios de manutenção, fornecidos pelo estrangeiro.

Citamos geralmente para justificar o interesse pela nossa industrialização, a necessidade que tem o Exército de possuir dentro do próprio Território Nacional as indústrias necessárias à manutenção das tropas empenhadas em operações de guerra. No entanto, ao pensarem em tais necessidades, imediatamente os responsáveis pela nossa economia projetam indústrias siderúrgicas, etc. Mas, se esquecem de algo que é mais essencial para a vida de uma tropa em campanha do que todas as indústrias por eles organizadas. Dêm canhões e munição em número incalculável a um Exército e ele não resistirá a poucos dias de combate, ou mesmo sem combate, a poucos dias em posição, se a ele faltar a munição essencial: o alimento. Um soldado valoroso e bem alimentado, com a moral elevadada combaterá com ardor, e poderá levar a melhor mesmo se tiver inferioridade em armas. Duvidamos, porém, que um soldado muito bem armado e municiado possa ter moral e ânimo para lutar se não tiver alimento suficiente.

Creamos assim, que o desenvolvimento da nossa agricultura, de nossa produção, interessa muito de perto ao Exército, sendo um dos problemas principais para a Defesa Nacional. Para mantermos um Exército eficiente, teremos de encarar com cuidado todos êsses problemas. Desde que os nossos políticos temem enfrentar tal problema, ou por ogeriza natural, ou por incapacidade moral e intelectual, deverá o Exército tomar a iniciativa em encontrar a solução, pois desta dependerá o nosso futuro em qualquer ação em que nos empenharemos.

Que encontremos rapidamente a solução para problema tão premente, pois se continuarmos importando o que comer, teremos um belo dia de exportar, ou habitantes, que já temos poucos, e êstes assim mesmo doentes e analfabetos, não interessando portanto ao *comprador*, ou teremos de dar terras em troca de alimentos. E terra é talvez o único material pronto para venda, pois é de ótima qualidade e desperta pouquíssimo interesse aos nossos homens públicos.

Caberá ao Exército mostrar quanto vale esta Terra, a fim de que o estrangeiro um dia não possua Terra em que correu o sangue de nossos irmãos que acreditavam no futuro da Pátria e que ali deixaram ficar sua vida para que Ela sobrevivesse. Cabe ao Exército mostrar ao País que sonhos dignos dos que nos legaram intacto este imenso Território.

Cultivemos nossa Pátria !

Melhor terra não existe do que esta. Cultivada, nos dará frutos não só materiais como também morais. Vós, que relegais ao abandono esta Pátria que vos viu nascer, ide para o campo, ide arar esta terra. Ela pagará com alimentos e conforto todo o mal que vós lhe tendes feito. Para o vosso desprezo, Ela dará em troca o alimento e a saúde necessários à vossa vida. Para a vossa falta de ideal, Ela dará uma nova concepção do que é Pátria. Não podeis rir, pois ali em contacto com Ela, podereis ver que n'Elas é que se encontram as verdadeiras fontes de Patriotismo. Ela vos concederá o Patriotismo que não possuis, pois que n'Elas repousam os restos de nossos heróis. Ela vos concederá ideais mais nobres pois que foi regada com o sangue de verdadeiros patriotas.

Ide entrar em contato com Ela a fim de que possais saber o que o Exército deve defender. É Ela que necessita de defesa, e não vossa falta de responsabilidade, de patriotismo e de capacidade.

Que o Exército consiga salvar nossa imensa Pátria.

Rio, 28-XII-1947

ASSUNTOS DIVERSOS

BOLETIM

A Escola de Estado-Maior acaba de diplomar a mais numerosa turma de oficiais até hoje egressa de seu curso. E, o que é de mais realce, a primeira a estudar e aplicar, na solução de casos concretos, em todos os escalões, os ensinamentos ainda palpitantes da 2.^a Guerra Mundial.

A par da vasta documentação oficial dos diferentes exércitos das Nações Aliadas, e da cooperação diária de instrutores — inclusive seu Diretor de Ensino — experimentados na gloria da campanha da F E B, teve essa turma o privilégio excepcional de entrar em contato direto e pessoal com alguns dos mais eminentes chefes militares não só nacionais como ainda dos Estados Unidos e da França.

Brilhantes foram as palestras e conferências ali desenroladas nos últimos três anos pelo Comandante Supremo das Forças Aliadas — o General de Exército DWIGHT DAVE EISENHOWER; o Comandante do 4.^º Corpo de Exército Americano na Itália, sob cujas ordens imediatas operou a F E B — o General WILLIS CRITTEMBERGER, bem como seu Chefe de E M naquela Campanha; o Comandante das Forças Francesas na África do Norte — General ALPHONSE JUIN, e um de seus Cmts. de Divisão, e ex-professor da própria Escola de Estado-Maior do Brasil, o General CARPENTER; o Comandante das forças francesas que desembarcaram em Marselha e, em seguida, venceeram na Alsácia e no Reno, General DE LATTRE DE TASSIGNY, atual Chefe do EME da França; o Comandante da 29.^a DI da Guarda Nacional Americana, que foi a "ponta de lança" dos desembarques na Normandia e uma das Grandes Unidades mais combativas daquele exército irmão — o General GERHARDT, e diversos oficiais de seu Estado-Maior, e outros mais. Dos brasileiros, além do exame minucioso do que foi a Campanha da F E B, realizado por uma grande turma de oficiais do E M e da tropa, sob a orientação do próprio Coronel UMBERTO CASTELO BRANCO, Diretor de Ensino da Escola e ex-chefe da 3.^a Secção do E M da F E B, fizeram-se ouvir representantes de diversas secções do Estado-Maior do Exército e destacadas personalidades civis, sem falar nos Generais OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS e JUAREZ TAVORA, sobre problemas de indiscutível valor e de momentosa oportunidade relativos ao Exército, à Defesa Nacional e à orga-

nização técnica e económica do nosso País, assim como dos relativos à Organização das Nações Unidas e à União Panamericana.

Foi ainda essa turma a primeira a fazer, completos, os novéis Cursos de Blindados, Guerra Química e Defesa Anti-Aérea, em boa hora criados, e a inaugadora do Curso de Organização da Instrução.

Toda essa grande soma de conhecimentos, juntamente com os colhidos no trato cotidiano dos problemas táticos e logísticos (tendo estes assumido relevância antes não atingida) e no decorrer das inúmeras viagens, credenciam a turma recém-diplomada para prestar grandes serviços e arcar com as pesadas responsabilidades do curso conquistado. É mister, porém, que todo esse exaustivo esforço dispensado por alunos e instrutores, sem falar no vulto das despesas acarretadas por essa preparação, sejam bem aproveitados. Particularmente na atual fase de transição, de reestruturação, em que se acha a nossa Força Armada de Terra, impõe uma exploração do êxito bem atingido. E esse aproveitamento, a nosso ver, será melhor obtido explorando-se no exame e meditação dos problemas relativos à adaptação dos métodos e processos norte-americanos de instrução e de organização, seja nos EM seja mesmo nos estabelecimentos de ensino e na própria Diretoria de Ensino.

Seja como for, o fato é que o Exército está de parabens. A nova turma de oficiais os nossos votos de felicidades e que saiba utilizar o cabedal adquirido, de acordo com o patriotismo, ardor profissional e capacidade técnica de que deram provas no 1.º embate de vida de Estado Maior.

NOTÍCIAS MILITARES

AVIAÇÃO

— O avião a reação SKYSTREAK, construído para a Marinha norte-americana, é um avião especial, idealizado para investigações e provas em uma gama de velocidades próximas ás do som (1225 kms.p./hora, ao nível do mar). A 20 de Agosto último bateu o recorde mundial de velocidade, com 1030 kms. horários. • O Cmt. CALDWELL, que o pilotava, teve, porém satisfação pouco duradoura. Cinco dias depois, o major MARION CARL, outro oficial da Marinha alcançava os 1407 kms. p/hora e estabelecia, assim, uma nova marca. O SKYSTREAK é um Douglas D-588, com 8,90 ms. de comprimento, 6,36 de envergadura e pesa 4423 kgs.

— O novo avião PULQUE, de construção nacional argentina, é o primeiro a reação construído no Instituto Aerotécnico de Cordoba. Seu motor é Rolls Royce, do tipo "Derwent", com 1633 kgs. de reação.

GUERRA ATÓMICA

— Em Revista Militar, de Portugal, o Cel. JOSÉ M. BARREIRA, do Exército daquele país, assim se exprime, em artigo intitulado "Uma afirmação": "Uma conclusão se tirou: a vida animal, sobretudo a humana, é impossível na região atingida pela radio-atividade desencadeada pela desintegração nuclear. Logo, pode-se afirmar sem receio de engano que o emprego da bomba atómica no bombardeamento tático é impossível, porque (outro princípio deve ser lembrado) o bombardeamento cujos efeitos não podem ser explorados (pela infantaria, carros, etc) é inútil, pois as tropas atacantes não podem ir ocupar os pontos onde foi desencadeado e os defensores, embora molestados pela radio-atividade, mantêm durante as horas todo o poder combativo. Daqui se conclue que a bomba atómica só pode ser empregada em bombardeamento estratégico..."

— A Suecia, com o receio de se ver envolvida na guerra atómica, construiu fábricas enterradas que ficam mais económicas na sua manutenção e conservação do que as construídas ao ar livre. São mais higienicas e salubres devido ao ar condicionado, à temperatura constante e à luz com a mesma intensidade. Os respiradouros e entradas (saídas) são em zig-zag e como são construídos a grande profundidade e em rocha estão à prova de bombas aéreas. Se lhe adaptar tampões e portas de chumbo ficam à prova de bomba atómica. (Transcrito de Revista Militar, Portugal).

— Os Departamentos da Guerra e da Marinha dos E. U. A., em comunicado conjunto, anunciaram a realização de manobras no Novo México, em estreito contáto com a Comissão de Energia Atómica, e nas quais se visou adaptação das tropas americanas ao uso das armas atómicas.

IMPORTANCIA DA CAVALARIA NA GUERRA

— Não obstante a importância alcançada pelos corpos mecanizados, a Cavalaria continua sendo, graças á sua mobilidade e potência de fogo, uma arma indispensável em todas as fases do combate, como ficou demonstrado na última guerra mundial. Atua por si só e em proveito das demais armas e, junto com a Aviação, constitue a melhor fonte de informação de que dispõe o Comando, para tomar suas decisões; é a única que possui capacidade de apresentar informes concretos; por outro lado, durante o combate, é a reserva móvel e potente de que o Comando poderá dispor para os imprevistos no campo de batalha (tapar uma brecha, reforçar uma ala, etc.).

MISSÕES MILITARES

— REVISTA DE LAS FUERZAS ARMADAS (VENEZUELA) publica a seguinte informação, no noticiário da Argentina para aquele país : "Convidou-se o Brasil para que envie missões de oficiais para servirem no exército argentino. Com esta prova de amizade quer-se demonstrar que estão postas nos melhores termos as relações entre os dois países". E mais adiante : "Espera-se a chegada á Argentina de uma missão militar e cultural do exército da Espanha, presidida pelo Gen. Martinez Campos, que efectuará uma série de conferências nos centros industriais do Exército e da Marinha, durante quatro meses."

PANAMERICANISMO

— Segundo o New York Times, de acordo com a legislação que o Presidente da República propôs ao Congresso, relativamente á colaboração com todas as nações de nosso continente, os Estados Unidos estarão autorizados a :

- instruir soldados, marinheiros e aviadores de outras nações do continente;
- manter, reparar e substituir o material bélico das mesmas;
- ceder-lhes armas, aviões e navios norte-americanos, além de material bélico de outras naturezas e informações técnicas;
- aceitar, em pagamento desse material e serviço, todo e qualquer benefício direto ou indireto que o Presidente da República considere satisfatório;
- adquirir desses países o material bélico que não se prestar para emprego no plano de colaboração, pagando o custo do mesmo com fornecimentos feitos de conformidade com o plano.

PROTEÇÃO AO CANAL DE PANAMA

Segundo uma notícia procedente de Cambridge, projeta-se proteger o Canal de Panamá contra terremotos e contra os ataques de armas atómicas. Três cientistas iniciarão experiências com equipamento eletrónico, tendo em vista informar sobre a conveniência de perfurar um novo canal ao nível do mar, ou converter o atual canal em rota marítima ao nível do mar, ou, então, construir um terceiro jogo de represas.

TRANSCRIÇÕES DE ARTIGOS DE OFICIAIS BRASILEIROS.

— Sob o título "Motomecanização" o Cap. WASHINGTON BUSCCONI, do Exército do Uruguai, em interessante artigo, na "Revista Militar y Naval", consigna, de inicio, as seguintes expressões: "O presente trabalho muito pouco tem de pessoal. Em essência, é uma tradução adaptada, tanto quanto possível, ao nosso ambiente, de uma conferência proferida na Escola de Motomecanização do Brasil, pelo brilhante instrutor de emprego de carros de combate, Cap. BEZERRA PESSOA. Ao publicá-lo, intento um duplo objetivo: primeiro, tributar uma modesta homenagem á NOSSA ESCOLA DE DEODORO". E mais adiante: "Nada melhor para os fins visados do que iniciar meus trabalhos com a publicação deste, que tem sua origem na Escola de Motomecanização do Brasil".

— Discurso pronunciado pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, Gen. Div. CANROBERT PEREIRA DA COSTA, na sessão inaugural da Confederação Sul-Americana de Atletismo, reunida no Rio de Janeiro. Transcrito em Revista Militar del Perú, n.º 6, de Junho último.

— "A Cavalaria mecanizada no Exército Norte-Americano", do Cap. TASSO V. AQUINO, em Revista Militar Argentina e em Ejercito (Espanha), n.º de Abril último.

*VIAGEM DE MILITARES SUL-AMERICANOS
AOS E. U. A.*

— Em outubro último partiram para os E. U. A. diversos chefes militares argentinos, entre os quais o Gen. SANGUINETTI, que declarou, ao chegar a Washington: "Somos chefes inspetores do exército argentino e eu exerce o cargo de inspetor geral. Visitaremos as forças e as academias militares dos Estados Unidos, a fim de conhecer a organização do exército norte-americano e estudar o que for aproveitável para nós". Comentando o fato, assinala Ejercito y Armada, em editorial: "Aproveitar tais ensinamentos redundará em benefício da amizade, da solidariedade e da cooperação dos governos, dos povos e das forças armadas de todas as nações americanas e, consequentemente, em benefício da paz, do progresso e felicidade das mesmas; em suma, em benefício da liberdade, da democracia e da defesa continental."

LIVROS NOVOS

A Instrução Militar Moderna

Pelo Tenente Coronel *MARIO POPPE DE FIGUEIREDO*

Com boa apresentação, em edição impressa nas oficinas IPF, do Instituto Progresso Editorial, S. A., de São Paulo, acaba de aparecer, prefaciado pelo General T. de Alencar Araripe, o livro "A Instrução Militar Moderna", de autoria do Tenente Coronel Mário Poppe de Figueiredo, do Estado Maior do Exército.

Embora surgindo quasi de surpresa, sem uma qualquer propaganda prévia, despertou o trabalho do Tenente Coronel Poppe particular interesse nos meios militares, especialmente nas Escolas.

Para isso, por certo, concorreram o valor profissional sobejamente conhecido do autor e a real oportunidade do assunto tratado.

De fato, as contingências da última guerra mundial em que também tomou parte e as circunstâncias do após-guerra, impuseram, ao Exército Brasileiro, a necessidade de fazer evoluir o método e os processos adotados na instrução de seus quadros e de sua tropa.

Método e processos a serem seguidos nessa evolução seriam, forçosamente, aqueles que, na prática da guerra, se tivessem evidenciado melhores, por isso que, codificados e obedecidos pelos vencedores.

Dessa forma, os padrões norte-americanos se firmaram, naturalmente, como marcos balizadores da transformação a que então se iria proceder.

O livro do Tenente Coronel Poppe, representando uma primeira tentativa de sistematização do método de instrução adotado no Exército Norte-Americano e de sua adaptação às necessidades do Exército Brasileiro, não necessita melhor recomendação.

Como bem dizem os autores do livro e do prefácio, talvez nem todo o trabalho se tenha revestido de completa originalidade, uma vez que, suas bases se assentaram, solidamente, nos manuais de instrução do Exército dos Estados Unidos.

No entanto, a idéia de reunir em pequeno tratado, escrito em português, os princípios do método e as particularidades de sua aplicação, foi original e só ela bastaria para realçar a grande utilidade da obra realizada.

De agora em diante, o novel instrutor que se queira inspirar nos modernos preceitos da pedagogia aplicada à instrução militar, achará nessa obra farto manancial e não precisará munir-se, préviamente, do clássico "dicionário de inglês".

Se em busca de uma sábia orientação para a sua faina diária, lá encontrará êle as *Regras básicas da instrução militar*: — "Todos os oficiais e praças que preparam, fiscalizam ou dirigem a instrução devem, constantemente, trazer na memória as seguintes regras básicas, pelas quais se devem orientar:

a) a instrução militar não é mais que a aplicação do bom senso aos fins militares. Quando convenientemente dada, muito pouco nela existe que a média dos indivíduos não possa compreender;

b) em geral, os instruendos encaram o instrutor com franca satisfação, ansiosos por receberem a instrução e prontos a se interessarem pelo seu novo trabalho. O exemplo de inteligência e entusiasmo do instrutor refletir-se-á nos instruendos. O desinteresse e o comodismo redundarão em pesadas sanções, mais tarde, no campo de batalha;

c) o homem comum se torna mais rápida e profundamente impressionado com um fato, quando êste lhe é ensinado como tendo um valor prático. É dever do instrutor, fazer seus alunos compreenderem o valor prático em combate dos conhecimentos ensinados;

d) a certeza de um progresso satisfatório estimula o interesse e o entusiasmo do instruendo. Quando merecidos, os elogios devem ser feitos, os esforços encorajados e os erros corrigidos por meio de uma crítica construtiva."

Pára modelo do seu proceder como comandante terá êle o capítulo referente à "*Fiscalização da instrução*": — "Não basta que o comando organize cuidadosamente seu plano de instrução; é preciso que fiscalize sua execução.

a) O comando deve fiscalizar toda a instrução ministrada pelos seus subordinados, atravéz visitas diárias e verificações.

O comando dá assistência aos seus comandados, coordena a instrução e quando necessário, corrige os erros observados.

b) A intervenção no trabalho de um subordinado, enquanto êste está ocupado na instrução de sua unidade, deve ser evitada, exceto para impedir erros sérios. Tal interferência tende a destruir, não sómente a iniciativa do subordinado, senão também a confiança e o respeito dos instruendos para com seu chefe. Se os processos empregados por um instrutor estão claramente errados e os resultados não satisfazem, deve-se tomar logo uma providênciam corretora. Só se deve corrigir o instrutor em particular; se necessário, substituí-lo.

c) A fiscalização diária é despida de formalidade e não deve interromper a continuidade da instrução.

d) As verificações da instrução devem ser feitas, sem formalidades, por todos os comandantes, com o fim de determinar o desenvolvimento da instrução. Tais verificações devem ser baseadas nos padrões de eficiência e objetivos prefixados para as unidades".

Finalmente, os "*Conselhos finais aos instrutores*" poderão constituir para ele um guia precioso e seguro para ser sempre seguido: — "Lembre-se que trabalha com soldados e não com máquinas. Como chefe de homens, procure conhecê-los bem, para ser capaz de assegurar sua cooperação e poder deles fazer bons soldados. Para isso:

a) SEJA JUSTO :

- 1) não mostre parcialidade ou favoritismo;
- 2) não responsabilize toda a classe pelos erros de alguns;
- 3) nunca proquite enganar. Os instruendos são inteligentes e percebem logo que estão sendo logrados. Se aparecerem perguntas as quais não sabe responder, confesse, estude-as e responda-as à classe, logo que possa;
- 4) não procure encobrir seus erros. A afirmativa "V. estava certo, eu é que estava errado" contribui para elevar o moral da classe;
- 5) não seja precipitado em seus juízos. O instruendo não deve ser castigado severamente apenas porque cometeu um erro;
- 6) nunca faça de um dever, uma punição. Isso tende a enfraquecer o ideal militar do dever, tornando-o em privilégio ou castigo. Ainda que servil, o dever deve ser cumprido voluntariamente. Os privilégios não devem ser confundidos com punições.

b) SEJA FIRME EM SUAS AÇÕES :

- 1) aja com decisão. Ao tomar uma decisão, leve em consideração todos os fatores que nela influem e proceda com convicção;
- 2) cumpra e faça cumprir suas decisões. Uma decisão justa, uma vez tomada, deve ser executada até o fim; uma ordem, uma vez dada, deve ser cumprida. Os instruendos respeitam o instrutor que sabe tomar decisões e executá-las;
- 3) mantenha a classe orientada para o seu objetivo. Esse objetivo deve ser preocupação constante do instrutor.

c) SEJA AMIGO DE SEUS HOMENS :

- 1) interesse-se pelos instruendos, procure conhecer seus antecedentes, problemas e realizações. Um índice do bom

instrutor é colocar a classe acima de seus interesses pessoais;

- 3) seja cortês. Não seja sarcástico, nem tente ridicularizar os instruendos. Quando êstes sofrem alguma desconsideração, ressentem-se, e um indivíduo nestas condições não está apto a compreender o que lhe é ensinado;
 - 4) tenha entusiasmo. O interesse na sessão de instrução é o melhor meio de assegurar a boa disciplina e rápido aproveitamento da classe, e esse interesse depende diretamente do entusiasmo do instrutor pelo assunto que ensina;
 - 5) seja animado. Os instruendos refletem a atitude do instrutor;
 - 6) procure ser bem humorado. Uma pequena história ou exemplo cria ambiente propício à explanação do assunto;
 - 7) estimule a participação dos instruendos. Um ambiente de real interesse é criado quando todos querem participar da discussão;
 - 8) procure assegurar a cooperação. Mostrando sua própria competência em todas as situações, demonstrando o desejo de auxiliar os instruendos, respeitando suas idéias e sugestões, o instrutor faz de sua classe uma verdadeira cooperativa de vontades e esforços;
 - 9) encoraje a iniciativa e a confiança de cada um em si próprio. Na guerra moderna, frequentemente, o homem é entregue a si mesmo. O soldado que aprendeu a pensar por si, é capaz de resolver problemas, no campo de batalha, para os quais não lhe foi ensinada a solução.
- d) Lembre, por fim, que a instrução é dada para assegurar o sucesso em combate. *APROVEITE todas as oportunidades para repetir ao instruendo que o que ele está aprendendo tem aplicação imediata na guerra*".

— Os pequenos senões, todos de ordem material, notados no trabalho, tais como: — uso da palavra *diretivas*, ao em vez de *diretrizes*, mais acorde esta com a pureza do vernáculo (páginas 17 e 26); emprêgo do neologismo *bubitape* em lugar de *armadilha*, termo já consagrado (pagina 47); a palavra *anfática*, talvez empastelamento de *enfática* (pagina 56); o cacofato "mamá" algumas vezes repetido (páginas 80, 178, 196); redação pouco clara devida a concordância incorreta de tempos de verbos na parte final do parágrafo 133 (pagina 112) — por certo que serão suprimidos na segunda edição que prevenmos muito próxima, de vez que, a primeira, dado o sucesso que tem alcançado, não demorará a esgotar-se.

Estão, pois, de parabens o Tenente Coronel Poppe pelo sucesso referido e os estudiosos do assunto pela nova e preciosa fonte de consultas posta ao seu alcance.

ALBERTO RIBEIRO PAZ

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no "Diário Oficial" no período de 20 de NOVEMBRO a 20 de DEZEMBRO de 1947.

INSTITUTO DE BIOLOGIA DO EX. — EFETIVOS DE OFICIAIS — (Aumento).

— Fica o quadro de efetivo em oficiais do Instituto de Biologia do Exército (anexo n.º 1 das Instruções aprovadas pela Portaria n.º 8.479, de 17-VII-1946) aumentado de um 1.º ou 2.º Tenente, de qualquer arma, do Quadro Auxiliar de Oficiais, para o desempenho das funções de Ajudante Secretário e Comandante do Contingente do referido Estabelecimento.

Aviso n.º 1.220 de 20-11-47 — D.O. 22-11-47.

PROVENTOS DE INATIVIDADE — (Parecer 166 Q)

Para efeito do cálculo dos proventos de inatividade relativos aos processos de transferência para a reserva e reforma de praças do Exército, anteriores à vigência do Decreto-lei n.º 3.698, de 2 de setembro de 1946, publique-se o parecer n.º 166 Q, de 29 de outubro último, emitido pelo Sr. Dr. Consultor Geral da República.

Aviso n.º 1.222 de 20-11-47 — D.O. 22-11-47.

ARMAZENS REEMBOLSAVEIS — (Alteração do aviso 1.016 de 26-9-47)

A solução dada à consulta de que trata o Aviso n.º 1.016 de 29-9-1947, passa a ter a seguinte redação:

I — Os oficiais da reserva remunerada ou reformados nomeados gerentes de Armazens Reembolsáveis Regimentais, de acordo com o regulamento aprovado por Decreto número 3.489, de 27 de dezembro de 1938 estão enquadrados nas disposições do Decreto-lei n.º 8.013, de 29-9-1945, pois exercem funções previstas na organização do Exército.

II — As gratificações mensais fixas, pagas aos oficiais reformados ou da reserva, de acordo com a parte final do § 1.º, do art. 3.º do Decreto n.º 3.489, mencionado, após a vigência do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército foram indevidas, devendo por isso, os mesmos sofrer carga da diferença entre a gratificação prevista pelo artigo 205, § 2.º do mesmo Código e a que hajam recebido, de acordo com o dispositivo acima referido do Decreto 3.489, em causa.

Aviso n.º 1.226 de 21-11-47 — D.O. 24-11-47.

A DEFESA NACIONAL

C.P.O.R. de Recife	Ten. Florival de Carvalho Sodré
C.P.O.R. de Belém	Cap. Moura Neto
C.P.O.R. de C. Grande	Ten. Antonio Vicente de Oliveira
C.P.O.R. de Fortaleza	Ten. Retumba
N.F.T. de Paraquedista
E. Saúde	Cap. Mario Oswaldo de Magalhães
C.E. Eq.	Cel. Godofredo Vidal
E.E.M.Aé.	Ten. Ivan de Souza Mendes
E.S.A.
E.A.C.	Ten. Aldelino Rodrigues
G.U.E.

INFANTARIA

Btl. Gda.	Ten. Ismael da Rocha Teixeira
Reg. Esc. Inf.	Ten. Vitorino Carneiro Monteiro
1. ^º R.I.	Ten. Raymundo Cavalcante da Silva
2. ^º R.I.	Ten. Johnson de Andrade
3. ^º R.I.	Ten. João Brito Jorge
4. ^º R.I.	Ten. Henrique A. Telles
5. ^º R.I.	Cap. Pedro José da Silva Neto
6. ^º R.I.	Ten. Sinesio Rafael de Araújo
II/6. ^º R.I.	Ten. Hermogenes A. Encarnação
7. ^º R.I.	Cap. Geraldo S. Pereira Bezerra
III/7. ^º R.I.	Ten. Paulo B. Medeiros
8. ^º R.I.	Cap. Kival Saldanha da Cunha
III/8. ^º R.I.	Ten. Luiz de Souza Vignolo
9. ^º R.I.	Ten. Mario Costa Pereira
10. ^º R.I.	Ten. Edgard Luiz Guedes
11. ^º R.I.	Ten. Oswaldo Lopes
12. ^º R.I.	Ten. Josmar Silva
13. ^º R.I.	Cap. Osmario S. Niemeyer
III/13. ^º R.I.	Ten. Antônio Leal do Vale
14. ^º R.I.	Cap. José Monteiro Pinheiro
15. ^º R.I.
16. ^º R.I.	Ten. Zefiel Gouvêa de Mattos
17. ^º R.I.
20. ^º R.I.	Ten. Martiniano C. Farolin
1. ^º B.C.	Cap. Thiago C. Beviláqua
2. ^º B.C.
3. ^º B.C.	Ten. José Pereira dos Santos
4. ^º B.C.	Ten. Francisco Calle Junior
5. ^º B.C.	Ten. José Pinto de Siqueira
6. ^º B.C.	Ten. José Morais de Oliveira
7. ^º B.C.	Ten. Francisco de França Guimarães
8. ^º B.C.	Ten. José Lopes Teixeira
9. ^º B.C.	Ten. Luiz O. Diniz Campos
10. ^º B.C.
13. ^º B.C.	Ten. Waldyr de Paula
14. ^º B.C.	Ten. Henrique Klappoth Junior
15. ^º B.C.
16. ^º B.C.	Ten. Joathan Silva Jardim
17. ^º B.C.	Cap. Olavo Loureiro de Oliveira
18. ^º B.C.
19. ^º B.C.	Ten. Luiz Arthur de Carvalho
20. ^º B.C.	Ten. Sostenes Almeida Montenegro

	Inf.	10
Oficiais de Transmissões (arts. 3 e 4) — 1.º turno de 1-3 a 24-7 — 2.º turno: de 9-8 a 31-12	Cav.	5
	Art.	5
	Eng.	10
Sargentos de Transmissões (arts. 6 e 7) — 1.º turno 1-3 a 3-7 — 2.º turno: 9-8 a 11-12	Inf.	12
	Cav.	8
	Art.	8
	Eng.	12
Radiotelegrafistas (arts. 9 e 10) turno único de 1-2 a 16-10		
Mecânico de Rádio (arts. 12 e 13) turno único de 1-2 a 24-12	— Praças	60
Mecânico de Telefone, Telegráfo e Central Telefônica (arts. 15 e 16) turno único de 19-7 a 24-12	— Praças	30
Mecânico Eletrecista (arts. 18 e 19) 1.º turno de 1-3 a 29-5 — 2.º turno de 27-9 a 24-12	— Praças	30
	— Praças	30

b) Datas e limites de entrada dos requerimentos:

Art. 21. A matrícula será feita, em princípio, mediante requerimento.

Os requerimentos de oficiais deverão ser dirigidos ao Comandante do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo devendo dar entrada naquele Centro:

— Até 15 de novembro de 1947 para o 1.º turno.

— Até 20 de abril de 1948 para o 2.º turno.

Os requerimentos de praças deverão ser dirigidos ao Comandantes da Escola de Transmissões do Exército, em Deodoro, devendo dar entrada naquela Escola:

— Até 15 de dezembro de 1947 para os turnos que se iniciam a 1 de março de 1948;

— Até 31 de março de 1948 para os demais turnos.

Parágrafo Único:

c) Causas de inabilitação no exame de seleção.

Art. 34 — Será considerado inabilitado no exame de seleção o candidato que:

a)

b)

c) obtiver grau zero (0) em qualquer das matérias do exame de seleção intelectual;

d) obtiver grau inferior a quatro (4) no conjunto das provas do exame de seleção.

Aviso n.º 1.232 — D.O. de 29-11-947

INSTRUÇÕES PARA FORNECIMENTO DE GASOLINA — (Aprovação)

Ficam aprovadas as "Instruções para fornecimento de gasolina mediante indenização" elaboradas pela Diretoria de Moto-mecanização e destinadas a regularizar esse fornecimento, às Uni-

A DEFESA NACIONAL

21. ^º B.C.	Ten. Américo Vespúcio dos Santos
23. ^º B.C.	Ten. José Edniázar de Almeida
24. ^º B.C.	Cap. Arthur Teixeira de Carvalho
25. ^º B.C.	Ten. Cecil Wal B. de Carvalho
26. ^º B.C.	Ten. Pedro E. Bastos
27. ^º B.C.	Cap. José Eurípedes F. Gomes
28. ^º B.C.	Cap. Lindomar de Freitas Dutra
32. ^º B.C.
33. ^º B.C.
37. ^º B.C.	Ten. Joaquim Carvalho
40. ^º B.C.	Ten. José Francisco do A. Botelho
1. ^º B.I.B.	Ten. Jorge S. de Seixas
2. ^º B.I.B.
1. ^º B.C.C.L.	Cap. Alcides C. Castro e Silva
2. ^º B.C.C.L.	Ten. George Tenorio de Noronha
3. ^º B.C.C.L.	Maj. Felicissimo de Azevedo Aveline
1. ^º Cia. de Gdá.	Ten. Marcilio Siqueira
2. ^º Cia. de Gdá.	Ten. Mario Melo Costa
Cia. de Gdá do M.G.	Ten. Nilton Ferreira de Freitas
Cia. de Gdá. Azllo I. da Pátria.	Ten. René Chamusca
Cia. de Gdn de F. Noronha	Ten. Antonio Ferrari
1. ^º Btl. Front.
2. ^º Btl. Front.	Ten. Hélio Vilanova Torres
2. ^º Cia. I. Front.	Ten. Arlindo Maciel M. Barreto

CAVALARIA

Q.G. da 1. ^a D.C.
Q.G. da 2. ^a D.C.
Q.G. da 3. ^a D.C.
R.E.C. (Reg. A. Neves)	Ten. Avatar Fontoura Rangel
R.C.G.	Ten. Dilogo de Oliveira Figueiredo
1. ^º R.C.	Ten. Teófilo Lopes de Siqueira
2. ^º R.C.	Ten. Daleth Mello
3. ^º R.C.	Ten. Anaurelino Cunha D'Avila
4. ^º R.C.	Ten. Antonio E. de Oliveira
5. ^º R.C.
6. ^º R.C.	Ten. Luiz Pires Ururahy Neto
7. ^º R.C.	Cap. Mareu Eurico de Abreu Ferreira
8. ^º R.C.
9. ^º R.C.
10. ^º R.C.	Ten. Arthur Guimarães Prado
11. ^º R.C.	Ten. Ivan Calou
12. ^º R.C.	Cap. Alfredo da Cunha Garcia
13. ^º R.C.	Ten. Viríssimo Pires Bacellar
14. ^º R.C.	Ten. Hermínio Gomes da Silva
15. ^º R.C.
17. ^º R.C.
18. ^º R.C.	Ten. Deck de Castro Chagas Telles
20. ^º R.C.	Ten. Caetano Pinto Rocha
II/20. ^º R.C.	Ten. Hamilton N. Viana
1. ^º R.C. Mec.
2. ^º R.C. Mec.
3. ^º R.C. Mec.	Ten. João Wilson Vaz
1. ^º R.C. Mot.	Cap. José Lemos de Avelar

dades Administrativas e aos oficiais, sub-tenentes e sargentos proprietários de automóveis particulares.

Instruções para fornecimento de gasolina mediante indenização

I — A fim de regularizar o serviço de abastecimento de combustível indenizável às Unidades Administrativas e aos militares proprietários de automóveis, fica estabelecido que nas Regiões onde se encontram sediados Depósitos Regionais de Motomecanização (1.^a, 2.^a, 3.^a e 7.^a), esse serviço passa a ser de responsabilidade exclusiva dos referidos Depósitos. Nas demais Regiões, o serviço continuará a cargo do Q. G.

II — Para fiel cumprimento do item anterior fica assim regulado o serviço de abastecimento de combustível indenizável:

A — Unidades administrativas

1 — As Unidades Administrativas localizadas nas sedes das Regiões o fornecimento se processará mediante pagamento à vista;

2 — As Unidades Administrativas sediadas no interior enviarão à tesouraria do D.R.M.M. (Q.G.R.), até o dia 10 de cada mês, a importância correspondente a cota indenizável que lhe for fixada pela D.M.M.;

3 — De acordo com as importâncias recebidas o D.R.M.M. (Q.G.P.) providenciará incontinente, isto é após o dia 10, à remessa à U.S. do combustível respectivo;

4 — Os fornecimentos não poderão ultrapassar às cotas fixadas pela D.M.M., salvo autorização especial desta Diretoria.

B — Carros Particulares

1 — Fica instituído o registro prévio de veículos particulares de propriedade dos oficiais, subtenentes e sargentos. O registro prévio, é feito, na sede dos D.R.M.M. ou nos Q. G. Regionais (quando não houver D.R.M.M.), em fichas especiais, atendendo:

a) oficiais, subtenentes e sargentos da ativa, em serviço nas sedes das regiões, mediante pedido verbal do interessado;

b) oficiais, subtenentes e sargentos da ativa em serviços nas Unidades do interior, por intermédio das U.A. nos D.R.M.M. (Q.G. Regionais);

c) oficiais da reserva de 1.^a classe mediante autorização do Diretor da D.M.M. na Capital Federal e dos Comitês das Regiões Militares nos demais casos;

d) oficiais da reserva de 2.^a classe quando convocados durante o período de estágio, por solicitação do Cmdo. da Unidade, aos D.R.M.M. (Q.G.R.).

2 — Para o registro prévio devem os interessados satisfazer as seguintes condições:

a) apresentação de comprovantes de propriedade do automóvel ou motocicleta (recibo de quitação ou documento equivalente);

b) estar o veículo devidamente licenciado.

3 — Na ficha de registro deverá constar o número do motor.

A DEFESA NACIONAL

2.º R.C. Mot.
3.º R.C. Mot
1.º B.C.C.
2.º B.C.C.
3.º B.C.C.
Gr. Rec. Rec.

Ten. Dr. Arno Schifschitte
Ten. Elvidio Pinto de Moraes
Cap. Luiz Soares dos Santos Neto

R.E.A.

1.º G.O.155
2.º G.O.155
1.º R.O.105
III/1.º R.O.105
2.º R.O.105
I/2.º R.O.105
I/3.º R.O.105
I/4.º R.O.105
I/7.º R.O.105
1.º G.O.75
2.º G.O.75
6.º G.O.75
3.º R.A.M.75
5.º R.A.M.75
6.º R.A.M.75
8.º R.A.M.75
9.º R.A.Cav.75
1.º G.A.Cav.75

5.º G.A.C. (Fort. de Itaipu)

Fort. Coimbra

Fort. dos Andradadas

Fort. Duque de Caxias

1.º G.A.C.M.

2.º G.A.C.M.

3.º G.A.C.M.

4.º G.A.C.M.

5.º G.A.C.M.

6.º G.A.C.M.

7.º G.A.C.M.

8.º G.A.C.M.

12.º G.A.C.M.

1.º G.A.C. Ferroviário

I/1.º R.A.A. Aé.

I/2.º R.A.A. Aé

I/3.º R.A.A. Aé.

Ten. Lidio Alvite
Ten. Gustavo Stock Filho
.....
Cap. Hermes Guimarães
Ten. Noredin Braga
Ten. Carlos Gomes
Ten. Adalberto Gomes Macedo
.....
Ten. Geraldo Rego Campelo
Ten. Decio Barbosa Machado
Ten. Nero Franga Ribeiro
Ten. Gercy Teles de Menezes
Ten. Paulo Afonso F. Viana
Ten. Helio Amaral
Ten. Carlos Alberto Gama Miranda
.....
Ten. José Moraes Corrêa Neto

Maj. Americo Ferreira da Silva

Ten. Walter S. de Azevedo

Ten. Miguel Moreira Pedreira

Ten. Luiz de Alencar Araripe

Ten. José de Sá Ferreira

Ten. Ruy Aires Lobo

Ten. C. Pereira de Almeida

Ten. José Thomaz de Barros

Ten. Dario Othon

Ten. Waldir Amorim

Ten. Confucio Pamplona

Cap. Ismar Gonzaga Roland

Ten. José Francisco de Oliveira

ENGENHARIA

B.E. Eng.º

1.º B.E. (Btl. V. Cabrita)

2.º B.E.

3.º B.E.

4.º B.E.

7.º B.E.

2.º B.F.V.

2.º Cia. Trans.

Ten. Luiz de Almeida Barreto

Ten. Lourival Ribeiro do Rosário

Ten. C. Celso de Araujo

Ten. Herbert José Consensa

Cap. Veridiano Porto

Maj. Ari Saldanha da Costa

Ten. Murilo C. Andrade Fraenkel

marca, modelo, ano de fabricação, número da placa, número da carteira de motorista e nome do motorista.

4 — Os pagamentos serão processados de modo idêntico ao das U.A.

5 — As cotas mensais fixadas para carros e motocicletas particulares são as seguintes:

Distrito Federal e São Paulo (Capital).	
Automóveis de turismo	lts. 400
Motocicletas	lts. 50
Capitais de outros Estados e cidades do interior	
Automóveis de turismo	lts. 200
Motocicletas	lts. 50

III — Para as Unidades Administrativas sediadas no interior as entregas poderão se processar por trimestre. Aos oficiais, subtenentes e sargentos em serviço no interior o fornecimento pode se processar em condições idênticas.

IV — O oficial subtenente e sargento quando transferido de Região, ao ser desligado terá automaticamente cassado o seu registro.

V — Indenização à D.M.M.

1 — As remessas à D.M.M. das quantias correspondentes ao fornecimento de combustíveis indenizáveis efetuados, devem ser feitas até o 15.^º dia útil de cada mês pelos D.R.M.M. ou Q.G. Regionais.

2 — Os relatórios n.^o 5 e 6 deverão ser remetidos impreterivelmente até o 5.^º dia útil de cada mês.

3 — As importâncias remetidas em cheques ou ordens telegráficas devem obedecer às seguintes normas:

a) Cheques — Grampeados ao ofício de remessa devendo este esclarecer: Unidade abastecida, quantidade fornecida, preço unitário do mesmo e o mês correspondente ao fornecimento;

b) Ordem Telegráfica — Comunicação radiográfica citando número da O.T. e que a referida ordem refere-se a gasolina e lubrificantes indenizáveis em determinado mês. As Guias de Remessa posteriormente enviadas elucidarão o restante.

4 — O não cumprimento das disposições acima implica automaticamente na suspensão do fornecimento de combustíveis indenizável.

Aviso n.^o 1.264 de 3-12-47 — D.O. de 6-12-47.

NUCLEOS DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DE RESERVA — (Criação)

De acordo com o artigo 141 do Regulamento para os C.P.O. R., são criados, em Juiz de Fora, Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva de Infantaria e Artilharia, anexos, respectivamente ao 12.^º Regimento de Infantaria e 1-4.^º Regimento de Obuses 106.

Aviso n.^o 1.266 de 3-12-47 — D.O. 6-12-47

CERTIFICADOS DE RESERVISTA A ALUNOS DO COLEGIO MILITAR

Nos certificados de reservista expedidos aos alunos do Colégio Militar por conclusão do curso de acordo com a letra a, do art. 103, do Decreto-lei n.^o 9.500, de 23 de julho de 1946 — Lei do

A DEFESA NACIONAL

3.^º Cia. Trans. Ten. Heitor Miranda Calmon
5.^º Cia. Trans. Ten. José Geraldo Barroso
9.^º Cia. Trans. Ten. Tesla de Medeiros

FORÇAS POLICIAIS

Policia Militar do D.F.	Ten. Armando Dezemone
Fôrça Pol. do Amazonas	Cap. Antonio A. Pará Bittencourt
Fôrças Pol. do Pará	Ten. Durval Nogueira de Souza Filho
Fôrça Pol. do Maranhão	Cel. Carlos Moscoso
Fôrça Pol. do Piauí	Ten. Santiago Vasques Filho
Fôrça Pol. do Ceará	Ten. Geraldo Faria de Paiva
Fôrça Pol. do R.G. do Norte
Fôrça Pol. da Paraíba	Cap. José Jardim de Sá
Fôrça Pol. de Pernambuco
Fôrça Pol. de Alagoas
Fôrça Pol. de Sergipe
Fôrça Pol. da Bahia
Fôrça Pol. do Esp. Santo	Ten. Antenor O. Plotheger
Fôrça Pol. do Est. do Rio de Janeiro
Fôrça Pol. do Paraná
Fôrça Pol. de Santa Catarina	Ten. Antonio da Costa Dias Filho
Fôrça Pol. de Minas
Fôrças Pol. de Goiás
Fôrça Pol. de Mato Grosso	Cel. Cristovão de Oliveira e Silva
Fôrça Pub. de S. Paulo	Ten. Salvador Teixeira Sofia
Bda. Militar do Rio Grande do Sul

Serviço Militar — deverá constar a arma — Infantaria, Cavalaria ou Artilharia — na qual se fizeram reservistas.

Aviso n.º 1.289 de 3-12-47 — D.O. 6-12-47.

INCORPORAÇÃO DE CONVOCADOS — (Adiamento)

Declaro que os cidadãos das classes convocadas que tiverem matrícula compulsória no C.P.O.R., com amparo na Lei de Ensino Militar, te-la-ão adiada para dezembro do ano de incorporação da classe.

Aviso n.º 1.274 de 5-12-47 — D.O. de 6-12-47.

NÚCLEOS DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DE RESERVA — (Criação)

De acordo com o artigo 141 do Regulamento para os C.P.O.R., é criado, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, um núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva anexo ao 3.º Regimento de Infantaria.

Aviso n.º 1.282 de 5-12-47 — D.O. 11-12-47.

DEPÓSITO CENTRAL DE MATERIAL DE MOTOMECHANIZAÇÃO — (Autorização)

1. Autorizo, de acordo com o artigo 83 do Decreto-lei n.º 9.500, de 23-7-46 (Lei do Serviço Militar), o Depósito Central de Material de Motomecanização a receber voluntários até o limite dos claros a preencher.

2. Os candidatos deverão satisfazer as condições estabelecidas nas alíneas a), b), d), e e), do art. 82 da mencionada Lei do Serviço Militar.

Aviso n.º 1.290 de 10-12-47 — D.O. 12-12-47.

INSTRUÇÕES PARA FUNCIONAMENTO DE CURSOS NO C.I.D.A. Aé. **(Revalidação)**

Ficam revalidadas, para o ano de 1948, as Instruções para funcionamento dos diferentes cursos do Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea, aprovadas pela Portaria n.º 9.857, de 5 de dezembro de 1946, com as seguintes modificações:

1. Requisitos para matrícula no Curso D:

Art. 3.º O candidato deve preencher os seguintes requisitos:
a) Para o curso D:

Ser sargento da Arma de Artilharia;

Estar classificado, pelo menos no "Bom" comportamento;

Ter sido julgado apto em inspeção de saúde na sede da guarnição onde servir;

Ter merecido juízo favorável do Comandante da força a que pertencer;

Não pertencer a quadro especializado e não possuir outra especialização;

Ter sido aprovado nas provas de seleção intelectual e estar classificado dentro do número de vagas prefixado.

2. Datas:

Inicio dos cursos (art. 2.º § 1.º)

B e D: 1 de março de 1948.

B 1: 1 de agosto de 1948.

Requerimentos de inscrição (artigo 4.º):

Até 31 de dezembro de 1947 — para matrícula nos Cursos

B e D

De 1 a 15 de junho de 1948 — Para matrícula no Curso B 1.

Realização das provas de seleção intelectual:

Art. 5.º As provas de seleção intelectual, para matrícula no Curso "D", serão realizadas nos dias 3 e 10 de janeiro de 1948.

3. Número de matrículas:

Art. 10. O número de matrículas no ano de 1948 será o seguinte

- Curso B 1 — 5 oficiais superiores;
- Curso B — 15 oficiais (Capitães e Tenentes modernos);
- Curso D — 50 sargentos.

Aviso n.º 1.306 de 16-12-47 — D.O. 18-12-47.

MATRÍCULA NO CURSO DE PREPARAÇÃO DA E.T.E. — (Fixação)

É fixado em 80 (oitenta) o número de matrículas em 1948, no Curso de Preparação da Escola Técnica do Exército.

Nessas vagas serão incluídos os oficiais que têm a matrícula assegurada pelo Aviso n.º 2.929, de 27 de Outubro de 1945:

Aviso n.º 1.307 de 16-12-47 — D.O. 18-12-47.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES — (Gratificações e diárias pro-labore)

— Ficam arbitrádias da forma abaixo as gratificações e diárias pro-labore ao pessoal de ensino do Centro de Instrução de Transmissões Regional da 4.ª Região Militar:

Gratificações Mensais

	Cr\$
1. Diretor	300,00
4. Instrutores a	150,00

Diárias

	Cr\$
4. Sargentos monitores a	4,00
2. O pagamento das vantagens acima deverá ser feito a partir da data do funcionamento do Curso.	

Aviso n.º 1.311 de 16-12-47 — D.O. 18-12-47.

A SOLUÇÃO PRÁTICA E ECONÓMICA DO PROBLEMA DO PETRÓLEO EM SÃO PAULO E A "SOCIEDADE INDUSTRIAL DE ROCHAS BETUMINOSAS"

O Brasil é um dos países mais ricos em petróleo do mundo. Não se trata duma afirmativa gratuita mas profundamente verdadeira e de fácil comprovação, ainda mesmo que sejam insignificantes as suas reservas de petróleo de sub-solo.

Na verdade, imensos são seus horizontes de xistos e turfas betuminosas, também fontes de óleos carburantes e lampantes. Eles se estendem por todo o território brasileiro, desde o extremo norte do País até o Uruguai, sendo que, em Santa Catarina, o denominado campo de Iratí, apresentando afloramentos em São Paulo e no Paraná, tem, segundo informações fidedignas, uma profundidade de cerca de 300 metros.

O aumento do consumo de petróleo e seus derivados em todo o mundo, mercê da generalização cada vez maior dos motores de explosão, sobretudo aos transportes e às indústrias, é deveras impressionantes. Doutra parte, os campos petrolíferos de certas regiões, outrora, intensamente produtivos, como algumas dos Estados Unidos e do México, estão com sua produção em franco declínio, causando a êsses países as mais sérias apreensões. Há mesmo quem estime que as reservas americanas estarão inteiramente exgotadas dentro de vinte anos.

As gigantescas reservas do Oriente Médio, por outro lado, ameaçadas pela União Soviética; estarão provavelmente perdidas, na hipótese de uma guerra, pelas nações ocidentais.

De tudo isso resulta imperioso procurar-se, tal como já o fizeram vários países pobres em petróleo, um sucedâneo para êsse indispensável propulsor da vida moderna.

A Alemanha procurou-o através da hidrogenização do carvão enquanto o Japão, em Fushum, a Estônia e a Suécia em Kvarntorp e Kineekule, embora tratando minérios muito mais pobres que os brasileiros, o buscaram através da distilação e refinaria dos xistos e turfas betuminosas.

A Suécia, durante a última guerra, cortados em virtude do bloqueio os seus suprimentos normais de petróleo, foi constrangida a encarar o grave problema com decisão e firmeza. Com fundos do Estado foram construídas no centro do País aquelas duas usinas que produziram, distilando xistos betuminosos e refinando o óleo primário assim obtido, os carburantes e os lubrificantes indispensáveis às

A DEFESA NACIONAL

susas indústrias e transportes. E, hoje, as "usinas suecas já satisfazem as necessidades mais urgentes de óleos pesados para motores Diesel, cobrindo inteiramente as de suas forças armadas".

Este exemplo seguem em São Paulo, homens esclarecidos e patriotas que, com a nítida compreensão do papel estratégico e económico do petróleo na vida contemporânea, procuram dar início de forma objetiva e prática, à grande obra de produção com os nossos próprios recursos minerais e técnicos, dos combustíveis e lubrificantes nacionais, libertando o país da dependência estrangeira e, com isso, concorrendo para diminuir a evasão do nosso ouro, em grande parcela empenhado na aquisição de óleos minerais e seus derivados.

A matéria prima utilizada será xisto betuminoso de que é riquíssimo todo o Vale do Paraíba. As distilarias especificamente construídas para o tratamento daquela matéria prima, serão fabricadas sob patente e direção técnica, de engenheiros brasileiros em São Paulo. As refinarias destinadas ao tratamento do óleo primário resultante da distilação serão também de construção nacional.

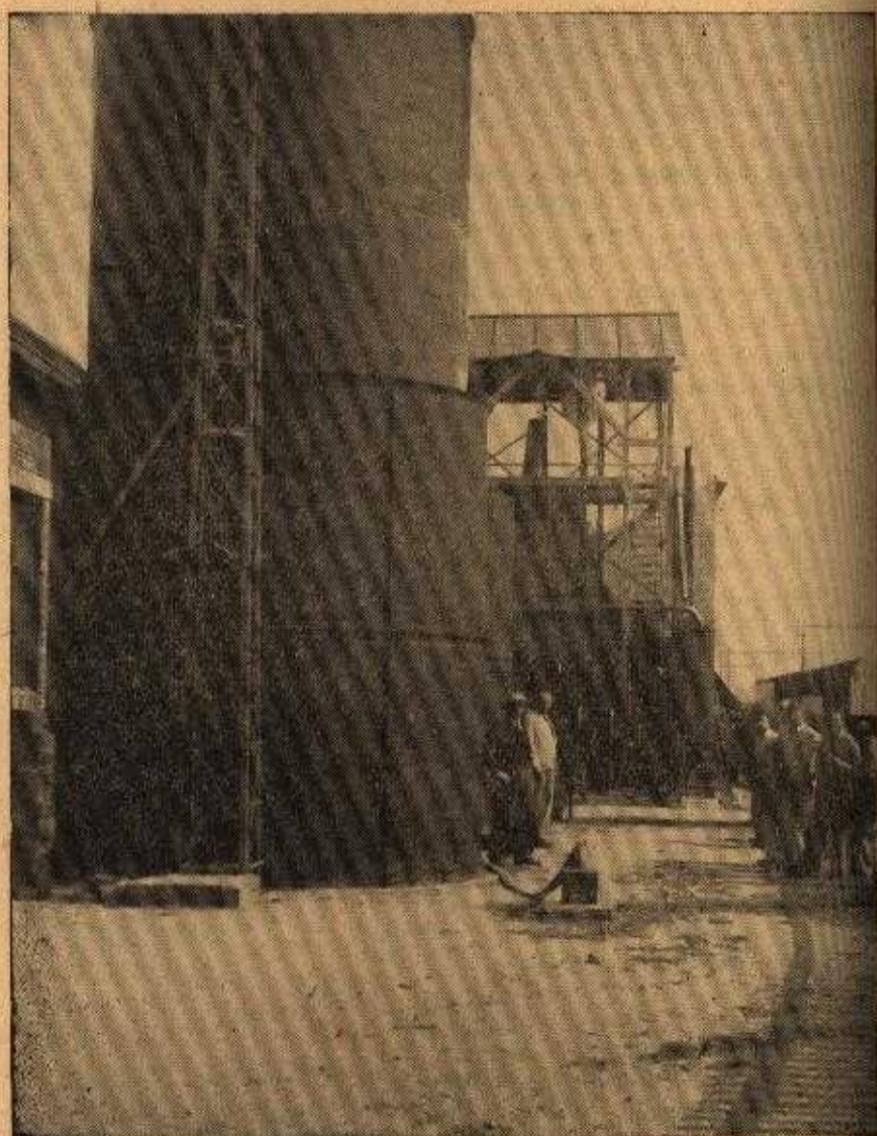
Segundo o programa traçado pelos dirigentes da "Sociedade Industrial de Rochas Betuminosas", todos homens de proeminente posição nas indústrias e no comércio de São Paulo, deverão estar instaladas nestes próximos oito meses, quarenta e oito oleógenos para uma produção diária de 100.000 Kg. de petróleo bruto que desdobrados, darão por dia :

12.000 litros de gasolina
9.000 " ligroina (sólvente para tinta)
6.000 " querozene
54.000 " óleo Diesels
14.500 " fuel-oil
8.000 quilos de parafina
32.000 metros cúbicos de gaz com 8.000 calorias
5.000 quilos de resíduos que, por sua vez, convenientemente tratados, darão :

- 1) carbotozil (tipo excelente de carvão ativo)
- 2) terra fuller
- 3) Filler número 200 (enchimento para matérias plásticas)
- 4) pozolamite (elemento que entra na composição do cimento).

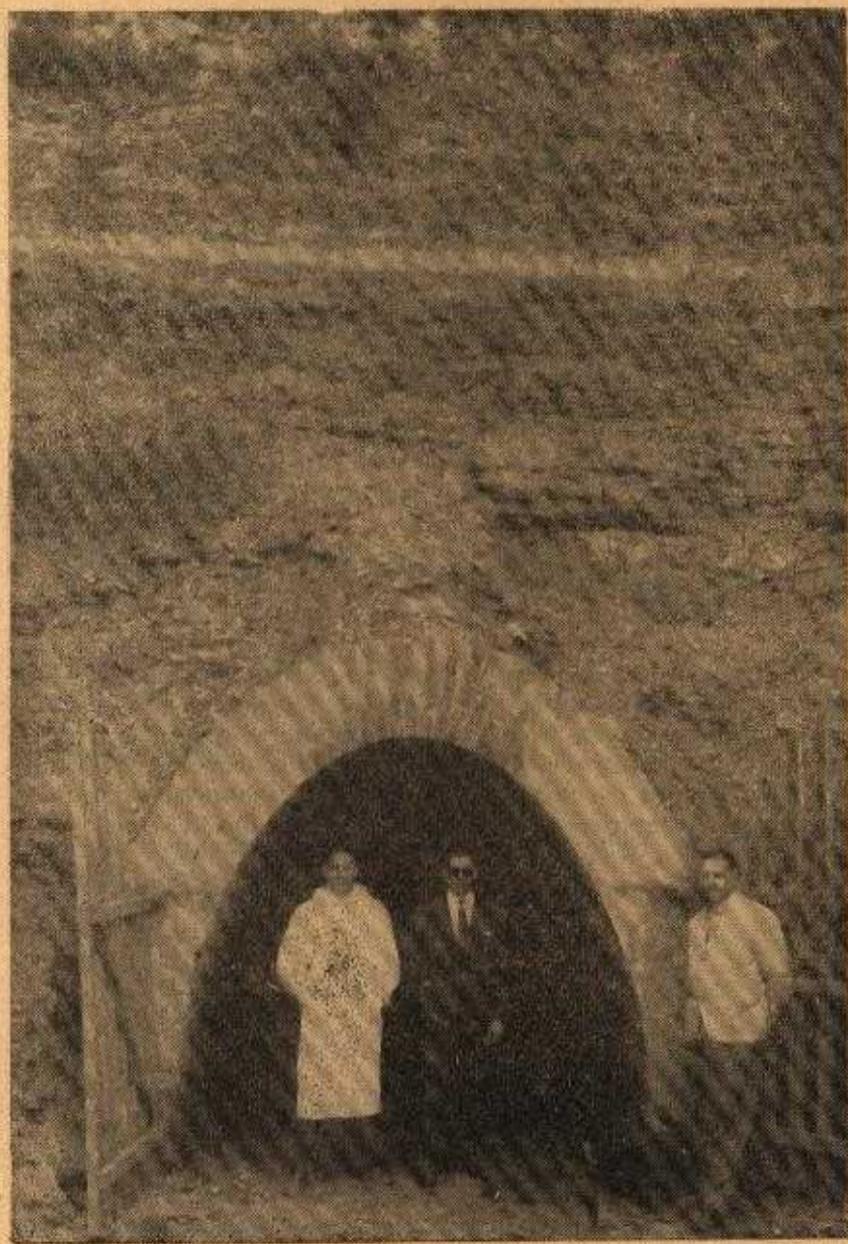
O Governo do Estado de São Paulo, segundo, neste particular, o exemplo da República, procura, na clara e patriótica compreensão do que a solução do problema do petróleo testemunhará na economia e na segurança do Brasil, incentivar, seja amparando financeiramente, seja assistindo tecnicamente, as organizações que, à seme-

A DEFESA NACIONAL



Dieógeno construído em São Paulo, de patente nacional, modelo para mais 48 a serem instalados no Vale do Paraíba pela "Empréssia Industrial de Rochas Betuminosas".

A DEFESA NACIONAL



Túnel de entrada de uma das galerias das minas de xisto, da "Empresa Industrial de Rochas Betuminosas", em Pindamonhangaba.

A DEFESA NACIONAL

lhança da "Sociedade Industrial de Rochas Betuminosas", com sede em São Paulo, procuram encarar e resolver tão palpitante questão.

A "Sociedade Industrial de Rochas Betuminosas" dispõe de extensas, profundas e ricas jazidas de xisto betuminoso, cujo teor médio de óleo é de 10% em suas camadas industrializáveis e cuja posse permitirá uma exploração ininterrupta e intensiva de algumas centenas de anos.

É interessante assinalar que as distilarias e a refinaria a serem construídas no Vale do Paraíba para a produção industrial do petróleo e de seus derivados, são, como acima ficou dito, de invenção e patente nacionais, expressando características e melhoramentos que as mais perfeitas e económicas do mundo, consoante a opinião abalizada de vários técnicos nacionais e estrangeiros.

Estão sendo construídos em São Paulo, em estabelecimentos e por técnicos nacionais e, dentro em breve, estarão contribuindo, em plena produção industrial, ao lado de Volta Redonda, para o reerguimento do Vale do Paraíba, o futuro Ruhr Brasileiro na expressão feliz de um economista.

As distilarias serão aquecidas com parte dos gases não condensáveis (2/3), aproveitando-se o restante para fins industriais o que implica num gasto mínimo de combustível para alimentação das retortas.

São Paulo que, graças à iniciativa e à capacidade realizadora de seus filhos, sempre marchou à vanguarda de todos os grandes empreendimentos, ainda desta feita e neste imperante setor da vida económica da Nação, traçará, mercê da coragem, da confiança e do patriotismo dos homens que compõem a "Sociedade Industrial de Rochas Betuminosas", diretrizes aos demais Estados do Brasil.

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra — 4.º andar — Ala Marçilio Dias

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal 32, Ministério da Guerra

Colaborações: Cel. Armando Vilanova P. de Vasconcelos, mesmo endereço

PREÇO DE ASSINATURA

ANO

— Oficiais	Cr\$ 80,00
— Praças	Cr\$ 80,00

SEMESTRE

— Oficiais	Cr\$ 40,00
— Praças	Cr\$ 40,00

ASSINATURA COMERCIAL

Anual	Cr\$ 200,00
NÚMERO AVULSO	Cr\$ 10,00

Obs.: — O pagamento das assinaturas pode ser feito de acordo com o plano B.

A PUBLICIDADE NA A DEFESA NACIONAL

TABELA DE PREÇOS:

Capa externa	Cr\$ 3.000,00
Capa interna	Cr\$ 2.500,00
Página inteira	Cr\$ 1.200,00
1/2 página	Cr\$ 650,00
1/4 página	Cr\$ 350,00

Colaboram neste número:

Gen. George C. Marshall
Cel. J. B. Magalhães
Ten. Cel. Descartes Cunha
Ten. Cel. Heitor Borges Fortes
Ten. Cel. Franklin do Nascimento
Ten. Cel. Adalardo Fialho
Ten. Cel. Mário Poppe de Figueiredo
Maj. José Campos de Aragão
Maj. Arnold Ramos de Castro
Major Paulo Enéas P. da Silva
Maj. Jardel Fabricio
Cap. Monra Neto
Cap. Alberto Cardoso
Cap. Raul da Cruz Lima Junior
Cap. Rui Alencar Nogueira
Cap. Moacyr Ribeiro Coelho
Ten. Rubem Mário Jobin
1.^a Ten. Germano Seidl Vidal
1.^a Ten. Diógenes Vieira Silva



Cr\$ 8,00

EDITORIA A NOITE
Av. Rodrigues Alves, 435